

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

Emerson Sbardelotti Tavares

A Opção pelos Pobres na poesia de Patativa do Assaré

Mestrado em Teologia

São Paulo

2016

Emerson Sbardelotti Tavares

A Opção pelos Pobres na poesia de Patativa do Assaré

Mestrado em Teologia

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Teologia, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Manzatto.

São Paulo

2016

Banca Examinadora

Aos teólogos e teólogas da libertação, pela coragem em tempos de
fundamentalismo religioso.

A Dom Pedro Casaldáliga, pela poesia profética e fiel esperança.

A João Batista Libanio (in memoriam).

Ao poeta Patativa do Assaré (in memoriam).

“Quem acaricia os pobres, toca a carne de Cristo!”.

Papa Francisco

“Me taxar de comunista
é um crime é um pecado
é atravessar a pista
cego, surdo e aleijado
se com sentimento nobre
o que defender o pobre
grande comunista é
pertencente a mesma lista
o primeiro comunista
foi Jesus de Nazaré!”.

Patativa do Assaré

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, por terem me concedido a bolsa de estudos integral, proporcionando a realização do Mestrado em Teologia e desta dissertação.

Agradecimentos

A Deus, pela sapiência e paciência concedida.

A minha família que sempre está ao meu lado nas horas felizes e tristes.

Ao meu orientador Prof. Dr. Antonio Manzatto, que soube me ajudar a entender melhor o diálogo entre Teologia e Literatura, que soube me dar uma palavra de carinho e conforto quando tudo já parecia perdido e confuso.

Ao Prof. Dr. Boris Agustin Nef Ulloa que foi a primeira pessoa que me incentivou a fazer o Mestrado em Teologia.

Ao Prof. Dr. José Oscar Beozzo pelas longas e prazerosas conversas sobre a História do Concílio Ecumênico Vaticano II e sobre a Teologia da Libertação.

Ao Prof. Dr. Gilmar de Carvalho que me enviou vários documentos e livros sobre e do poeta Patativa do Assaré.

A Profa. Dra. Agnese Costalunga que me abriu as portas do ITESP para que eu pudesse realizar consultas na biblioteca para esta dissertação.

Aos Profs. Drs. Alex Villas Boas, Donizete José Xavier, Ênio José da Costa Brito e Ney de Souza por todas as dicas dadas durante a caminhada acadêmica.

A Ana Maria Silva Lemos que fez a correção ortográfica e gramatical; se tornando uma apaixonada pela obra do poeta Patativa do Assaré.

Resumo

Sob a ótica da Teologia, a partir das intuições fundantes da Teologia da Libertação, pretende-se analisar a poesia do poeta Patativa do Assaré, no recorte em que sua obra sugere e aponta a Opção pelos Pobres, bem antes desta ser proclamada e assumida na Conferência de Medellín (1968, Colômbia) e depois reassumida sem a mesma liberdade profética nas Conferências de Puebla (1979, México), Santo Domingo (1992, República Dominicana) e Aparecida (2007, Brasil), fazendo portanto, uma ligação, uma ponte entre Teologia e Literatura. O objetivo de A Opção pelos Pobres na Poesia de Patativa do Assaré é mostrar como a Opção pelos Pobres, herança bíblica, herança do Vaticano II, no que tange aos pressupostos e perspectivas do que seria trabalhado e discutido nas Conferências Episcopais Latino-Americanas e Caribenhas viria a ser um instrumento poético de libertação na voz e nas palavras de Patativa do Assaré. A principal hipótese é mostrar que Patativa do Assaré, por inspiração divina, se torna um agente do sagrado, se torna um representante da Opção pelos Pobres, pois faz de sua poesia uma profecia onde as palavras de ordem são: verdade, justiça, liberdade, fraternidade, igualdade e reforma agrária. Todas atuais, uteis e necessárias. Em Patativa do Assaré, na Opção pelos Pobres que fez através da sua poesia, é o Verbo de Deus tocando a humanidade, se fazendo em nós, poesia. A Opção pelos Pobres, assumida pelo poeta, ficou evidente em todos os seus livros e nas entrevistas que deu ao longo de sua vida. O resultado obtido com esta pesquisa foi descobrir que há um território imenso a ser desbravado nesta relação entre Teologia e Literatura, pois ainda, tudo é novidade e pequenos passos estão sendo dados nesta direção. Conclui-se que a Opção pelos Pobres é útil, é necessária, é atual e deve ser vivida, assumindo todas as consequências até o martírio, pois Patativa do Assaré, mesmo não sendo o poeta um teólogo, procurou ser sempre coerente com suas escolhas; dentre elas nunca abriu mão da verdade, da justiça, da liberdade e de viver no meio do povo.

Palavras-chave: Opção pelos Pobres. Patativa do Assaré. Poesia. Teologia. Literatura.

Abstract

From the perspective of theology, from the fundamentals of liberation theology insights, we intend to analyze the poetry of Patativa do Assaré poet, the cut in his work suggests and points out the option for the poor, well before it is proclaimed and assumed in Medellin Conference (1968, Columbia) and then resumed without the same prophetic freedom in Puebla Conference (1979, Mexico), Santo Domingo (1992 Dominican Republic) and Aparecida (2007, Brazil), doing so, a link, a bridge between theology and literature. The purpose of the Option for the Poor in Poetry Patativa do Assaré is to show how the option for the poor, biblical heritage, Vatican II heritage, with respect to assumptions and expectations than would be worked out and discussed in the Episcopal Conferences Latin American and Caribbean would be a poetic instrument of liberation in the voice and words of Patativa do Assaré. The main hypothesis is to show that Patativa do Assaré, by divine inspiration, becomes a sacred agent, becomes a representative of the Option for the Poor as it makes her poetry a prophecy where the watchwords are: truth, justice, freedom, brotherhood, equality and land reform. All current, useful and necessary. In Patativa do Assaré, the Option for the Poor that made by his poetry, is the Word of God touching humanity is doing in us, poetry. The option for the poor, assumed by the poet, was evident in all his books and in interviews he gave throughout his life. The results obtained from this research was to find out that there is a vast territory to be explored this relationship between theology and literature, as yet, everything is new and small steps are being taken in this direction. It was concluded that the Option for the Poor is useful, it is necessary, is current and should be lived, assuming all the consequences even martyrdom, as Patativa do Assaré, despite not being the poet a theologian, has always sought to be consistent with their choices; among them he never gave up the truth, justice, freedom and living among the people.

Keywords: Option for the Poor. Patativa do Assaré. Poetry. Theology. Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
------------------------	-----------

CAPÍTULO I: PATATIVA DO ASSARÉ – O VOO DO ARTESÃO DA PALAVRA.....	15
--	-----------

1.1 Origem: de Antônio Gonçalves da Silva à Patativa do Assaré.....	15
--	-----------

1.1.1 Antônio Gonçalves da Silva.....	17
1.1.2 O apelido.....	22
1.1.3 Patativa do Assaré.....	25
1.1.3.1 Inspiração Nordestina.....	28
1.1.3.2 Patativa do Assaré – Novos Poemas Comentados.....	29
1.1.3.3 Cante Lá que eu Canto Cá – Filosofia de um Trovador Nordestino.....	33
1.1.3.4 Ispinho e Fulô.....	34
1.1.3.5 Balceiro – Patativa e outros poetas de Assaré.....	35
1.1.3.6 Aqui tem coisa.....	36
1.1.3.7 Patativa do Assaré uma voz do Nordeste.....	36
1.1.3.8 Balceiro 2 – Patativa e outros poetas do Assaré.....	38
1.1.3.9 Ao Pé da Mesa – Motes e Glosas.....	38
1.1.3.10 Digo e Não Peço Segredo.....	39
1.1.3.11 Patativa do Assaré – Cordéis e Outros Poemas.....	40
1.1.3.12 Escrevendo sobre Patativa do Assaré.....	41
1.1.3.12.1 Francisco de Assis Brito.....	42
1.1.3.12.2 Jesus Rocha.....	42
1.1.3.12.3 Maria Ferreira dos Santos.....	42
1.1.3.12.4 Gilmar de Carvalho.....	43
1.1.3.12.5 Plácido Cidade Nuvens.....	44
1.1.3.12.6 Luiz Tadeu Feitosa.....	45
1.1.3.12.7 Antonio Iraildo Alves de Brito.....	45
1.1.3.12.8 Rosemberg Cariry.....	45
1.1.3.12.9 Sergio Roizenblit.....	46

1.1.3.12.10	Carlos Beschi.....	47
-------------	--------------------	----

1.2 Influências: Literatura de Cordel, Camões, Castro Alves e Machado de Assis.....47

1.2.1	Literatura de Cordel.....	47
1.2.2	Luís Vaz de Camões.....	50
1.2.3	Castro Alves.....	51
1.2.4	Machado de Assis.....	52

1.3 Fazendo história: Luiz Gonzaga e outros seguidores.....53

CAPÍTULO II: PATATIVA DO ASSARÉ - POR INSPIRAÇÃO DIVINA, AGENTE DO SAGRADO.....61

2.1O encontro com Jesus de Nazaré: a inspiração que veio das pregações.....61

2.1.1	No mais profundo da vida encontrar Deus.....	62
2.1.2	Poesias como dom de Deus.....	68
2.1.3	O poeta agricultor de Assaré e o artesão agricultor de Nazaré.....	70
2.1.4	Inspiração, adesão e seguimento fiel.....	77

2.2O encontro com o Povo: a luta pela libertação ou exercício de fé do poeta.....82

2.2.1	O ninho do poeta: o sertão.....	82
2.2.2	Poeta popular na luta por liberdade.....	86
2.2.2.1	O povo.....	87
2.2.2.2	O povo de Deus.....	88

2.3O encontro com a Justiça e a Paz: o profeta e o anúncio e a denúncia em defesa da Vida.....90

2.3.1	Justiça e Paz se abraçarão.....	90
2.3.2	Anúncio, denúncia e defesa da vida.....	93

2.3.3 Agente do sagrado.....	93
------------------------------	----

CAPÍTULO III: PATATIVA DO ASSARÉ – REPRESENTANTE DA OPÇÃO PELOS POBRES?.....103

3.1 A refundação de uma utopia: Opção pelos Pobres.....103

3.1.1 Os pobres de Deus.....	105
------------------------------	-----

3.1.2 <i>Aggiornamento</i> : a Igreja dos Pobres.....	108
---	-----

3.1.3 Mas quem são os pobres?.....	112
------------------------------------	-----

3.1.4 Jesus de Nazaré opta pelos pobres.....	115
--	-----

3.1.5 A pobreza da Igreja.....	117
--------------------------------	-----

3.1.5.1 O Documento de Medellín.....	118
--------------------------------------	-----

3.1.5.2 O Documento de Puebla.....	120
------------------------------------	-----

3.1.5.3 O Documento de Santo Domingo.....	123
---	-----

3.1.5.4 O Documento de Aparecida.....	124
---------------------------------------	-----

3.1.6 Cebbs: um novo jeito da Igreja ser pobre e dos pobres.....	127
--	-----

3.2 A Opção pelos Pobres na Teologia Latino-Americana e Caribenha.....131

3.2.1 Hipóteses para uma história da Teologia na América Latina e no Caribe.....	131
--	-----

3.2.2 Visão histórica da Teologia da Libertação.....	133
--	-----

3.2.3 O papado de Francisco e a Teologia.....	135
---	-----

3.2.4 A leitura popular da Bíblia.....	138
--	-----

3.2.5 A Teologia da Libertação e a Teologia do Povo.....	140
--	-----

3.3 A relação atual entre Teologia e Literatura.....145

CONCLUSÃO.....152

BIBLIOGRAFIA.....155

INTRODUÇÃO

Antônio Gonçalves da Silva, conhecido internacionalmente como Patativa do Assaré, foi um dos mais autênticos e importantes representantes da cultura popular nordestina. Nasceu em uma família de agricultores pobres, na pequena e pacata Assaré, no Ceará. Sua vida foi dedicada à produção de cultura popular, onde o povo marginalizado e oprimido do sertão nordestino sempre seria o personagem principal, e ele uma das vozes que sairiam em seu socorro.

Sob a ótica da Teologia, a partir das intuições fundantes da Teologia da Libertação, pretende-se analisar a poesia do poeta Patativa do Assaré, no recorte em que sua obra sugere e aponta a Opção pelos Pobres, bem antes desta ser proclamada e assumida na Conferência de Medellín (1968, Colômbia) e depois reassumida sem a mesma liberdade profética nas Conferências de Puebla (1979, México), Santo Domingo (1992, República Dominicana) e Aparecida (2007, Brasil), fazendo portanto, uma ligação, uma ponte entre Teologia e Literatura. A Opção pelos Pobres, uma das fontes da Teologia da Libertação ainda não figurava no pensamento e no linguajar do Povo de Deus na América Latina e no Caribe na época em que a primeira obra de Patativa do Assaré foi escrita. *Inspiração Nordestina*, de 1956, anterior ao Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), a reedição é de 1966, anterior à Medellín; *Cante lá que eu canto cá*, de 1978, é anterior à Puebla; *Digo e não peço segredo*, de 2001, é anterior à Aparecida.

O objetivo de A Opção pelos Pobres na Poesia de Patativa do Assaré é mostrar como a Opção pelos Pobres, herança bíblica, herança do Vaticano II, no que tange aos pressupostos e perspectivas do que seria trabalhado e discutido nas Conferências Episcopais Latino-Americanas e Caribenhas, viria a ser um instrumento poético de libertação na voz e nas palavras de Patativa do Assaré.

A obra de Patativa do Assaré, perpassa todo o texto, considerando os elementos que contribuem e fazem a ligação entre a práxis teologal, entendida aqui como Opção pelos Pobres, e sua poesia mostrando recortes relevantes de seus poemas de cunho social, religioso e político, sublinhando sua imensa contribuição à cultura brasileira.

O caminho metodológico foi o de ler as obras de Patativa do Assaré, e nelas fazer o recorte daqueles poemas que estão diretamente ligados à Opção pelos Pobres; o de ler os comentários feitos por autores que tiveram a oportunidade de conviver e entrevistar o poeta em vários momentos e publicar esses encontros em livros, onde apontam a postura do poeta

em favor dos pobres, dos excluídos, dos necessitados; o de ter estado por duas vezes em Assaré, no Ceará, visitando o Memorial Patativa do Assaré, e conversado com pessoas próximas ao poeta.

A principal hipótese é mostrar que Patativa do Assaré, por inspiração divina, se torna um agente do sagrado, se torna um representante da Opção pelos Pobres, pois faz de sua poesia uma profecia onde as palavras de ordem são: verdade, justiça, liberdade, fraternidade, igualdade e reforma agrária. Todas atuais, uteis e necessárias.

No primeiro capítulo, *Patativa do Assaré – o voo do artesão da palavra*, apresentamos a origem de Antônio Gonçalves da Silva e sua transformação no poeta Patativa do Assaré; suas influências principais, passando pela Literatura de Cordel, e por poetas clássicos da Língua Portuguesa; sua influência sobre artistas consagrados, escritores, cineastas e demais seguidores. Enquanto artesão da palavra soube voar alto e cantar para que o Brasil e o mundo conhecessem a sua verdade poética; adentrou pelo universo da cultura popular e da erudição sem perder de vista a beleza do sertão castigado pela seca, sem abrir mão de seu chão na Serra de Santana: ninho de suas criações.

No segundo capítulo, *Patativa do Assaré – por inspiração divina, agente do sagrado*, apresentamos três momentos singulares na história de vida do poeta Patativa do Assaré: o encontro com Jesus Cristo; o encontro com o Povo e o encontro com a Justiça e a Paz. Patativa do Assaré, por causa da experiência do encontro com Jesus de Nazaré, por inspiração divina, é considerado um agente do sagrado, pois utiliza a poesia enquanto instrumento de libertação integral, poesia como dom de Deus, como profecia.

No terceiro capítulo, *Patativa do Assaré – representante da Opção pelos Pobres?*, apresentamos a Opção pelos Pobres enquanto refundação de uma utopia; a Opção pelos Pobres na Teologia Latino-Americana e Caribenha; um breve panorama da atual relação entre Teologia e Literatura. Afinal existem múltiplas leituras possíveis da literatura. Por causa destas múltiplas leituras é que o poeta Patativa do Assaré pode ser estudado enquanto representante da opção pelos pobres, um tema fundante e hodierno na teologia latino-americana e caribenha (na Teologia da Libertação e na Teologia do Povo), mesmo não sendo o poeta um teólogo. Patativa do Assaré procurou ser sempre coerente com suas escolhas, dentre elas, nunca abrir mão da verdade, da justiça e da liberdade.

CAPÍTULO I: PATATIVA DO ASSARÉ – O VOO DO ARTESÃO DA PALAVRA.

1.1 Origem: de Antônio Gonçalves da Silva à Patativa do Assaré.

A poesia é a ponte que nos aproxima do sagrado, quando todas as outras pontes estão interditadas. A poesia não possui fronteiras. A poesia nos ensina a voar quando nossos pés não conseguem mais experimentar o chão. A poesia nos indica o chão de nossa realidade, onde tudo é mais difícil e, mesmo assim, nos mostra o quanto é belo por ele passar. Poesia é aquilo tudo que comove e sensibiliza, que desperta inúmeros sentimentos, tudo aquilo que aos sentidos se torna sublime e belo. É a manifestação da estética e da beleza retratada pelo poeta em forma de palavras, que encanta e inspira.

Antônio Gonçalves da Silva é aclamado por vários estudiosos dentro e fora do Brasil, pela mídia em geral, como um dos maiores poetas populares nordestinos do século XX, ocupando lugar de destaque na literatura brasileira.

Patativa do Assaré diz que nasceu poeta feito; sua poesia foi dada por Deus e pela Natureza¹. Porém, foi no dia a dia, trabalhando com afinco e burilando sua habilidade para a rima, que se tornou no poeta que foi, que é. Por trás veio a curiosidade de ler tudo o que aparecesse na sua frente, de conhecer a sua história, a sua gente, sempre interagindo com as linguagens ditas erudita e popular (matuta). Com isso ele se maravilhava com o belo recitado, às vezes cantado, que lhe entrava pelos ouvidos e chegava ao coração. Depois, sendo dom divino nele, falava, declamava, proclamava, vocacionado a ser um artesão da Palavra, usando sua voz com a força de uma brisa ou de um trovão, e com o alcance da visão de um pássaro. Estando no meio do povo, experimentando tudo o que o povo estava vivendo, aprende o seu linguajar, seus trejeitos, sua forte beleza natural, sem nunca perder a humildade. No poeta popular, e o foi Patativa do Assaré, por toda a sua vida, a poesia é vivida com zelo sacerdotal. Nele podemos entender a poesia enquanto práxis gratuita do entusiasmo e da inspiração que ele contempla na Natureza, criação de Deus.

Antonio Iraldo Alves de Brito parafraseando Gustavo Gutiérrez² diz que “*a melhor forma de falar de Deus é através da poesia*”. É o Verbo de Deus tocando a humanidade, se

¹ ASSARÉ, Patativa do. **Digo e não peço segredo**. São Paulo: Escrituras, 2003, p.17: “Neste globo terrestre / apresento os versos meus / porém eu só tive um mestre / e esse mestre é Deus”.

² BRITO, Antonio Iraldo Alves de. **Patativa do Assaré: uma voz poética e profética do Brasil profundo**. Vida Pastoral, São Paulo, n. 296, p. 23-32, mai./jun. 2014.

fazendo poesia, inspirando em nós a poesia. Deus é Palavra encarnada que se faz poesia. Uma linguagem profunda que vê o mundo e vê a relação com outro a partir de uma dimensão e de uma profundidade que o conceito não oferece. Mesmo que não escrevamos poesia, como bem fazia Patativa do Assaré, a própria teologia deve ser sempre uma carta de amor a Deus, à Igreja e ao povo a quem servimos. Praticar a justiça, trabalhar pela libertação dos seres humanos é falar de Deus.

Patativa do Assaré, enquanto artesão da palavra, participará da vida do povo e será uma das vozes que humildemente o defenderá.

Da mesma forma que os profetas bíblicos, o mesmo Espírito de Deus o presenteou de inspiração podendo, portanto, anunciar suas belezas, denunciar as mazelas que castigavam, maltratavam, e excluía sua gente, ameaçar o poder estabelecido com a volúpia de sua voz, com a firmeza de seus gestos. Dizia tudo aquilo que estava sentindo no peito, que estava vendo ao seu redor em linguagem poética. Palavra que faz com que a poesia seduza e arrebate quem a escutou, quem a escuta, quem a lê hoje em dia.

A poesia de Patativa do Assaré é um convite para adentrarmos na dimensão do mistério profundo, que é Deus feito poesia, e do compromisso social e político a partir dos mais necessitados do Reino de Deus. Ele mesmo sem querer, ou talvez sem saber, fez a evangélica e radical opção pelos pobres, a mesma que Jesus de Nazaré praticou em seu tempo, durante toda a sua vida. E esta opção pelos pobres, fará de sua poesia, uma experiência autêntica e libertadora. É voz que só diz a verdade, é voz profética que clama por justiça.

A verdade sempre foi o tema mais recorrente do poeta, pois para defender o sertão e sua gente, belos embora sofridos, dela não abriria mão. Ele se apropriou de uma memória coletiva e construiu uma identidade brotada do sertão nordestino. O poeta gerou e legou os elementos de uma cultura germinada e vivida por dentro, fazendo destacar um grito de alerta que convida os excluídos a lutarem por mudanças sociais e políticas. Ele representou o lirismo e a perspicácia do ser humano que vive as peculiares circunstâncias do sertão nordestino e soube interpretar como poucos os mais variados sentimentos de sua gente. Ele sabia a vida de cor e salteado. Esbanjava tirocínio e sapiência. Saltitante como o pássaro homônimo da vida ao canto, do canto à vida, exuberante de autenticidade e vigor, transbordante de alegria, sensibilidade, amor e poesia. Ele habitou de fato a sua terra e por ela foi habitado. Ele é um poeta universal, pois sua linguagem é a do sentimento, tendo como periferia e horizonte: o mundo³.

³ Em 1977 sua poesia chega na França, quando o professor Raymond Cantel começa a estudar a obra de Patativa do Assaré, na cadeira de Literatura Popular Universal da Sorbonne, em Paris. O Governo Federal em 1995 lhe

Sua poesia brotou do chão e também da vida vivida, da pele, do sonho, do suor que ele derramava, da sua traquinagem de menino procurando conhecer a essência dos jovens, dos adultos, das mulheres, dos velhos. Sua obra é universal que parte do particular, do menino também recluso, pensando, ruminando, observando a justiça e a retidão da Natureza queria buscá-la também na sociedade que ele viveu. Muitos anos depois de sua morte (08 de julho de 2002, aos 93 anos de idade), sua poesia continua sendo verdadeira, atual e desafiadora, como o próprio Patativa sempre disse: *“É melhor escrever errado a coisa certa do que escrever certo a coisa errada!”*.

1.1.1 Antônio Gonçalves da Silva.

Antônio Gonçalves da Silva, veio ao mundo pelas mãos de uma parteira numa sexta-feira, dia 05 de março de 1909, na Serra de Santana, 18 km de Assaré, 623 km de Fortaleza. Assaré era então uma vila pertencente à região do Cariri, uma pequena propriedade da prefeitura do local, ao sul do estado do Ceará. Etimologicamente, Assaré significa atalho. Era um antigo desvio do caminho das boiadas das terras secas dos Inhamuns⁴ (é a região mais seca do Estado do Ceará, situada nos limites com o Estado do Piauí. Limita-se com a região do Cariri – região mais provida de chuva, considerada o “oásis cearense” – pelo município de Assaré) para o Piauí.

Naquele ano as perspectivas eram de seca, que trariam muitas preocupações para todos na região, principalmente para os agricultores. O papa daquele período era Pio X, e o pároco de Assaré, era o padre Francisco Silvano de Souza, uma das expressões mais vigorosas da intelectualidade do clero da diocese do Crato, naquele tempo. Foi ele quem batizou o menino Antônio, na Igreja de Nossa Senhora das Dores, no Assaré, no dia 25 de abril do corrente ano. Ocorre que o registro no cartório só aconteceria no dia 26 de junho de 1917⁵. Com quatro anos de idade, durante a dentição, perde o olho direito, por causa de uma moléstia que naquela época era conhecida na região como “dor d’olhos”. O olho vazou. Em outros momentos de sua vida, ao ser questionado, o poeta faz referência ao sarampo, que havia contraído. Contudo, não havia posto de saúde e médicos na Serra de Santana, nem no Assaré, havia apenas um

conferiu a Medalha José de Alencar por serviços prestados à literatura brasileira. Recebeu em vida vários títulos de Doutor *Honoris Causa*.

⁴ FEITOSA, Luiz Tadeu. **Patativa do Assaré** – a trajetória de um canto. São Paulo: Escrituras, 2003, p.56.

⁵ Informações obtidas na Fundação Patativa do Assaré / Memorial Patativa do Assaré, situada na rua Francisco Gomes, 82, Centro, Assaré – CE. Correio eletrônico: fundação.patativa@gmail.com. Durante a primeira visita à cidade de Assaré, no dia 07 de janeiro de 2014.

farmacêutico que pouco pode fazer pela criança. Resignado, quando lhe perguntavam qual tinha sido mesmo a causa da perda, ele respondia: “*Que diferença faz? O importante é que eu perdi um olho*”. Patativa⁶ aludindo à sua cegueira, declamará o seguinte verso:

Nasci dentro da pobreza
E sinto prazer com isto,
Por ver que fui com certeza
Colega de Jesus Cristo.
Perdi meu olho direito
Ficando mesmo imperfeito
Sem ver os belos clarões.
Mas logo me conformei
Por saber que assim fiquei
Parecido com Camões.

É verdade que é tentadora a analogia com Camões e com Homero, que também perderam a visão e que foram importantíssimos para Patativa. Mas, semelhança maior haverá com o afamado violeiro cantador cearense Cego Aderaldo (1878-1967). Além de contemporâneos e conterrâneos, Patativa antes de se tornar poeta, foi um violeiro cantador, muito embora Aderaldo fosse 31 anos mais velho do que ele.

Dos filhos que sobreviveram, Antônio é o segundo de Pedro Gonçalves da Silva e de Maria Pereira da Silva, pequenos proprietários rurais. Seus pais na Serra de Santana, não estavam submetidos ao sistema onde o dono da terra ficava com grande parte de tudo o que era produzido; porém com a morte de seu pai, a terra foi dividida entre os cinco filhos: José, Antônio, Joaquim, Pedro e Maria Mercês. Isto aconteceu quando Antônio tinha entre oito e nove anos de idade, dando a ele a exata dimensão de compromisso com o trabalho do campo, que ele exercerá até os 70 anos.

Gilmar de Carvalho⁷ diz que a Serra de Santana foi muito mais um espaço afetivo do domínio da memória. Ela cristalizou não apenas o paraíso, mas uma concepção de terra partilhada, um ideal solidário de uma comunidade cristã, que se aliava a um socialismo utópico na explicação do mundo. Este dado é importantíssimo para a compreensão do ser humano e do poeta Patativa do Assaré. Ficando órfão de pai, ele terá que trabalhar muito ao lado do irmão mais velho, para sustentar os irmãos mais novos e a mãe, pois todos ficaram em extrema pobreza. Em família era carinhosamente chamado de “Sinhozinho”.

Seu trabalho na lavoura é concomitante com sua criação poética, pois à medida que ia trabalhando o solo, ia enraizando sua poesia, levando-o a permanecer na Serra de Santana,

⁶ CARVALHO, Gilmar de. **Patativa Poeta Pássaro do Assaré**. 2.ed. Fortaleza: Omni Editora, 2002, p.29.

⁷ CARVALHO, Gilmar de. **Cem Patativa**. Fortaleza: Omni Editora, 2010, p.24.

onde plantou sua roça e sua poesia. Sua poesia germinou da terra e se misturou com os grãos de milho e feijão. Naquele meio campesino o poeta recebia inspiração para sua poesia a tal ponto que, sempre que perguntado sobre como nascia sua poesia, ele respondia: *“pra toda parte que eu óio vejo um verso se buli”*. Sua poesia se faz simbiose com a natureza e seus versos têm *“o chêro da poêra do sertão”*.

Sua infância, como gostava de lembrar, foi de uma vida de ingenuidade, a inocência da criança, de que no mundo só há coisa boa. Nas horas vagas brincava com um bodoque, com uma carrapeta e com o cavalo de pau.

Aos doze anos de idade irá frequentar apenas seis meses uma escola muito atrasada, porém, sem interromper seu ofício de agricultor. Apesar de reconhecer que seu mestre era extremamente atencioso e generoso, era precariamente letrado e não sabia ensinar a pontuação, desta forma Antônio aprende a ler e a escrever sem ponto e sem vírgula, deixando para a voz ditar o ritmo das palavras. Era um privilegiado, pois entendia tudo o que um escritor fazia, mesmo sendo a história muito complicada. Ele lia por curiosidade de saber como era sua terra, sua gente, os poetas da língua.

Estudou na cartilha (eram cinco livros) de Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho, ou simplesmente Felisberto de Carvalho, que foi adotada no Brasil entre os anos de 1892 até 1959, publicada pela Livraria Francisco Alves, e que disseminou as letras pelo interior do país. Da cartilha, apaixonou-se pela leitura, tornando-se um autodidata e um leitor voraz. Elegeu Castro Alves como seu poeta predileto, justamente por sua poesia de denúncia e protesto, pano de fundo para as questões sociais que iriam demarcar também sua poesia. Leu *o Tratado de versificação* de Olavo Bilac e Guimaraes Passos, o que o ajudou na concepção de poesias na forma culta. No poema *Aos Poetas Clássicos*⁸, Patativa do Assaré relembra sua origem e o início de sua educação escolar:

Eu nasci aqui no mato,
Vivi sempre a trabaíá,
Neste meu pobre recato,
Eu não pude estudá.
No verdô de minha idade,
Só tive a felicidade
De dá um pequeno insaio
In dois livros do iscritô,
O famoso professô
Filisberto de Carvaio.

⁸ ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu Canto cá** – filosofia de um trovador nordestino. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 17-18.

[...] Foi os livro de valô
 Mais maió que vi no mundo.
 Apenas daquela autô
 Li o premêro e o segundo;
 Mas, porém, esta leitura,
 Me tirô da treva escura,
 Mostrando o caminho certo,
 Bastante me protegeu;
 Eu juro que Jesus deu
 Sarvação a Felisberto.

A geração de Antônio Gonçalves da Silva, até o final dos anos de 1950, teve o seu aprendizado naquela coleção pedagógica, que ficou perenemente gravada na memória do poeta Patativa do Assaré, que não frequentou mais escola alguma, não deixando porém de envolver-se com as letras quando dispunha de tempo para este fim. Foram os livros, as revistas, os jornais, os panfletos, os folhetos de cordel uma leitura constante. A prática de ler, o fez ter um vocabulário vasto, fazendo com que na criação de seus sonetos, por exemplo, não tivesse erros de concordância, versando como ele próprio gostava de dizer: pela “*poesia matuta*” e pela “*poesia erudita*”. Portanto, o poeta não foi o iletrado, o analfabeto que o senso comum propaga. Ele não queria saber das categorias gramaticais, queria apenas satisfazer sua curiosidade, e assim o fez nas suas poesias.

A maior distração do jovem Antônio ao voltar dos trabalhos dos campos, era poder ir à feira do Assaré, foi lá que o futuro poeta viu e ouviu um homem lendo um folheto de cordel para uma roda de ouvintes atentos. Achou aquelas histórias maravilhosas. Começava aí sua vontade de também escrever seus próprios folhetos de cordel. A partir daí, sempre que retornava para casa se dedicava a ler ou a escutar seu irmão mais velho recitar cordéis. Ficaram retidas durante toda a vida do poeta as memórias daquelas leituras coletivas de folhetos de cordel e o ponteio das violas em inúmeras pelejas.

Luiz Tadeu Feitosa⁹ assim dirá sobre a memória do poeta:

A memória em Patativa do Assaré é um processo e não algo acabado como os álbuns de fotografias ou este livro. Sua memória é feita e refeita diariamente. Ela interage com o passado apenas para ser mais dinâmica no presente, projetando-se para o futuro, porque Patativa também é profeta. Nada do que ele cantou deixou de acontecer ou perdeu-se no tempo. Nada do que ele previu deixou ou deixará de acontecer, porque sua obra é feita com os mesmos materiais da natureza, obedecendo à mesma circularidade da vida. A vida e a obra de Patativa são como um rio perene, ao mesmo tempo permanência e novidade.

⁹ ASSARÉ, Patativa do. **Digo e não peço segredo**. São Paulo: Escrituras, 2003, p.10.

Desde criança se apaixonou pela poesia, parava para escutar quem estava lendo versos e ali se demorava, se deslumbrando cada dia mais com a possibilidade de que ele também seria capaz de improvisar uns versos e extrair das 10 cordas de uma viola, a musicalidade e a agilidade que compõem um repente. Nascia no menino a vocação poética que seria amadurecida até o fim da vida. Patativa sempre dizia em entrevistas que, na verdade, quando estava dentro dos oito anos de idade, ele viu e ouviu uma mulher lendo um folheto de cordel. Ficou maravilhado e encantado. Naquele momento, despertava nele o dom da poesia.

Dos treze aos quatorze anos começou a fazer versos que eram motivo de graça para os vizinhos e amigos na Serra de Santana; rapazes e moças riam com seus poemas que tinham como tema: brincadeiras da noite de São João, o crepitar das fogueiras de São João, testamentos do Judas no sábado santo, ataques aos preguiçosos que deixavam o mato crescer e estragar os plantios das roças.

Aos dezesseis anos ganhou sua primeira viola de presente de sua mãe, que foi convencida por ele a vender uma cabra para adquirir o instrumento. Com a viola na mão, decide fazer improvisações segundo a tradição sertaneja dos violeiros, tratando de assuntos variados, segundo o modelo motivo-glosa. Atendendo a inúmeros pedidos nos sítios das redondezas, se apresentava nas festas de casamento, nas festas de aniversários, nas reuniões à noite nos alpendres das casas, nos terreiros, nas noites de luar. Estava evidente que não usaria a sua viola apenas como passatempo. Em sua autobiografia¹⁰ ele diz:

Com 16 anos de idade, comprei uma viola e comecei a cantar de improviso, pois naquele tempo eu já improvisava, glosando os motes que os interessados me apresentavam. Nunca quis fazer profissão de minha musa, sempre tenho cantado, glosado e recitado, quando alguém me convida para este fim.

Em entrevista a Gilmar de Carvalho¹¹, Patativa do Assaré diz como poetizava acompanhado da viola:

Gilmar. E a história dessa viola? Você viu o pessoal tocar e começou a improvisar, como é que foi?

Patativa. É porque aqui em Assaré, isso no tempo de festa, aparecia cantadores, mas eu muito tímido, menino, viu? Nem conversava com eles...mas fiquei com uma vontade também danada de possuir uma viola. Então, essa viola, eu tinha uma cabra, viu? Eu troquei um dia essa cabra,

¹⁰ ASSARÉ, Patativa do. **Inspiração Nordestina**. São Paulo: Hedra, 2003, p.11.

¹¹ CARVALHO, Gilmar de. **Patativa Poeta Pássaro do Assaré**. Fortaleza: Omni Editora, 2002, p. 41-42.

pedi a minha mãe pra vender a minha cabra e comprar essa viola. E ela, muito amorosa, muito carinhosa, fez o meu pedido. Aí, então, eu fiquei cantando, mas só em casa mesmo, treinando na vizinhança. Depois, atendendo convite de pessoas amigas, mas, mesmo quando eu cantava ao som da viola, eu nunca deixei de criar esses poemas que eu crio, assim, na minha imaginação.

1.1.2 O apelido.

Aos vinte anos de idade Patativa recebe a visita de um primo de sua mãe, José Alexandre Montoril (1888-1977), carinhosamente chamado de Cazuzinha. Ele era, também cearense do Assaré, que morava no estado do Pará com outros dois irmãos, que foram para lá no tempo da propaganda da borracha, ainda bem novos, à procura de melhorar a vida e por lá ficaram. Veio visitar sua cidade natal, e ouviu falar e se encantou pelos improvisos na viola e versos que o jovem Antônio declamava. Dirigindo-se até a casa de sua prima lhe pediu para que deixasse Antônio ir com ele para o Pará, prometendo custear todas as despesas, tratando Antônio como seu próprio filho e com o compromisso de mandá-lo de volta assim que o mesmo quisesse.

A viagem seria muito difícil, de Assaré para o Crato, embarcando num trem para Fortaleza e lá subindo a bordo do vapor Itapajé (o velho Ita) para Belém do Pará. Não dá para mensurar o impacto que as águas do mar e as águas amazônicas fizeram naquele rapaz que saía de um sertão castigado e fustigado pelas secas. O ano era 1928. Chegando à capital paraense, Antônio foi apresentado a José Carvalho de Brito (1872-1933), tabelião do primeiro cartório de Belém do Pará, nascido no Crato, mas vivendo há anos em Belém¹².

Gilmar de Carvalho¹³ sobre este encontro relata:

Antônio chegou a Belém fazendo versos bem-humorados e provocado pelo jornalista cratense José Carvalho de Brito, aí radicado e tabelião de um cartório, foi capaz de lhe dar uma resposta afiada. Perguntou-lhe Carvalho: “Você que agora chegou / do sertão do Ceará / me diga que tal achou / a cidade do Pará?” Patativa não se fez de rogado: “Quando eu entrei no Pará / achei a terra maió / vivo debaixo de chuva / mas pingando de suó!”.

José Carvalho de Brito estava trabalhando na publicação do seu livro *O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará*, que traz um capítulo inteiro sobre o poeta e o motivo da viagem ao Pará e que tem como título: *O Patativa* (lançado em 1930 pela Oficinas Gráficas

¹² CARIRY, Rosemberg. **Patativa do Assaré – Ave Poesia**. DVD. Produção de Petrus Cariry e Teta Maia. Direção de Rosemberg Cariry. Fortaleza, Cariri Filmes, 2007, 1 DVD, 84 min. col. p&b. som.

¹³ CARVALHO, Gilmar de. **Patativa do Assaré**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p. 20.

Jornal de Belém, páginas 121-133 e reeditado pela UFC, páginas 130-142 em 1973). O capítulo mencionado está reproduzido na obra do poeta, *Inspiração Nordestina*, páginas 262-272, lançado pela editora Hedra, em 2003. Foi José Carvalho de Brito que deu a Antônio Gonçalves da Silva o pseudônimo de Patativa, em 1929. O poeta dizia que o apelido foi dado em um verso que José Carvalho de Brito havia feito, mas que ele só lembrava o final, e foi publicado, segundo Patativa, no Correio do Ceará, mesmo ele estando em Belém. No poema intitulado *Autobiografia*¹⁴, o poeta assim declama relembando as palavras do amigo:

O meu singelo apelido
Que com razão me pertence
Foi com amô iscuído
Por um grande cearense
Que conversando comigo,
Disse um dia, meu amigo,
Você merece carinho
Na poesia populá
E por isso eu vou lhe dá
O nome de um passarinho.

*“É ave que anda solta
E inda mais canta cativa,
Seu nome agora é Antônio
Crismado por Patativa”*

De acordo com o poeta¹⁵, a ave patativa [*Sporophylla plumblea plumbea*] é aquela que por cima é azul, de frente é branca e o bico bem pequeno e grosso. Quando ela canta, numa árvore bem-copada, a pessoa que escuta pensará que ali há vários passarinhos. De uma só vez ela imita muitos pássaros pequenos.

J. de Figueiredo Filho¹⁶ em 1970 assim falará do poeta de Assaré:

Antônio Gonçalves da Silva tem o apelido sugestivo da mais canora das aves da chapada do Araripe. É tão apreciado o seu canto que a espécie está a desaparecer.

[...] O poeta do Assaré não ronca como o mangangá. Canta como a avezinha de seu nome – a patativa azul da chapada do Araripe – e equipara-se também ao sabiá e ao canário. Sabe dar furada quando se revolta contra uma situação que provoca a verrina do estro. Nesse sentido é inexcedível.

¹⁴ ASSARÉ, Patativa do. ALENCAR, Geraldo Gonçalves de. (Orgs.). **Balceiro – Patativa e outros poetas de Assaré**. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1991, p. 14-15.

¹⁵ CARIRY, Rosemberg. **Patativa do Assaré – Ave Poesia**. DVD. Produção de Petrus Cariry e Teta Maia. Direção de Rosemberg Cariry. Fortaleza, Cariri Filmes, 2007, 1 DVD, 84 min. col. p&b. som.

¹⁶ FILHO, J. de Figueirêdo. **Patativa do Assaré – novos poemas comentados**. Edição fac-similar. Fortaleza: Museu do Ceará, 2005, p. 8-12.

Em depoimento¹⁷ concedido a Rosemberg Cariry, no Crato, em 1979, Patativa do Assaré afirmava:

Eu viajei ao Pará, eu tinha 20 anos naquele tempo. Viajei com tio, chegando lá ele me apresentou ao escritor Cearense José Carvalho de Brito, autor do livro “O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará”, em cujo volume eu tenho um capítulo. José Carvalho me recebeu com a maior atenção e me pediu uns versos para publicar no “Correio do Ceará”. E ele era redator do “Correio do Ceará”. Ele colaborava no “Correio do Ceará”. Então, no final dos versos, ele faz a apreciação dele, fazendo uma referência sobre meus versos e disse que a espontaneidade da minha poesia tinha semelhança, se assemelhava ao canto sonoro da patativa do Nordeste, a nossa patativa aqui do Ceará. E então o jornal circulou, daquele tempo para cá, eu já com 20 anos, foi que começaram a me chamar Patativa. Posso dizer que foi José Carvalho Brito que pôs esse apelido que o povo hoje conhece, esta alcunha. Patativa do Assaré.

Plácido Cidade Nuvens¹⁸, estudioso da vida e da obra do poeta, endossará este depoimento de Patativa do Assaré:

Aos vinte anos, em 1929, é que começa a ser conhecido por Patativa do Assaré, graças à iniciativa do escritor José Carvalho (de Brito), – hoje nome de Rua na cidade do Crato. Foi José Carvalho quem publicou no jornal Correio do Ceará, de Fortaleza, alguns poemas de Antônio Gonçalves da Silva, que então recebeu o apelido de Patativa do Assaré. No ano seguinte, José Carvalho de Brito lança o seu livro *O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará*, onde um capítulo é dedicado a Patativa do Assaré.

Antônio Gonçalves da Silva seguiu viagem para Macapá, mas acabou achando a vida do lugar insípida demais, sem distração, não podia sair de uma casa se não fosse levado por uma outra pessoa, dentro de uma canoa. Passou apenas dois meses por lá e retornou à Belém do Pará, indo para casa de um outro tio e dali para as colônias de nordestinos no Pará, que se estabeleciam às margens da ferrovia, hoje desativada entre Belém e Bragança. Ali ele irá improvisar e cantar com os cantadores das colônias, conterrâneos, que fugindo das secas, tentavam uma vida melhor. O parceiro mais constante e das lembranças mais fortes do poeta foi Rufino Galvão. Mas a saudade não o deixou permanecer mais de cinco meses no Pará e ele retornou ao Ceará. José Carvalho de Brito lhe deu uma carta de recomendação para que a entregasse a doutora Henriqueta Galeno (1887-1964), filha do grande poeta Juvenal Galeno (1836-1931), que recolheu muitos temas já esquecidos da tradição popular no Ceará, era primo pelo lado paterno de Capistrano de Abreu e, pelo lado materno, de Clóvis Beviláqua e

¹⁷ ASSARÉ, Patativa do. **Ispinho e Fulô**. São Paulo: Hedra, 2005, p. 10.

¹⁸ NUENS, Plácido Cidade. **Patativa do Assaré, um clássico**. Crato: A Província Edições, 2002, p. 90.

Rodolfo Teófilo. O seu livro mais importante é *Lendas e Canções Populares*, que partia da tradição oral. O poeta foi recebido com classe, como um poeta de cultura, como um poeta erudito. Patativa do Assaré teve a honra de conhecer o poeta Juvenal Galeno e a oportunidade de improvisar no salão principal da casa, com outros cantadores, repentistas, violeiros e poetas, fato que foi noticiado em toda a imprensa. Dois motes de muitos que foram declamados e cantados por Patativa¹⁹ acompanhado de sua viola (instrumento que hoje está no Memorial Patativa do Assaré em exposição) naquela ocasião:

Eu senti munta alegria
Quando vi dona Henriqueta.
Eu voltei pra Fortaleza,
Cheguei no mês de dezembro,
Estou dizendo e me lembro,
Falo com toda a certeza,
Truxe a viola em defesa,
Bem preparada e direita,
Com ela tudo se ajeita,
Gente branca, gente preta,
Munta saudade sentia,
Mas hoje, tarde do dia,
Eu senti munta alegria
Quando vi dona Henriqueta!

Porém não há um na terra
Como o Juvenal Galeno.
A minha carreira é reta,
Onde me derem licença
Faço uma rima completa,
Sei que há muntos poeta,
Uns grande e outros pequeno,
Branco, mulato, moreno,
Onde a ciência se encerra,
Porém não há um na terra
Como o Juvenal Galeno.

1.1.3 Patativa do Assaré.

Voltando para a Serra de Santana²⁰, retomou o ofício de agricultor pobre, dedicando-se até a idade de 70 anos. Nunca mais se afastou por tanto tempo de seu roçado. Mas sempre durante a labuta diária ia fazendo seus versos. Em 6 de janeiro de 1936 ele se casa na Igreja Católica com Dona Belinha (Belarmina Paes Cidrão), em 11 de dezembro de 1939 é feita a

¹⁹ ASSARÉ, Patativa. *Inspiração Nordestina*. São Paulo: Hedra, 2003, p. 270-271.

²⁰ CARIRY, Rosemberg. *Patativa do Assaré – Ave Poesia*. DVD. Produção de Petrus Cariry e Teta Maia. Direção de Rosemberg Cariry. Fortaleza, Cariri Filmes, 2007, 1 DVD, 84 min. col. p&b. som.

certidão de casamento. Dona Belinha era analfabeta, mas para o poeta, era o ser humano mais inteligente e com uma sensibilidade maior do que muitos que havia conhecido em toda a sua vida. Nascida em 10 de janeiro de 1914 e falecida em 1994, aos 80 anos. Era uma companheira amorosa. Falar de Dona Belinha deixava o poeta muito emocionado, a ponto de ficar com a voz embargada. Deste casamento nasceram 14 filhos, dos quais sete estão vivos: Miriam, Lúcia, Inês, Afonso, Pedro, Geraldo e João. Foram 58 anos de união.

No período de 1930 a 1955, a poesia de Patativa do Assaré foi difundida pela transmissão oral. Destaque importante para as cantorias que ele fazia na companhia de outros poetas e cantadores como ele, parceiros que subiam a Serra de Santana apenas para encontrá-lo. Dessa experiência nasceria uma comunidade poética do Assaré que daria muitos bons frutos tempos depois. Há um vácuo de registros, em que a obra patativana, sem holofotes, aplausos e reconhecimentos ficou restrita apenas aos seus conterrâneos da Serra de Santana e Assaré.

Patativa²¹ assim se define:

Eu sou um poeta que tenho criatividade e fui um agricultor a vida toda, vivendo de roça, fazendo a minha poesia lá, sem precisar escrever, fazendo verso retido na memória pra depois passar para o papel... eu sempre falo com rima. Eu sou poeta, mas tem muitos versejadores. Tudo meu, eu faço é criar. Eu crio aquele quadro, aí vou reproduzir em versos, viu? Porque o poeta...a vantagem da poesia não é a sua beleza, a sua medida, as suas rimas, as suas sílabas predominante não. É a verdade, é contar uma coisa toda filosófica, pois é, justamente, minha poesia é dentro desse tema, dentro desse quadro.

Na década de 1950, a feira do Crato, que acontecia às segundas-feiras, atraindo pessoas de Pernambuco ao Piauí, era o grande centro comercial do Cariri e, para Patativa do Assaré, era a possibilidade de apresentar sua obra a outras pessoas. Nesses passeios sempre aconteciam as visitas à Rádio Araripe, onde declamava seus poemas no programa de Teresinha Siebra. A Rádio era ligada aos Diários Associados, e foi fundada em 1951, trazendo as ondas do maior conglomerado de comunicação do país de então. Patativa tinha uma infinidade de poemas, todos retidos na memória²².

O latinista José Arraes de Alencar (1896-1978), natural do Araripe, filólogo e funcionário do Banco do Brasil, radicado no Rio de Janeiro e de férias, ouviu um poema no programa de rádio. Gostou muito do poema e quis saber de quem era: *“de um poeta de*

²¹ ASSARÉ, Patativa do. **Digo e não peço segredo**. São Paulo: Escrituras, 2003, p. 16.

²² CARIRY, Rosemberg. **Patativa do Assaré – Ave Poesia**. DVD. Produção de Petrus Cariry e Teta Maia. Direção de Rosemberg Cariry. Fortaleza, Cariri Filmes, 2007, 1 DVD, 84 min. col. p&b. som.

Assaré, chamado Patativa”, foi a resposta. Patativa do Assaré foi apresentado a José Arraes de Alencar que propôs a publicação de um livro. O poeta bem desconfiado com aquela surpresa, agradeceu a delicadeza, mas disse que não tinha meios para tal empreitada pois era um agricultor pobre. José Arraes se comprometeu juntamente com outros amigos em bancar a publicação com uma editora do Rio de Janeiro e montou o esquema para ter logo em mãos os originais que seriam datilografados por Moacir Mota (1913), filho do folclorista Leonardo Mota, o grande Leota (1891-1948). Ele, que também era funcionário do Banco do Brasil, não cobrou nada pelo trabalho pois se dava por satisfeito em ouvir o poeta declamar enquanto este datilografava. Ambos se encontravam nos dias de feira, e o livro foi ganhando forma, uma nítida passagem do oral para o escrito. Patativa escreve para ser ouvido. Ele sempre soube dosar sua voz com sua escrita. Um livro que não existia como original preparado. Mais que um livro de estreia, um trabalho de síntese e arcabouço para toda a obra patativana que seria construída depois.

Patativa era uma erupção de poesia. No campo, gostava de se afastar dos demais agricultores para poder se concentrar melhor. Aí brotava a poesia. À medida que trabalhava a terra, interagindo, complementando e integrando cultura e natureza. Em seu cotidiano ele adquiriu e organizou toda linguagem de sua poética. Com a publicação de *Inspiração Nordestina*, o poeta abandona a viola, preservando sua produção na memória; a poesia transborda enquanto introdutora do mistério. Gilmar de Carvalho²³ ressalta que:

Quem conhece Patativa, quem já o viu dizer seus poemas sabe exatamente a importância não apenas da voz, mas do corpo todo que cresce e diz o poema, sabe exatamente o que significa performance e que seu poema escrito ou impresso é apenas um ponto de partida para uma dimensão muito maior que se perfaz quando de sua enunciação. Isso tudo pode ter vindo desse incansável exercício da peleja, da luta não apenas contra um rival, mas contra a palavra, a favor de uma fala inaugural, cosmogônica, que se propõe explicar o mundo e a inserção do homem no mistério.

Com este apoio, Patativa do Assaré lançou seu primeiro livro em 1956. Até 2001, foram mais 8 livros de sua autoria e também em parceria, ou organizado por admiradores. Em 2008, seis anos após sua morte, mais uma coletânea de cordéis e poemas foi lançado. Não será possível aprofundar e comentar cada livro como merecem ser, mas os comentários que seguem dão por si uma noção do valor da obra do poeta de Assaré.

²³ CARVALHO, Gilmar de. **Cem Patativa**. Fortaleza: Omni Editora, 2010, p. 168.

1.1.3.1 Inspiração Nordestina.

É a obra primeira do poeta. Escrita em 1956, reeditada em 1966, ficou anos fora do catálogo até ter nova edição em 2003, um ano após a morte do poeta. Todos os textos do livro foram ditados pelo poeta enquanto um ajudante datilografava os poemas. Todos eles foram supervisionados por Patativa do Assaré para que fossem publicados da forma como haviam sido pensados. Com título e prefácio de José Arraes de Alencar e o selo de Borsoi Editores, o livro foi publicado. Patativa do Assaré reembolsaria os custos da impressão com a venda dos livros. É assim que surge a primeira compilação. Superado o receio de não conseguir reembolsar o seu incentivador, ele começa a vender pelas feiras dos municípios, até que conseguiu pagar tudo o que devia. Com o sucesso, lhe foi permitida uma segunda edição em 1966, enriquecida de novos textos: *Cantos de Patativa*. Irá passar quatro meses no Rio de Janeiro para fazer a divulgação; entretanto, a venda de seus livros ocorrerá com maior frequência no Ceará. A poesia de Patativa do Assaré encontrava um mundo novo. E este mundo novo conheceria não só a voz, mas também a força das palavras do poeta do sertão; era uma questão de pouco tempo.

Na edição de 2003, não tem o prefácio de José Arraes de Alencar, porém encontrou-se parte dele na obra do professor Plácido Cidade Nuvens²⁴:

Recitando-me inúmeras poesias de sua lavra e declamado ágeis improvisos e repentinos, impressionou-me imediatamente, pela delicadeza e arrojo das imagens, pela suavidade lírica de muitos temas, pela mordacidade cortante de algumas composições, pela profunda filosofia que ressumbra de quase toda a sua obra e, ainda, pelo fenomenal poder de sua memória. Logo cheguei à evidência de que seria um crime deixar apagado e desconhecido um talento poético de tão altos predicados, e, apesar de sua excessiva modéstia, de sua verdadeira relutância inicial, anuiu em editar o volume, que hoje é apresentado ao público.

Outro trecho deste prefácio está na introdução feita por Sylvie Debs²⁵ para o projeto Biblioteca de Cordel:

No prefácio, José Arraes de Alencar sublinha as qualidades particulares aos poetas nordestinos: “Nada arranca aos rapsodos nordestinos a admirável espontaneidade, que é um milagre da inteligência, um inexplicável poder do espírito, faculdade portentosa daqueles homens simples e incultos, de cuja

²⁴ NUUVENS, Plácido Cidade. **Patativa do Assaré, um clássico**. Crato: A Província Edições, 2002, p. 90.

²⁵ ASSARÉ, Patativa. **Patativa do Assaré uma voz do Nordeste**. 3.ed. São Paulo: Hedra, 2011, p.18.

boca prorrompem, em turbilhões, os mais inspirados versos, as trovas mais dolentes e sentimentais, ou épicas estrofes, que entusiasmam e arrebatam”.

Nesta obra, Patativa do Assaré apresenta aos leitores brasileiros poemas como *O Poeta da Roça*, *A Triste Partida*, *Seu Dotô me Conhece?*, *O Vaquêro*; motes como *Quem quiser ser meu amigo, não fale mal de Assaré*, *Coronel, tenha cuidado, que o comunismo aí vem*, *Só desgraça traz a guerra, defendamos, pois a paz*, *Ao Poeta do Sertão*. Após os motes, encontra-se o capítulo XXIII do livro de José Carvalho, *O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará*, onde o autor diz como conheceu o poeta e como sua alcunha ficou conhecida como Patativa. Na segunda parte, da obra, encontram-se outros poemas como *Meu Caro Jumento*, *A Terra é Naturá* e *Cabocla da Minha Terra*.

O Poeta da Roça

Sou fio das mata, cantô da mão grossa,
Trabaio na roça, de inverno e de estio.
A minha chupana é tapada de barro,
Só fumo cigarro de páia de mio.

Sou poeta das brenha, não faço o papé
De algum menestré, ou errante cantô
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à percura de amô.

Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu sei o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! Vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estuda.

[...] Eu canto o mendigo de sujo farrapo,
Coberto de trapo e mochila na mão,
Que chora pedindo o socorro dos home,
E tomba de fome, sem casa e sem pão.

1.1.3.2 Patativa do Assaré – Novos Poemas Comentados.

J. de Figueiredo Filho, com o pretexto de reunir novos poemas, captou a voz do Poeta Pássaro e fez comentários que lançam oportunas surpresas sobre a vida deste poeta cidadão e camponês. A obra foi escrita no ano de 1970 a pedido do professor Melquíades Pinto Paiva,

na época, um dos maiores conhecedores de ictiologia²⁶ do Brasil, de renome internacional e docente da Universidade Federal do Ceará.

O livro, segundo J. de Figueiredo Filho, é uma obra de parceria, onde o primeiro autor é o poeta Patativa do Assaré. E o papel de J. de Figueiredo Filho é somente o de comentar, o que faz com grande maestria. A edição foi feita em parceria pelo Museu do Ceará juntamente com a Secretaria de Cultura do Estado do Ceará e a Universidade Regional do Cariri, em homenagem ao centenário de J. de Figueiredo Filho, em 2004. Foi publicado em Fortaleza em 2005.

Há um episódio de bastante humor do dia em que um estudante que estava conversando com outros em frente à livraria Ramiro, no Crato, ao olhar Patativa passando na rua, depois de sair da livraria ou vindo da rádio Araripe, disse aos outros: “*Olhe, esse senhor é um pueta!*”, e um outro sarcástico emendou: “*Só se for pueta sem o é!*”. A resposta de Patativa²⁷ veio imediatamente:

Sou pueta de verdade
 Porque nasci com o dote
 Pra glosar em qualquer mote
 Sou filho da soledade
 Nasci em uma cidade
 Denominada Assaré
 E sou glosador de fé
 Sou da lira sertaneja
 Sua mãe é quem talvez seja
 Pueta tirando o é.

O duplo sentido se perfaz na medida que o *o* de poeta se transforma em *u* na dicção popular. No filme *Ave Poesia*, Patativa em depoimento diz que os estudantes começaram a rir do poema e abraçaram o poeta, o que significou que para eles era apenas uma brincadeira²⁸.

Nesta obra se encontra comentado os poemas: *Sou Cabra da Peste*, *Minha Reza*, *Vida Sertaneja*, *As Proezas de Sabina*, *Caboclo Roceiro*. Um mote que fez com que fosse preso por exatos 15 minutos, *Prefeitura sem Prefeito*.

Prefeitura sem Prefeito

²⁶ Ramo da Zoologia devotado ao estudo dos peixes com ossos, peixes cartilaginosos e os peixes sem mandíbula. Compreende o estudo do desenvolvimento, da estrutura e dos hábitos dos peixes, a classificação dos diferentes tipos de peixes e o estudo de sua distribuição geográfica e de suas relações com o meio ambiente. Inclui ainda o estudo da importância do peixe como alimento para o ser humano.

²⁷ CARIRY, Rosemberg. **Patativa do Assaré – Ave Poesia**. DVD. Produção de Petrus Cariry e Teta Maia. Direção de Rosemberg Cariry. Fortaleza, Cariri Filmes, 2007, 1 DVD, 84 min. col. p&b. som.

²⁸ Ibid.

Na era de quarenta, eu precisava legalizar uns documentos na Prefeitura, porém, era um caiporismo danado, que sempre quando eu ia, o prefeito não estava na Prefeitura, estava na sua fazenda, ou andava de passeio. Fui várias vezes e sempre acontecendo a mesma coisa. Eu que moro a três léguas distante da cidade, já me achando aborrecido, glosei este mote, cujo tema me levou à cadeia.

Nesta vida atroz e dura
Tudo pode acontecer,
Muito breve há de se ver
Prefeito sem prefeitura;
Vejo que alguém me censura
E não fica satisfeito,
Porém, eu ando sem jeito,
Sem esperança e sem fé,
Por ver no meu Assaré
Prefeitura sem prefeito.

[...] Ainda que alguém me diga
Que viu um mudo falando
E um elefante dançando
No lombo de uma formiga,
Não me causará intriga,
Escutarei com respeito,
Não mentiu êste sujeito.
Muito mais barbaridade
É haver numa cidade
Prefeitura sem prefeito.

E o poema mais triste de Patativa do Assaré. A descrição da morte por inanição, em consequência da seca, de uma filha menor de seu amigo e que era a amada do pai. É uma história de cortar o coração e arrancar lágrimas. O poeta declama *A Morte de Nanã*, como se ele fosse o próprio pai.

A Morte de Nanã

Eu vou contá uma história
Que eu não sei como comece,
Pruquê meu coração chora,
A dô no meu peito cresce,
Omenta o meu sofrimento
E fico uvindo o lamento
De minha arma dilurida,
Pois é bem triste a sentença,
De quem perdeu na isistência
O que mais amou na vida.

[...] Morreu na sua inocença
Aquele anjo incantadô,
Que foi na sua insistência,

A cura da minha dô
 E a vida do meu vive.
 Eu beijava, com prazê,
 Todo dia, demenhã,
 Sua face pura e bela.
 Era Ana o nome dela,
 Mas, eu chamava Nanã.

[...] Mas, neste mundo de Cristo,
 Pobre não pode gozá.
 Eu, quando me lembro disto,
 Dá vontade de chorá,
 Quando há seca no sertão,
 Ao pobre farta feijão,
 Farinha, mio e arrôis.
 Foi isso o que aconteceu:
 A minha fia morreu,
 Na seca de trinta e dois.

[...] Daqueles oio tão lindo
 Eu via a luz se apagando
 E tudo diminuindo.
 Quando eu tava reparando
 Os oinho da criança,
 Vinha na minha lembrança
 Um candiêro vazio
 Com uma tochinha acesa
 Representando a tristeza
 Bem na ponta do pavio.

[...] Saluçando, pensativo,
 Sem consolo e sem assunto,
 Eu sinto que inda tou vivo,
 Mas meu jeito é de defunto
 Invorvido na tristeza,
 No meu rancho de pobreza,
 Toda vez que eu vou rezá,
 Com meus juêio no chão,
 Peço em minhas oração:
 Nanã, venha me busca!

Na apresentação do livro, Gilmar de Carvalho ao final irá dizer:

“Patativa do Assaré – Novos Poemas Comentados”, de 1970, era um dos livros preferidos do poeta pássaro. Curioso como ele tinha ciúmes de seu exemplar e só depois de sua morte, [...] a família pôde retirá-lo do inseparável bernal e coloca-lo em exposição nas vitrinas do Memorial que leva seu nome.

[...] Ter a obra de J.de Figueiredo Filho de volta é a melhor homenagem que se pode fazer a ele, na comemoração de seu centenário de nascimento (2004), e melhor ainda quando o livro escolhido foi o seu encontro com a genialidade de Patativa do Assaré.

1.1.3.3 Cante Lá que eu Canto Cá: Filosofia de um Trovador Nordestino.

Nesta obra o autor apresenta e representa o que há de mais puro na expressão do “mundo do sertão”. Alguns poemas são escritos no que o próprio autor qualifica de linguagem cabocla, o linguajar da rude gente sertaneja, tão crivado de erros, mutilações e acréscimos, de permutas e transposições, que os vocábulos, com frequência, parecem desfigurar-se completamente. Tais adulterações constituem uma fonte inesgotável de ensinamentos no estudo do idioma, na apreensão de sua índole, mostrando-lhe o gênio e as tendências, em toda a liberdade, em toda a sua desenvoltura. É sua obra de maior sucesso.

O livro foi publicado em 1978. Estão presentes os poemas: *Cante lá, que eu canto cá, O Inferno, o Purgatório e o Paraíso, A Festa da Natureza, Mãe Preta, Eu Quero, Apelo de um agricultor, Brasi de Cima e Brasi de Baixo, Vaca Estrela e Boi Fubá e O Agregado.*

Cante Lá, que eu Canto Cá

Poeta, cantô da rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu.

Se aí você teve estudo,
Aqui, Deus me ensinou tudo,
Sem de livro precisa
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mêxo aí,
Cante lá, que eu canto cá.

[...] Mas porém, eu não invejo
O grande tesôro seu,
Os livro do seu colejo,
Onde você aprendeu
Pra gente aqui sê poeta
E fazê rima completa,
Não precisa professô;
Basta vê no mês de maio,
Um poema em cada gaio
E um verso em cada fulô.

Francisco Salatiel de Alencar irá dizer a respeito de Patativa do Assaré na apresentação da obra:

Patativa do Assaré, o poeta do “sertão sofredor”, tem uma inesgotável capacidade de comunhão e simpatia pelos que sofrem, pelos que vivem humilde e pobremente, pelos fracos, pela gente simples do nosso povo.

Seu canto não é de protesto, nem de revolta, mas de compaixão, na verdadeira acepção da palavra. Ele é sensível à dor e às labutas dos que pelejam duramente. Sua visão da realidade não é fatalista. Ele sabe muito bem indigitar as causas humanas desses males, sem atribuí-los erroneamente a uma má sorte dada por Deus. Por isso é que sua mentalidade mostra-se sadiamente cristã, enraizada na tradição religiosa da Bíblia que vê, nos pobres e injustiçados, os prediletos de Deus, do Deus de Jesus Cristo Libertador, que os convida a levantar a cabeça e reconhecerem sua dignidade.

[...] A compaixão cristã de Patativa é para mim um dos maiores valores de sua sensibilidade poética e que nos garante a perenidade de suas criações tão espontâneas e enraizadas no mundo do Sertão.

Plácido Cidade Nuvens em artigo que abre o livro dirá sobre Patativa do Assaré:

Sua poesia, do ponto de vista do conteúdo social, reflete todo o mundo visionário e fantasmagórico do caboclo. Pode-se identificar perfeitamente uma cosmovisão ou ideologia cabocla, desapontada com a modernização, sedenta de justiça, marcada pela saudade, impregnada de misticismo, serviçal, disponível, leal.

[...] É possível ainda vislumbrar na obra poética de Patativa as utopias sertanejas, minidimensionadas num “inverno copioso”, “na fartura e abundância”, “na safra boa de algodão” e também inseridas num contexto mais amplo “da paz e liberdade”, “do direito de viver” e até concretizadas no “operário liberto da exploração patronal”, na “terra dividida para quem nela trabalha” e no “meu país rico, ditoso e feliz, livre do jugo estrangeiro”.

1.1.3.4 Ispinho e Fulô.

Nesta obra o autor se reconhece um caboclo roceiro que, como poeta, canta sempre a vida do povo, o sofrimento do Nordeste, principalmente daqueles que não têm terra. O poeta luta por Reforma Agrária. O livro traz um depoimento concedido ao cineasta Rosemberg Cariry, Crato-CE, em 1979. Foi publicado em 1983 pelo IOCE, Fortaleza, depois relançado em 1988 e em 2005. É o livro com temática sócio-política mais explícita, onde Patativa do Assaré evidencia sua defesa pelos mais necessitados. Alguns poemas se sobressaem na obra: *Nordestino Sim*, *Nordestinado Não*, *O Boi Zebu e as Formigas*, *A Terra é Nossa*, *Injustiça*, *Lição do Pinto*, *Seca Dáguas*, *Reforma Agrária*, *Ao Reis do Baião*, *Inleição Direta 1984* e *O Agregado e o Operário*.

O Agregado e o Operário

[...] Camponeses meus irmãos
E operários da cidade,
É preciso dar as mãos

Cheios de fraternidade,
Em favor de cada um
Formar um corpo comum
Praciano e camponês
Pois só com esta aliança
A estrela da bonança
Brilhará para vocês.

Uns com os outros se entendendo
Esclarecendo as razões
E todos juntos fazendo
Suas reivindicações
Por uma democracia
De direito e garantia
Lutando de mais a mais,
São estes os belos planos
Pois nos direitos humanos
Nós todos somos iguais.

1.1.3.5 Balceiro – Patativa e outros poetas de Assaré.

Este livro foi composto e lançado por ocasião do aniversário de 80 anos de Patativa do Assaré, pela Secretaria da Cultura e Desporto, em Fortaleza, no ano de 1991. Foi organizado por Patativa do Assaré e Geraldo Gonçalves de Oliveira e prefaciado por Rosenberg Cariry. Se por justa causa Patativa deu fama ao município de Assaré, o município retribuiu de forma generosa, oferecendo ao Nordeste grande número de poetas populares. O livro traz muito bons poetas, porém é um livro irregular, cheio de altos e baixos, mas vale pelo que representa, mostrando que a poesia popular está mais viva do que nunca e, em tempos de fome, de miséria, de capitalismo selvagem, a poesia é luz; pão de espírito e guia para a luta por melhores dias. Os poemas que chamam atenção no livro: *Autobiografia*, *O Sabiá Vaidoso*, *Teia de Aranha*, *Hospital São Francisco* e *Minhas Filhas*.

Teia de Aranha

A aranha, famosa artista
E ao mesmo tempo tramista,
Vive da desgraça alheia,
Tem tudo a todo momento,
Pois nunca falta o alimento
Nos fios de sua teia.

O besouro incauto voa
E finda ficando à toa
Naquela dura prisão,
Assim, a sabida aranha
Colhe com a sua manha

A sua alimentação

[...] Os nossos analfabetos
São como aqueles insetos,
Com a mesma circunstância
Seus direitos são negados
E vivem subordinados
Na teia da ignorância.

1.1.3.6 Aqui Tem Coisa.

Nesta obra o autor retrata com muita simplicidade, a pura realidade, o grande sofrimento, o grande padecimento da pobre classe operária, do agregado sem nome, que vive sofrendo fome e pedindo Reforma Agrária. Lançado em 1994, relançado em 2004. Traz os poemas: *Aqui tem coisa*, *Menino de Rua*, *Aposentadoria do Mané do Riachão*, *Reforma Agrara é assim*, *Encontro de Patativa do Assaré com a alma de Zé Limeira o poeta do absurdo*, *A Seca*, *Lições de um Cego*, e *Pergunta de um Analfabeto*.

Reforma Agrara é assim

[...] E você, Mané Lorenzo,
que tem a voz forte e grossa
e pensa aquilo que eu penso
vai gritando: a terra é nossa!
Leste, Oeste, Sul e Norte,
ouvindo este grito forte
com corage se prepara
e assim com esta união
sem precisa de lição
nós faz a Reforma Agrara

[...] Prucausa de nós sofrê
iguá o boi na manjarra,
samo obrigado a fazê
Reforma Agrara na marra,
Pra neto, pra fio e pai
a Reforma agora sai,
que achem bom ou que achem ruim,
seja na guerra ou na paz,
Seu Dotô a gente faz
Reforma Agrara é assim

1.1.3.7 Patativa do Assaré uma voz do Nordeste.

Coletânea de cordéis assinados por Patativa do Assaré, mostrando que o sabor e a força da poesia de Patativa do Assaré é o vínculo existente entre o poeta, o sertão e a cidade. Seu canto nasce da matéria cotidiana, com seu labor, suas alegrias e seus sofrimentos. Foi lançado originalmente em uma caixa, com vários folhetos de cordel em 1999; relançado para o projeto Biblioteca de Cordel, em 2009. A introdução da obra é feita por Sylvie Debs e traz cinco cordéis do poeta de Assaré: *História de Aladim e a Lâmpada Maravilhosa*, *O Padre Henrique e o Dragão da Maldade* (feito a pedido de D. Helder Camara²⁹ por ocasião do assassinato do jovem padre Henrique no período da ditadura militar no Brasil, em especial na Arquidiocese de Olinda e Recife), *Emigração e as Consequências*, *Brosogó*, *Militão e o Diabo* e *ABC do Nordeste Flagelado*.

ABC do Nordeste Flagelado

A – Ai como é duro viver
 Nos estados do Nordeste
 Quando o nosso Pai Celeste
 Não manda a nuvem chover,
 É bem triste a gente ver
 Findar o mês de janeiro
 Depois findar fevereiro
 E março também passar
 Se o inverno começar
 No Nordeste brasileiro

[...] L – Lamenta desconsolado
 O coitado camponês
 Porque tanto esforço fez,
 Mas não lucrou seu roçado
 Num barco velho, sentado
 Olhando o filho inocente
 E a mulher bem paciente,
 Cozinha lá no fogão
 O derradeiro feijão
 Que ele guardou pra semente

[...] Z – Zangado contra o sertão
 Dardeja o sol inclemente,
 Cada dia mais ardente
 Tostando a face do chão;
 E, mostrando compaixão
 Lá do infinito estrelado,
 Pura, limpa, sem pecado
 De noite a lua derrama

²⁹ Na obra **O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara** (São Paulo: Paulinas, 2013, p. 13), o autor Ivanir Antonio Rampon afirma que vários autores escrevem o nome de Dom Helder Camara de muitas maneiras; porém, a grafia correta é Dom Helder Pessoa Camara. Esta será a grafia utilizada nesta dissertação quando o nome de Dom Helder for aqui citado.

Um banho de luz no drama
Do Nordeste flagelado

Posso dizer que cantei
Aquilo que observei;
Tenho certeza que dei
Aprovada relação
Tudo é tristeza e amargura,
Indigência e desventura,
Veja, leitor, quanto é dura
A seca no meu sertão

1.1.3.8 Balceiro 2 – Patativa e outros Poetas do Assaré.

O livro foi organizado por Geraldo Gonçalves de Alencar e lançado no ano de 2001. O lançamento ocorre no ano em que o poeta fazia 92 anos de vida. A poesia explicitada na obra é solidária sem ser panfletária, ancestral sem ser anacrônica e contemporânea sem se apegar aos modismos. Neste volume, a “fonte patativana” apresenta novos frutos locais, que se tornam com este lançamento, nacionais. São poesias recolhidas pelo discípulo mais próximo e mais querido por Patativa, que é Geraldo Gonçalves de Alencar. Traz os seguintes poemas inéditos e feitos de improviso: *Fonte Patativana*, *Minha Idade e Minha Poesia*, *Um Mundo Desconhecido*, *Prefeito com Prefeitura* e *Doutor Honoris Causa*.

Doutor Honoris Causa

[...] Com a minha timidez
Julgando, por minha vez,
Fico até encabulado
Um poeta agricultor
Com três títulos de Doutor
Sem nunca ter estudado

Não estudei em colégio
Meu estudo é o privilégio
Que a natureza me deu
Estes universitários
De fino vocabulário
Conhecem mais do que eu

1.1.3.9 Ao Pé da Mesa – Motes e Glosas.

Escrito com Geraldo Gonçalves de Alencar, foi publicado no ano de 2001, como resultado de muitas peijas que ambos os poetas travaram. Eles se revezavam e quem dava o

mote geralmente glosava por último, para deixar o contendor sob pressão temporal e sob o impacto da surpresa, da novidade. Essas brincadeiras, que se estendiam pela tarde, revelam a poesia como jogo e evidenciam um inusitado prazer em versejar. Nesse instante, eles são rivais na busca da rima mais rica, da métrica perfeita, da acentuação adequada e do impacto. É um jogo antigo que se atualiza e pode ser interrompido para um café, com direito a comentários e elogios sobre um verso, a propriedade de uma comparação ou o inusitado de uma armadilha. Esse trabalho, em conjunto com Geraldo, mostra a permanência da oralidade nas regras e modalidades de uma cantoria sem a viola. Tal brincadeira de poesia não trata apenas de mostrar domínio, mas se inscreve em uma categoria maior: a de compreender a poesia como contraponto a um universo sobre o qual é possível interferir por meio da palavra cantada, escrita ou impressa. Destacam-se: *Toda criatura humana tem o seu valor divino, Será que o chifre do Diabo é mesmo feito de fogo?, A Poesia é um dom dado pela Natureza e Desafio Malcriado.*

Toda criatura humana tem o seu valor divino

Patativa – Ao primeiro homem Adão

Um elogio ofereço
Por ter sido ele o começo
Da sagrada Criação
Deus no mesmo pôs a mão
Lhe dando vida e destino
Com esse trabalho fino
Da sua mão soberana
Toda criatura humana
Tem o seu valor divino.

Geraldo – O homem é o semelhante

Do nosso Pai Criador,
Foi criado com amor
Mas hoje peca bastante
Mesmo assim é importante
Palmilhando seu destino
Pode ser um assassino
Ou bastardo de cigana
Toda criatura humana
Tem o seu valor divino.

1.1.3.10 Digo e não Peço Segredo.

É a última obra do poeta em vida e foi organizada e prefaciada por Luiz Tadeu Feitosa, no ano de 2001 e teve uma segunda reimpressão em fevereiro de 2003. Patativa do

Assaré com este livro mostra que há muito ele deixou de ser do Assaré para ser do mundo. Sua obra é como uma grife, espécie de fala que existe como suporte para traduzir o universal, reafirmando que Patativa representa o lirismo e a perspicácia de quem vive as peculiares circunstâncias nordestinas interpretando, como poucos, os sentimentos de sua gente. O livro é uma síntese de uma vida, que se fez obra, e que é contada de modo solto e leve, majoritariamente em prosa, coisa difícil de se obter do poeta, que sempre foi todo poesia. É da condição de mito que Patativa do Assaré fala do homem e do poeta. O livro foi composto da convivência de Tadeu Feitosa com o poeta durante quatro anos seguidos e destes, quatro meses ininterruptos para obter preciosas informações a partir das entrevistas realizadas. A obra foi dividida em quatro partes a partir das entrevistas realizadas: *Parte 1: O Homem e o Pássaro*, *Parte 2: O Pássaro e o Canto*, *Parte 3: O Canto e a Vida* e a *Parte 4: A Vida e o Mito*. A conversa é entremeada de poemas: *Sertão*, *O Nadador*, *Homenagem ao Rei do Baião* e *Language dos Óio*.

Language dos Óio

Quem repara o corpo humano
E com cuidado nalisa
vê que o Autô Soberano
lhe deu tudo o que precisa
os orgo que a gente tem
tudo serve munto bem
mas ninguém pode negá
que o Autô da Criação
fez com maió prefeição
os orgo visioná.

[...] Nem mesmo os grande oculista
os dotô que munto estuda
os mais maió cientista
conhece a language muda
dos orgo visioná
e os mais ruim de decifrá
de todos que eu tô falando
é quando o oiá é zanôio
ninguém sabe cada ôio
pra onde tá reparando.

1.1.3.11 Patativa do Assaré – Cordéis e Outros Poemas.

É um livro organizado por Gilmar de Carvalho e que foi publicado em 2008. É a reunião de 15 cordéis escritos por Patativa do Assaré, que haviam sido publicados em avulso.

Alguns deles: *História de Abílio e seu Cachorro Jupi*, *Saudação ao Juazeiro do Norte*, *As Façanhas de João Mole*, *O Meu Livro*, *Vicença e Sofia ou o Castigo de Mamãe*, *Antônio Conselheiro*, *Emigração*, *O Doutor Raiz*, *O Bode de Miguel Boato*, *Rogando Pragas*, *Glosas sobre o Comunismo*. Os poemas que fecham o livro já foram publicados em outras obras: *Cante Lá, que eu Canto Cá* e *A Terra é Naturá*.

Rogando Pragas

Dizia o velho Agostinho
que este mundo é cheio de arte
e se encontra em toda parte
pedaços de mau caminho
um pessoal meu vizinho,
sem amor e sem moral
atrás de fazer o mal,
para feijão cozinhar
começaram a roubar
as varas do meu quintal

[...] E o que não ouvir o rogo
que faço neste momento
tomara que tenha aumento
como correia no fogo,
dinheiro em mesa de jogo
e cana no tabuleiro
e no dia derradeiro
a vela pra sua mão
seja um pequeno tição
de vara de marmeleiro.

1.1.3.12 Escrevendo sobre Patativa do Assaré.

Patativa do Assaré teve durante sua vida e após a sua morte vários admiradores espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Desta admiração nasceram folhetos de cordel, artigos, dissertações, teses, documentários, filmes, cds, sites, páginas na Internet, e livros a respeito de sua pessoa e do mito da cultura popular que se tornou:

1.1.3.12.1 Francisco de Assis Brito.

O autor Francisco de Assis Brito escreveu o artigo *O Metapoema em Patativa do Assaré: Uma Introdução ao Pensamento Literário do Poeta*³⁰, dentro do contexto sócio-político da época, de repressão e de silêncio, ele constata que Patativa havia se tornado a voz que todos queriam ouvir, pois canta as agruras do sertão, incorporando o grito de todos os oprimidos de todos os lugares, porém afirma que Patativa do Assaré não é apenas um poeta popular, é um poeta do mundo. Comprometido com o mundo. Nele engajado com todo o seu ser. O Poeta é a fonte. É o tema. O poema é a inspiração feita arte, manifestada segundo a sensibilidade do seu criador. Seu trabalho literário ressalta as modulações do discurso literário e, ao mesmo tempo, orienta o leitor na sua apreciação da obra. O autor busca a mensagem de Patativa do Assaré, naquilo em que ele define o poema, a linguagem, o verso, a criação poética, o instrumento musical componente do poeta. É o poema do poema e de seus componentes.

1.1.3.12.2 Jesus Rocha.

O autor Jesus Rocha, escreveu o livro *Filosofando com Patativa*³¹, onde procura demonstrar ao leitor não só o Patativa poeta, mas o filósofo Patativa, onde é possível encontrar nos seus versos o caminho à sabedoria e à liberdade. Procura esclarecer ao povo o valor do camponês, da cultura sertaneja e a possibilidade da preservação do que é nosso, dando um passo para uma verdadeira transformação social, onde o nordestino possa ter vez e voz. Em *Patativa do Assaré: um poeta popular*³², o autor analisa e reflete os poemas mais importantes, na sua visão, do Poeta do Assaré, mantendo um diálogo aberto e sincero com o Poeta, tentando encontrar em cada verso uma explicação para tamanho sofrimento em que vive o povo nordestino e brasileiro.

1.1.3.12.3 Maria Ferreira dos Santos.

A autora Maria Ferreira dos Santos³³ procura mostrar os aspectos sociológicos da poesia de Patativa do Assaré, sua criação poética, descrevendo e contestando o sofrimento dos

³⁰ BRITO, Francisco de Assis. **O Metapoema em Patativa do Assaré: Uma Introdução ao Pensamento Literário do Poeta**. Crato: Universidade Federal do Ceará, 1984.

³¹ ROCHA, Jesus. **Filosofando com Patativa**. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

³² ROCHA, Jesus. **Patativa do Assaré: um poeta popular**. Fortaleza: APEX Gráfica e Editora Ltda, 2000.

³³ SANTOS, Maria Ferreira dos. **Aspectos Sociológicos na Poesia de Patativa do Assaré e o Drama da Triste Partida**. Crato: A Província Edições, 1993.

flagelados da seca, reivindicando direitos sociais e denunciando as desigualdades de um modo geral. Por ser poeta popular e consciente dos problemas nordestinos, seus poemas falam destes problemas e se irmanam com o sofrimento do povo nordestino. É no campo social que a poesia de Patativa se apresentará rica e será testemunho verdadeiro dos conflitos sociais do povo nordestino.

1.1.3.12.4 Gilmar de Carvalho.

O autor Gilmar de Carvalho, sem dúvida alguma, é o pesquisador que mais obras escreveu a respeito do Poeta. Em *Patativa Poeta Pássaro do Assaré*³⁴ há uma longa entrevista com o Poeta do Assaré. No diálogo entre os dois, se percebe a essência do que se poderia imaginar a inspiração fundamental de um jornalista e sua fonte. Com ética, tempo e espaço, o autor consegue fugir das características básicas da prática jornalística. Mesmo havendo poucos fatos novos sobre a vida do maior poeta popular do país, que sempre foi muito entrevistado pela imprensa cearense, transformou sua obra em centro importante de estudo e análise de pesquisadores, livros, biografias e reportagens pelo Brasil afora. Gilmar de Carvalho conseguiu reproduzir as marcas da fala, os longos versos recitados por Patativa, surgidos com a finalidade de ganhar tempo frente à perguntas embaraçosas, encanta ainda mais quem lê o livro, assim como encantou o autor. Com *Patativa do Assaré*³⁵ o autor, de forma simples e direta, apresenta o poeta do Assaré desde o nascimento em 05 de março de 1909 até a inauguração do Memorial Patativa do Assaré e do recebimento do título Doutor Honoris Causa da UECE, no dia 05 de março de 1999. É apresentado como Ave Poesia e descrito como um agricultor pobre, sem escola, nascido na pequena Assaré, no interior do Ceará. Ele poderia ter sido mais um de muitos “Antônios da Silva” que trabalharam a terra, se casaram, tiveram um monte de filhos e morreram sem deixar marcas. Mas com este Antônio, a coisa é diferente. Ele é Patativa, nele natureza e cultura se unem. Ele descobriu o poder de reinventar o mundo através das palavras. Em *Cem Patativa*³⁶, apresenta uma coleção de tudo que o autor escreveu sobre Patativa do Assaré, condensado num único volume em comemoração ao centenário do poeta em 2009. Nele encontra-se uma poesia de agradecimento de Patativa para Carvalho, quando o poeta estava com 89 anos. É um livro indispensável para quem deseja conhecer a obra e a vida de Patativa do Assaré. Com Tiago

³⁴ CARVALHO, Gilmar de. **Patativa Poeta Pássaro do Assaré**. Fortaleza: Omni Editora, 2002.

³⁵ CARVALHO, Gilmar de. **Patativa do Assaré**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

³⁶ CARVALHO, Gilmar de. **Cem Patativa**. Fortaleza: Omni Editora, 2010.

Santana, escreveu *O sertão dentro de mim*³⁷, uma produção reflexiva das imagens e palavras que compõem o amplo painel da vida do Poeta de Assaré. Trata-se de uma composição que estimula o exercício crítico e colabora com múltiplas perspectivas sobre a relevância de sua poesia que recorre a fragmentos da tradição oral. No livro *Patativa do Assaré Pássaro Liberto*³⁸, Gilmar de Carvalho apresenta ensaios apresentados em jornais, revistas, congressos, simpósios, seminários, que tentam montar um caleidoscópio de um poeta cidadão chamado Antônio Gonçalves da Silva. Intelectual orgânico, na acepção de Gramsci, admirador de Jesus Cristo, leitor voraz de tudo eu lhe chegava às mãos na inacessível Serra de Santana. Ensaios estes que são peças de um quebra-cabeça maior, uma colcha de muitos retalhos, emendados, pacientemente, ao longo de quase dez anos de convívio, mais de 600 páginas de conversas gravadas e transcritas, um objeto, uma fonte de pesquisa que se tornou amigo.

1.1.3.12.5 Plácido Cidade Nuvens.

O autor Plácido Cidade Nuvens, na obra, *Patativa e o universo fascinante do sertão*³⁹, analisa o poeta Patativa do Assaré em toda a sua dimensão, dentro do contexto histórico-econômico, social e político, que o produziu, alimenta e desafia. Nuvens se embrenhou de sertão adentro à procura de uma explicação para a genialidade de um homem marcado pelo sofrimento e cercado de tantas dificuldades, e para o alcance de uma obra permeada de extasiante lirismo e cruamente realista ao mesmo tempo. Com o telurismo de sua poesia, o Poeta mostra o serão empobrecido, explorado, abandonado e humilhado. Ao mesmo tempo, num gesto de altruísmo e compaixão, reafirma o seu amor e respeito, sua admiração e confiança ao ser humano do sertão: valente, amigo, solidário, puro e inquebrantável, capaz de sobrepor-se à adversidade de uma natureza hostil e de uma sociedade historicamente marginalizada pelos donos do poder. Em *Patativa do Assaré: um clássico*⁴⁰, o autor, considera Patativa do Assaré como um poeta clássico na literatura brasileira, precisamente a partir da produção de sonetos que se apresenta disseminada em sua obra poética. Em Patativa do Assaré, natureza e cultura se imbricam. Procura sublinhar o lado clássico da sua produção poética, aproximando-o de Olavo Bilac e Augusto dos Anjos.

³⁷ SANTANA, Tiago. CARVALHO, Gilmar de. **O sertão dentro de mim**. São Paulo: Edições SESC-SP, 2010.

³⁸ CARVALHO, Gilmar de. **Patativa do Assaré Pássaro Liberto**. 2.ed. Fortaleza: Museu do Ceará, 2011.

³⁹ NUVENS, Plácido Cidade. **Patativa e o universo fascinante do sertão**. Fortaleza: Fundação Edson Queiroz Universidade de Fortaleza, 1995.

⁴⁰ NUVENS, Plácido Cidade. **Patativa do Assaré, um clássico**. Crato: A Província Edições, 2002.

1.1.3.12.6 Luiz Tadeu Feitosa.

O autor Luiz Tadeu Feitosa, em *Patativa do Assaré: a trajetória de um canto*⁴¹, faz um minucioso trabalho investigativo de seis anos de pesquisa, onde nos últimos dois anos, o poeta no alto de sua longevidade revela aspectos jamais mostrados publicamente. É uma trajetória que começa analisando a leitura dominante ou preferencial que se faz de Patativa do Assaré na mídia, os aspectos biográficos recorrentes e as referências a certas poesias de sua obra que podem também ser encontrados nos discursos de seus fãs e nos discursos de seus biógrafos. A proposta do autor é entender como Patativa do Assaré se torna um produto cultural, regido por regras próprias, e configurado em um tempo e espaço específicos. O livro foi publicado pela editora Escrituras, dentro da Coleção Ensaios Transversais, em São Paulo, 2003.

1.1.3.12.7 Antonio Iraildo Alves de Brito.

O autor Antonio Iraildo Alves de Brito, em *Patativa do Assaré: porta-voz de um povo – as marcas do sagrado em sua obra*⁴², ao retratar Patativa do Assaré, diz que ele não é só popular, nem só erudito, mas os dois estão imbricados. Sua obra extrapola as dicotomias abissais. O define com uma palavra: poeta. Poeta que, no princípio, fora violeiro, repentista, cordelista. E ao longo da vida, foi isso tudo junto. Expressões oriundas de um saber ancestral, que lhe legaram a forma primordial da linguagem: a fala. O tema diz respeito à poética sertaneja de Patativa do Assaré com o viés: os aspectos do sagrado. A abordagem tem como ponto de partida a oralidade. Como o sagrado se manifesta em seus poemas. Patativa do Assaré é um poeta legítima e autenticamente popular, o que não é menos, porém, mais próximo da voz do povo, do bom senso. Os poemas dizem o mundo, a vida, o homem, Deus. Neles, a profecia do sertão, numa forma literária de matriz cabocla, torna-se missão não apenas por sua arte, seu domínio da linguagem, mas principalmente pelo ato criador atribuído à divina providência. Envolto no universo da oralidade, desde muito cedo se sentiu vocacionado a porta-voz da palavra. Mensageiro oracular.

1.1.3.12.8 Rosemberg Cariry.

⁴¹ FEITOSA, Luiz Tadeu. **Patativa do Assaré: a trajetória de um canto**. São Paulo: Escrituras, 2003.

⁴² BRITO, Antonio Iraildo Alves de. **Patativa do Assaré: porta-voz de um povo – as marcas do sagrado em sua obra**. São Paulo: Paulus, 2010.

*Patativa do Assaré – Ave Poesia*⁴³, filme de Rosemberg Cariry, onde o diretor aborda a vida e a obra de Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré, destacando a importância dos seus poemas, o significado político dos seus atos e a enorme contribuição à cultura brasileira. Nas palavras do diretor no encarte do DVD:

“Mais do que um poeta maior, Patativa do Assaré é a síntese das lutas e do esperar do povo nordestino. Como um raio (fogo mágico de corisco), a sua ação humana e a beleza única da sua poesia transpõem as muralhas da opressão e do obscurantismo, afirmando o compromisso inalienável com a liberdade e com a vida. É preciso um século inteiro para plasmar gênio como Patativa do Assaré. O século XX deu esse presente ao Brasil. O povo, envaidecido, agradece”.

Nota-se que, para que o filme saísse, foi necessário pesquisar muitas fontes escritas e da tradição oral, assistir registros audiovisuais e também iconográficos. Percebe-se que realizar um filme documentário sobre Patativa do Assaré foi, antes de mais nada, desvendar não apenas a biografia e a obra de um poeta, mas mergulhar no vasto oceano da cultura coletiva e tatear os caminhos onde a história individual se encontra com o destino histórico de todo um povo. O filme contextualiza a obra de Patativa do Assaré usando um rico material de arquivo. São usados trechos de filmes da época para ilustrar a temática sertaneja dos poemas. Ganhou o prêmio de Melhor Longa Metragem no 5º. Festival de Belém do Cinema Brasileiro e no 17º. Cine Ceará, onde foi aplaudido de pé.

1.1.3.12.9 Sergio Roizenblit.

*O Milagre de Santa Luzia – uma viagem pelo Brasil que toca sanfona*⁴⁴, é uma homenagem a Luiz Gonzaga que nasceu em 13 de dezembro de 1912, dia de Santa Luzia. O filme é uma viagem pelo Brasil que toca sanfona, conduzida pelo saudoso Dominginhos. São encontros acompanhados de muita música e reunindo depoimentos dos mais representativos sanfoneiros brasileiros. O filme guarda preciosos registros de importantes personagens da música popular brasileira, como os sanfoneiros Sivuca e Mario Zan, e o poeta Patativa do Assaré, que declama um de seus poemas em homenagem ao Rei do Baião. Todos

⁴³ CARIRY, Rosemberg. **Patativa do Assaré – Ave Poesia**. DVD. Produção de Petrus Cariry e Teta Maia. Direção de Rosemberg Cariry. Fortaleza, Cariri Filmes, 2007, 1 DVD, 84 min. col. p&b. som, p.2.

⁴⁴ ROIZENBLIT, Sergio. **O Milagre de Santa Luzia – uma viagem pelo Brasil que toca sanfona**. DVD. Produção de Miração Filmes. Direção de Sergio Roizenblit. São Paulo, Miração Filmes, 2008, 1 DVD, 105 min. col. som.

os três vieram a falecer pouco tempo depois da participação no filme. Foi uma das últimas aparições do Poeta de Assaré.

1.1.3.12.10 Carlos Beschi.

*Pro modo de traduzir Patativa (site Patativa do Assaré in italiano)*⁴⁵, Carlos Beschi, pesquisador italiano, criou o site para homenagear e divulgar a poesia de Patativa do Assaré em língua italiana. A tradução dos poemas que continuam até os dias atuais começou no ano de 2006, quando o pesquisador morava no Ceará. Segundo o site, Patativa do Assaré é “*probabilmente, uno dei grandi nomi della poesia brasiliana del Novecento*”. Interessa para esta pesquisa saber que fora do Brasil, o Poeta de Assaré também é estudado, respeitado, traduzido, divulgado. Muitas vezes, mais do que em seu próprio país.

1.2 Influências: Literatura de Cordel, Camões, Castro Alves e Machado de Assis.

As influências que Patativa do Assaré teve foram a Literatura de Cordel, o lusitano Luiz de Camões e os brasileiros Castro Alves e Machado de Assis.

Sobre a Literatura de Cordel assim ele diz⁴⁶:

Quando eu ouvi alguém ler um folheto de cordel pela primeira vez, aí eu fiquei admirado com aquilo, mas no mesmo instante, eu pude saber que eu também poderia dizer em versos qualquer coisa que eu quisesse, que eu visse, que eu sentisse, não é? Comecei a fazer versinhos desde aquele tempo. Sim, a partir do cordel. Porque eu vi o que era mesmo poesia. Aí, dali comecei a fazer versos. Em todos os sentidos. Com diferença dos outros poetas, porque os outros poetas fazem é escrever. E eu não. Eu faço é pensar e deixo aqui na minha memória. Tudo o que eu tenho, fazia métrica de ouvido. Só de ouvido, mas era bonita. Ah! Era! Era bonito mesmo. A base era a rima e a medida. A medida do verso, com a rima, tudo direitinho.

1.2.1 Literatura de Cordel.

⁴⁵ BESCHI, Carlos. **Pro modo de traduzir Patativa**. Disponível em: <www.patativa.gnumerica.org>. Acesso em: 10 mar. 2015, p. 1.

⁴⁶ ASSARÉ, Patativa do. **Digo e não peço segredo**. São Paulo: Escrituras, 2003, p. 39.

O termo *Cordel* tem sua origem na França, na região de Provença e significa: *cordão* ou *barbante*. Quando se referir ao gênero poético, será grafado com inicial maiúscula. Como sinônimo de folheto, livro, material impresso, será grafado com inicial minúscula. Essa palavra era desconhecida do povo do Nordeste brasileiro até ser relacionada ao folheto popular ou folheto de feira. A Literatura de Cordel no passado era conhecida como *romance*, *folheto* ou *verso*. Há vários outros nomes atribuídos ao cordel: *livro de histórias matutas*, *poesias matutas*, *livro de história antiga*, *histórias de João Grilo*, *folheto antigo*, *livrinho de Feira...*

Para Fernando Paixão⁴⁷, os folhetos ganharam a denominação de cordel a partir da década de 70 com a chegada do brasilianista francês Raymond Cantel, que foi um dos pesquisadores franceses responsável pela divulgação da poesia de Patativa do Assaré naquele país. Raymond Cantel informou que esses folhetos eram vendidos na Europa em cordéis ou barbantes. Surge então o termo Literatura de Cordel, até então desconhecido. Na França, o folheto era conhecido como Literatura de Colportage.

Para Marco Haurélio⁴⁸, a literatura de cordel, ou o seu substrato, chegou ao Brasil – ou à terra que depois seria assim denominada – a bordo das primeiras caravelas. Sendo próprio do ser humano, deslocando-se geograficamente, além dos conhecimentos que lhe garantam a sobrevivência, levar consigo, a sua cultura.

Aqui cabe perguntar: quem eram esses aventureiros e o que faziam a bordo, durante a longa e, certamente, tediosa travessia? O pesquisador italiano Silvano Peloso assinala a predileção deles por “divertimentos mais sedentários”, incluindo a leitura coletiva hábito que sobreviveria, cerca de quatro séculos depois, nos serões noturnos do Nordeste. [...] Assim, uma tradição com forte carga simbólica foi se aculturando e se expandindo com as levas de colonos estabelecidos no Novo Mundo, possibilitando a ampla difusão da poesia tradicional no continente. No Brasil, após iniciada a marcha do litoral ao sertão, as atividades econômicas deram nova coloração às imagens arquetípicas herdadas da Europa. O intercâmbio se ampliou, e a poesia tradicional, mormente no Nordeste, se consolidou com as singularidades que a aproximam de outras manifestações plantadas na América Espanhola. Fundada sob o signo do fantástico, a poesia popular supriu uma lacuna que a historiografia incipiente não podia preencher. Quando, no fim do século XIX, o Nordeste assistiu ao ressurgimento – no Brasil, seria mais correto dizer “surgimento” – da poesia popular em sua forma escrita e em grande escala, o caminho já estava preparado. E a voz do poeta popular, ampliada pela coletividade, pôde levar o necessário em termos de literatura a uma população em sua maioria ágrafa.

⁴⁷ PAIXÃO, Fernando. **O mundo encantado da Literatura de Cordel**. Oficina de Literatura de Cordel – I Encontro Nacional de Juventudes e Espiritualidade Libertadora. Apostila. Fortaleza: 2014, p. 2.

⁴⁸ HAURÉLIO, Marco. **Breve História da Literatura de Cordel**. São Paulo: Editora Claridade, 2010, p. 14-15.

A estrutura poética/textual da poesia de cordel é composta de verso, estrofe, rima, métrica e oração.

Verso: é cada uma das linhas que compõem o poema. Conhecido também como pé. Quando um verso é mal feito, ou não tem métrica, recebe a expressão “pé quebrado”.

Estrofe: é um conjunto de versos. No cordel pode ser composta em quadra, sextilha e décima (salvo quando é uma peleja de cantador recriada no folheto, onde pode se usar, além dessas, outras diversas formas de estrofes).

Rima: é a repetição do mesmo som no final dos versos, ou a correspondência de sons no final de palavra diferentes. No cordel é usada a rima soante e ou consoante.

Métrica: é a medida dos versos ou o metro, de acordo com sua quantidade de sílabas poéticas. A medida mais utilizada no cordel é a redondilha maior, que conta de sete sílabas poéticas.

Oração: é a coerência, a espontaneidade, a clareza do assunto abordado, é a fidelidade ao tema, como se diz no ditado popular, é “dizer coisa com coisa”, é o autor se fazendo entender pelo leitor.

Marco Haurélio⁴⁹ sobre a estrutura do cordel irá dizer:

Os poetas populares costumam afirmar que o cordel se equilibra em um tripé que o caracteriza e, de certo modo, o define. Esse tripé é composto por métrica, rima e oração. Métrica e rima dispensam definição. O mesmo não se pode dizer da oração que, para os poetas, é aquilo que dá sentido ao texto. Pode estar relacionada à fluência, mas, também, pode ser sinônimo de verossimilhança. O verso, também chamado de pé, é preferencialmente o de sete sílabas poéticas, ou redondilha maior. Quando essa medida é desrespeitada, diz-se que o cordel é de “pé quebrado”.

Para Antonio Iraldo Alves de Brito⁵⁰, cantoria e cordel podem ser considerados como duas manifestações artísticas inseparáveis. Um e outro têm a mesma fonte: são essencialmente orais. Claro que literatura de cordel, como o próprio nome já indica, tem mais relação com a escrita. Mas ambas são literatura oral, compostas para serem declamadas.

É a partir do cordel como mediação que se pode perceber uma de suas características marcantes: o caráter combativo. Quem sabe isso seja pela liberdade com que o autor se permite diante da linguagem. Aos poetas parece importar dizerem a sua palavra e por meio dela explicar o mundo em

⁴⁹ HAURÉLIO, Marco. **Literatura de Cordel do sertão à sala de aula**. São Paulo: Paulus, 2013, p. 111.

⁵⁰ BRITO, Antonio Iraldo Alves de. **Patativa do Assaré porta-voz de um povo** – as marcas do sagrado em sua obra. São Paulo: Paulus, 2010, p.54.

suas várias facetas. [...] Um aspecto essencial da literatura de cordel é o fato de ser escrita em verso. As estrofes, a métrica, as rimas marcam o “índice de oralidade”, a voz em potência no texto. De modo que o cordel não é uma coisa feita de qualquer jeito, como às vezes se pensa. Há regras, inclusive rígidas, a serem observadas. O tipo de estrofe mais usado nos folhetos de cordéis são as sextilhas (estrofes de seis versos).

1.2.2 Luís Vaz de Camões.

Patativa do Assaré nunca escondeu que foi apenas alfabetizado; porém, era um leitor assíduo, cuidadoso, curioso para saber das coisas. Aprendeu a ler, pois queria ler tudo, principalmente os livros de história e conhecimentos gerais sobre os quais trabalharia depois em forma de poesia. A preferência primeira foi a Literatura de Cordel, depois abandonada por causa das cantorias. Afirmava o poeta que *era melhor ouvir do que ler*. Ao ler *Os Lusíadas*, percebeu que seria uma leitura intrincada, que precisaria estar com um dicionário ao lado para entender o que ali estava escrito. Entendeu também que o autor português adentrava na mitologia com sua obra.

A Gilmar de Carvalho⁵¹, Patativa irá dizer a respeito de Camões:

É ali uma história muito bonita, mas pra quem não estudou muitas, não é tão compreensível. Mas eu li todo e aprendi aquela forma de versificação dos “Lusíadas”. É tanto que naquele meu poema “O Purgatório, o Inferno e o Paraíso”, a versificação é aquela mesma (e declama de cor parte de *Os Lusíadas**):

*Das armas e barões assinalados,
que da ocidental praia lusitana,
por mares dantes nunca navegados,
ainda passaram além da Itapobrana,
entre guerras e perigos e corsários,
mais do que permitia a força humana.
E entre gente remota edificaram
Novo reino que tanto sublimaram.**

Veja bem, aqui a entrada do meu poema é obedecendo essa mesma tônica, essa mesma medida, viu? Agora, o sentido, diferente. É.

Pela estrada da vida nós seguimos
cada qual procurando melhorar.
Tudo aquilo que vemos e que ouvimos
desejamos na mente interpretar,
pois na Terra nós todo possuímos
o sagrado direito de pensar.
Nesse mundo de Deus, olho e diviso:
o purgatório, o inferno e o paraíso.

⁵¹ CARVALHO, Gilmar de. **Patativa Poeta Pássaro do Assaré**. 2.ed. Fortaleza: Omni Editora Associados, 2002, p. 24-25.

Esse meu poema, viu? Eu, na divisão das classes: inferno, classe pobre; purgatório, classe média; paraíso, classe rica.

Patativa do Assaré sobre Camões em entrevista a Luiz Tadeu Feitosa⁵² comentou:

Eu li Camões, eu sou atrevido, falei até sobre Camões, digo:

Aqui de longínqua serra
de Camões o que direi?
Quer na paz ou quer na guerra
que ele foi grande eu bem sei
exaltou a sua terra mais do que seu próprio rei
e por isso é sempre novo no coração do seu povo
e eu, que das coisas terrestres tenho bem poucas noções
porque não tive dos mestres as preciosas lições
só tenho flores silvestres pra coroa de Camões
veja a minha pequenez ante o bardo português.

Escreveu um poema intitulado *Luís de Camões*⁵³:

Eu sou o poeta selvagem,
Não recebi instruções,
É rude a minha linguagem
E fracas as expressões
Para render homenagem
Ao grande poeta Camões,
Que com o seu pensamento
Deu à Pátria um monumento.

[...] O poeta de alma fraterna,
Que alcançou grande vitória,
Sua musa doce e eterna
Cantou a mais bela história
Subiu para a Glória Eterna,
Dando ao berço eterna glória
E por isso é sempre novo
No coração de seu povo.

1.2.3 Castro Alves.

Em entrevista a Gilmar de Carvalho⁵⁴, Patativa afirma:

Gilmar. Castro Alves?

⁵² ASSARÉ, Patativa do. **Digo e não peço segredo**. São Paulo: Escrituras, 2003, p. 20.

⁵³ ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu Canto cá – filosofia de um trovador nordestino**. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 250-251.

⁵⁴ CARVALHO, Gilmar de. **Cem Patativa**. Fortaleza: Omni Editora, 2010, p. 79.

Patativa. Castro Alves, o maior poeta brasileiro! Cada um tem o seu direito de julgar. Para mim, o maior poeta brasileiro foi Castro Alves. Tanto era grande na espontaneidade, como no tema, porque o tema dele foi um tema muito honroso, que será lembrado em todos os tempos. Foi o defensor dos escravos, naquele tempo, é aquele “O Livre América”, “O Navio Negreiro”, “Espumas Flutuantes”, “Os Escravos”, tudo...eu li tudo aquilo, viu?

Gilmar. E vocês têm essa afinidade. Patativa e Castro Alves têm uma preocupação social.

Patativa. Sim, sim. É, o mesmo tema. Ele como poeta culto, que tinha preparo, com certeza... e eu mesmo nessa linguagem rude, mas cantando a mesma coisa, né?

Em entrevista a Luiz Tadeu Feitosa⁵⁵, Patativa confirma:

Castro Alves não morrerá nunca, viu? Foi um monumento da poesia. Vinte e quatro anos. Se um homem daquele vivesse cinquenta anos, o que era que ele não teria deixado aqui neste mundo? É. Foi um gênio. Aquilo é que eu chamo de gênio. Você leu alguma coisa dele? Leu “Navio Negreiro”?

Castro Alves da Bahia
com muita filosofia
disse em sua poesia
esta verdade exemplar

- agora é dele, viu? -

*o livro caindo n'alma
é verbo que faz a palma
é chuva que faz o mar.*

Ele cantou, morreu e deixou aí e vai aturar e continuar vigorando, não é? E eu também tenho cantado pra ver se os sem terra se libertam, e não se libertam nunca não.

1.2.4 Machado de Assis.

Sobre Machado de Assis, Patativa do Assaré⁵⁶ falará emocionado:

Machado de Assis sofreu humilhação e foi muito. Eu já li. Os professores tinham um ciúme danado dele. Porque ele começou sendo um tipógrafo, e dali já tinha uma inteligência grande e os professores tinham um ciúme danado. Isso é que é ser uma ignorância, não é? Em vez de se orgulhar de ter um aluno inteligente de uma visão importante. O mundo tem dessas coisas, viu? É o egoísmo. Pois eu li. Eu li Machado de Assis. “Helena” é um grande romance dele e mais outros, viu?

⁵⁵ ASSARÉ, Patativa do. **Digo e não peço segredo**. São Paulo: Escrituras, 2003, p. 19.

⁵⁶ Ibid., p. 19-20.

Camões e Machado de Assis irão influenciar a maneira clássica e estética do Poeta de Assaré escrever, ele aliava o seu pensamento ao deles por admiração, mas também por causa da perda de um olho ou por que também sofria discriminação por ser inteligente mas ter que trabalhar duro para conseguir o que queria. Castro Alves irá aflorar a poesia que denuncia em Patativa, que faz o Poeta ameaçar os poderosos, ele irá se comprometer com os pobres e com as causas deles, primeiro com o povo nordestino, depois com todos os brasileiros. Patativa será uma voz profética no grande inverno do regime ditatorial, que não foi silenciada. Patativa soube juntar o que de melhor havia nos poetas clássicos de sua predileção e moldar assim o seu jeito de artesanalmente construir a palavra certa para cada momento vivido.

1.3 Fazendo história: Luiz Gonzaga e outros seguidores.

Patativa do Assaré teve vários admiradores de sua arte. Sua poesia ganhou o mundo, ganhou os discos, o cinema, a televisão e uma quantidade imensa de fãs. Um desses admiradores foi sem dúvida alguma Luiz Gonzaga do Nascimento, ou simplesmente, o Rei do Baião. Em dezembro de 1964, Luiz Gonzaga grava a canção *A Triste Partida*, de Patativa do Assaré, colocando-o na Música Popular Brasileira e apresentando o Poeta para todo o Brasil. *A Triste Partida* é uma espécie de epopeia ao contrário, um *Lusíadas* ao contrário. Ela conta a tragédia dos nordestinos, do pequeno proprietário de terra que se transforma em nada na periferia de São Paulo. É uma música belíssima, monótona sob o ponto de vista musical, riquíssima sob o ponto de vista sociológico e maravilhosa do ponto de vista poético. Patativa dizia que era como um hino nordestino em que ele retratava uma família nordestina, flagelada, saindo do seu chão à procura da vida. E é isso que o nordestino tem dentro de si próprio, o que um migrante tem dentro de si: dor, saudade, doçura e às vezes a humilhação de ter que sair da sua terra, que ele ama e que sempre espera um dia voltar, e não consegue. E essa dor é que fez a grande música nordestina, sem sombra de dúvida.

O sofrimento dos flagelados é uma constante nos poemas de Patativa do Assaré e não poderia estar de fora de *A Triste Partida*. Sobre isso Maria Ferreira dos Santos⁵⁷ explica:

Todo grande poeta trabalha em cima de uma temática própria e Patativa, não poderia fugir a essa regra. Dentro de uma classificação de temática de poesia popular feita com rigor por estudiosos como Ariano Suassuna e Cavalcante Proença, Patativa se classifica dentro da temática de fatos sociais ou circunstâncias, que são a principal fonte de inspiração da maioria dos

⁵⁷ SANTOS, Maria Ferreira dos. **Aspectos Sociológicos na Poesia de Patativa do Assaré e o Drama da Triste Partida**. Crato: A Província Edições, 1993, p. 35-37.

grandes poetas populares. Patativa estrutura sua poesia dentro de uma vasta temática social, porém o fato circunstancial da seca está constantemente em sua poesia. Não a seca retratada por alguns cantadores de viola, mas a seca universal, segundo a visão dos escritores Graciliano Ramos, José Américo de Almeida, Raquel de Queiroz e João Cabral de Melo Neto. Nela todos os elementos e fatores externos se interiorizam na poesia e se unificam, formando um mundo de tristezas e de misérias. [...] E no poema **“Triste Partida”** esta realidade desfila nas palavras do poeta feitas de dor e emoção, revelando a fé inabalável do povo nordestino.

*Sem chuva na terra, descamba janêro
Depois feverêro,
E o mesmo verão,
Entoce o rocêro, pensando consigo,
Diz isso é castigo;
Não chove mais não.*

*Apela pra março, que é o mês preferido
Do Santo querido,
Senhô São José.
Mas nada de chuva; ta tudo sem jeito,
Lhe foge do peito
O resto da fé.*

Dentro do mesmo poema, o poeta relata a fuga dos retirantes numa amargura e sofrimento incalculável, mostrando toda a tragédia do flagelo em imagens reais e naturais, pois a seca na poesia de Patativa traduz o duro sofrimento do camponês.

*Em riba do carro se junta a famia;
Chegou o triste dia,
Já vai viaja.
A seca terrível, que tudo devora,
Lhe bota pra fora
Da terra natá.*

*O carro já corre no topo da serra.
Oiando pra terra,
Seu berço, seu lá,
Aquele nortista, partindo de pena
De longe inda acena:
Adeus Ceará!*

O poeta prossegue a partida dos retirantes com destino fatal de todo nordestino tangido pela seca seguindo para o Sul.

*E assim vão deixando, com choro e gemido,
Do berço querido
O céu lindo e azu.
Os pai, pesaroso nos fio pensando,
E o carro rodando
Na estrada do Su.*

Dominique Dreyfus⁵⁸ relata o momento em que Luiz Gonzaga grava *A Triste Partida*:

A Triste Partida, segundo LP que Gonzaga gravou nesse ano, saiu em dezembro e contava com dois novos compositores. Um, autor da valsa “Lembrança da Primavera”, era Gonzaga Jr. A música composta quando ele tinha 14 anos, não chegou a deixar lembrança...O outro era Patativa do Assaré, e sua música deu nome ao disco. Ora, seis meses antes, a história do Brasil tinha dado nova virada... transformando o grande passo pra frente, de Kubitschek, em tropeço e ditadura militar. O que deixou Luiz Gonzaga totalmente indiferente ou, talvez, satisfeito, não com a ditadura, mas com os militares. Ele que respeitava tanto o Exército... No entanto, em dezembro, ele lançou “A Triste Partida”, um dos protestos mais violentos de toda a sua carreira, comparável a “Vozes da Seca” e a “Asa Branca”.

*Distante da terra
tão seca, mas boa
exposto à garoa
à lama e ao paul
faz pena o nortista
tão forte e tão bravo
viver como escravo
no Norte e no Sul.*

Verdadeira denúncia da condição do nordestino, “A Triste Partida” é uma espécie de “Seara Vermelha” cantada em 152 versos. Como o romance de Jorge Amado, conta a saga de uma família de nordestinos vitimados pela seca, família igual a tantas mil outras.

Para Patativa do Assaré, Luiz Gonzaga era o cantador do Nordeste, era o que melhor cantava a sua terra. Nas obras *Inspiração Nordestina* (2003, p. 144-146) e *Ispinho e Fulô* (2005, p. 228-231) ele escreve e depois repete um poema no qual homenageia o sanfoneiro: *Aos Reis do Baião*.

[...] Tua sanfona sódosa,
Com quem tu veve abraçado,
É a santa milagrosa
Ressuscitando o passado;
Inté mermo a criatura
Sisuda, da cara dura,
E de crué coração,
Fica branda como a cera
Uvindo a voz prazentêra
Do grande reis do baião.

[...] De prazê ninguém sossega,
Tudo sarta de animado,
Na hora que tu molega

⁵⁸ DREYFUS, Dominique. **Vida do Viajante: A Saga de Luiz Gonzaga**. 3.ed. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 233-235.

Os teus dedos no teclado;
 Nossos caboco daqui
 Tudo forga, tudo ri,
 Ninguém se lembra de praga,
 Nem de fome, nem de peste,
 Quando escuta no nordeste
 A voz de Luiz Gonzaga.

Na longa entrevista que concedeu a Gilmar de Carvalho⁵⁹, o Poeta Pássaro irá recordar com carinho de Luiz Gonzaga, do fato de que ele não sendo compositor, mas sim cantor, foi o maior no ritmo nordestino:

Patativa. Na “Triste Partida”, naquele poema eu retratei uma família indo para São Paulo em mil e novecentos e cinquenta e sete. Bem, aquilo ali, eu cantava ela ao som da viola, não só eu, os outros cantadores também cantavam a “Triste Partida”. Todos os lugares que a gente ia a uma cantoria o auditório, a assistência pedia logo: ói, canta a “Triste Partida”! Aí o violeiro cantava. Luiz Gonzaga me disse que indo a Campina Grande, lá na Paraíba, ele ligou o rádio do carro dele e ouviu alguém cantando aquela “Triste Partida”. Alguém não! O Zé Gonçalves que é um grande violeiro, que tem um programa na Rádio Borborema.

Gilmar. Sim.

Patativa. Aí, ele disse que assim que chegou, procurou logo ir à rádio e chegou lá, perguntou quem cantava uma...um trabalho...um poema, a retirada de nordestino para São Paulo em um caminhão num sei o quê. Aí, disseram: é o Zé Gonçalves. Ele disse: - “E onde está Zé Gonçalves?” – Ele está aqui. Está em outra sala, que ele tem o programa dele e depois vai arranjar as coisas. Aí ele perguntou: - “Me diga uma coisa: de quem é aquele trabalho que você cantou? Eu fiquei maravilhado quando ouvi, vindo no meu carro”. Ele disse: - “É...todos nós cantamos, todos os violeiros... aquilo ali é de Patativa do Assaré. É o autor de a “Triste Partida”. Aí ele veio à minha procura. Quando chegou no Crato, eu estava e ele quis comprar até o direito autoral. Eu disse: - “Não, Luiz! O meu mundo eu posso dizer que é a minha família e a minha poesia. Aí, eu não vendo direito autoral por preço nenhum! Aquilo que eu compus com muito carinho e com muito cuidado”. Ele disse: - “Então, Patativa, vamos fazer outro negócio. Vamos fazer parceria. Você assim não está vendendo. Você me dá as ordens e eu levo pra RCA discos e vamos gravar a “Triste Partida”. No disco constará, você como autor e eu como cantor”.

Gilmar. Proposta correta...

Patativa. Aí, eu aceitei. E ele gravou a “Triste Partida” no ano de sessenta e quatro, viu? Aí foi um estouro quando ele gravou com aquela voz maravilhosa e tudo viu? Deu um compasso mais...lento também, que a gente cantava num compasso mais apressado um pouco e não tinha também aquele coro: “Ai ai ai ai!” Não tinha viu? Ali foi ele com a sua gente que pôs na “Triste Partida”.

Gilmar. Foi sua estreia em disco [em 1964].

Patativa. Aí, deu um sucesso muito grande. Decerto que a gente tinha sempre um encontro, uma intimidade. Quando ele estava em algum lugar

⁵⁹ CARVALHO, Gilmar de. **Cem Patativa**. Fortaleza: Omni Editora, 2010, p. 83-84.

que o Luiz Gonzaga ia se apresentar que eu estava também era eu quem apresentava ele no palanque, viu?

Gilmar. Sim.

Patativa. Para os populares, para o povo, dizendo que era aquele “O Rei do Baião”. E até as crianças conheciam a sua voz e chamavam de cabra macho quando ele saía com o seu programa. Ele veio aqui à minha casa, mais de uma vez e quando eu tive um convite pra São Paulo, pra me apresentar no Memorial da América Latina, onde eu já me apresentei já umas três vezes e ele faleceu quando eu estava lá. Ele faleceu [2 de agosto de 1989]. Por isso eu não acompanhei o cortejo fúnebre do Luiz Gonzaga.

A amizade entre estes dois homens extremamente talentosos, porém muito humildes, não fez com que Gonzaga gravasse muitas músicas do amigo. No LP *O Homem da Terra* (1980) regravará *A Triste Partida* em dueto com o filho Gonzaguinha, num compasso mais rápido do que a gravação original. Em 1984 no LP *Luiz Gonzaga & Fagner* gravaram a música *Vaca Estrela e Boi Fubá*. Em 1985, Gonzagão, como passou a ser chamado na década de 1980, colocou a voz a uma estrofe de um poema musicado e cantado por artistas no projeto Nordeste Já de 1985: *Seca Dáguas* (que ao final tem como música acidental – Asa Branca):

*Meus senhores governantes
Da nossa grande Nação
O flagelado das enchentes
É de cortar o coração,
Muitas famílias vivendo
Sem lar, sem roupa e sem pão.*

*A sorte do nordestino
É mesmo de fazer dó,
Seca sem chuva é ruim
Mas seca dáguas é pió.*

Foram essas, as únicas vezes que Luiz Gonzaga interpretou canções do amigo Patativa do Assaré. Dominique Dreyfus⁶⁰, que escreveu a segunda biografia oficial de Luiz Gonzaga recorda do gênio forte, porém amável e correto de Patativa do Assaré:

O autor, Antônio Gonçalves da Silva, era um cantador de feira, poeta-repentista de grande valor, conhecido por seu pseudônimo de Patativa do Assaré. Gonzaga ouvira um violeiro cantando essa música na feira de Campina Grande, e ficara impressionado. Não descansou enquanto não encontrou o autor, que por sinal vivia no Crato. Disse que ia gravar sua toada, e pediu parceria, em contrapartida. Patativa mandou o sanfoneiro plantar feijão, pois suas obras não estavam à venda para ninguém. Mas Gonzaga era mais inteligente do que malandro. Sabia que, com ou sem

⁶⁰ DREYFUS, Dominique. **Vida do Viajante: A Saga de Luiz Gonzaga**. 3.ed. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 235.

parceria, era importante divulgar “A Triste Partida”. A música tornou-se o carro-chefe do seu repertório, e a única cujo autor ele sempre citou quando a cantava. Contudo, ele não gravou mais nada do Patativa...apesar de uma tentativa malograda em 77, quando quis gravar “Vaca Estrela e Boi Fubá”, que acabou não saindo.

Em carta ao Rei do Baião, Patativa do Assaré⁶¹ não era de se deixar enrolar com as complicações de Luiz Gonzaga, apesar de o querer muito bem:

Serra de Santana, 7-5-77.
Meu caro Luiz Gonzaga.
Saúde.

Logo que recebi o seu cartão pelo qual pedia que eu lhe enviasse uma procuração com urgência para efeito de contrato da música Vaca Estrela e Boi Fubá, cuja composição já se achava gravada como você diz no cartão que está comigo enviei a procuração, tal qual a que mandei quando foi gravada “a Triste Partida”. Eu e alguns amigos do Crato que leram o cartão ficamos admirados com a chegada do LP, sem trazer a referida produção, a qual é cantada pelos violeiros e apreciada em muitos lugares, inclusive em São José do Egito em Pernambuco.

Em virtude do que aconteceu, peço que o amigo devolva a procuração com brevidade, pois o Trio Nordestino está interessado por algumas das minhas besteiras. Termina aqui, enviando lembranças para você, juntamente com a presada família.

Antonio Gonçalves da Silva, Patativa.

Enderêço: Serra de Santana – Assaré - Ceará

Se Luiz Gonzaga foi o responsável por fazer Patativa do Assaré ir para os discos em 1964, Raimundo Fagner, fará em 1980, o poeta ficar ainda muito mais conhecido, pois o conterrâneo cearense iria gravar *Vaca Estrela e Boi Fubá* e juntos fariam turnê por todo o país, se apresentando nos principais programas das emissoras de TV da época. Luiz Gonzaga levou Patativa para o disco. Foi importante. Pode-se dizer que Fagner o levou para outros públicos (universitários, jovens, pessoas dos grandes centros). Patativa se apresentou com ele em eventos importantes e *Vaca Estrela e Boi Fubá* teve tanta repercussão quanto *A Triste Partida*, gravada pelo Rei do Baião. Mas Patativa do Assaré não dependeu de alguém para ter seu brilho. Dependeu de todos nós e da sensibilidade que tinha diante das dores do mundo, que ele expressava de forma poética e que será interpretado muitas vezes como manifesto político. E por ter e entender sua obra como sagrada não abrirá mão de ter amigos

⁶¹ Ibid., p. 236.

verdadeiras, às vezes isso não acontecia como ele queria, principalmente quando se apropriavam de forma indevida de sua criação.

Segundo Luiz Tadeu Feitosa⁶²:

Para Patativa, a amizade é um valor humanitário, mas agora, mais longo e exposto às investidas da mídia e da indústria cultural, ele não se escusa em romper ou denunciar amizades antigas. É do conhecimento de muitos o episódio em que o cantor e compositor Raimundo Fagner se apropria de parte do poema “O Vaqueiro” e grava a música intitulada “Sina”. Para a mídia, Patativa diz que o episódio lhe “rendeu uma sincera amizade” com o cantor que gravaria outra composição sua, “Vaca Estrela e Boi Fubá”. Não obstante a amizade ainda exista, Patativa ainda se ressentido do fato e alfineta o amigo, que, segundo o poeta, *só fez aquilo porque era muito novo*, mas não se importa de fazer vir à público seus verdadeiros sentimentos. Ouçamos Patativa:

Agora, o Fagner, ele é desinteligente, viu? Ele só é cantor, mas ele não tem inteligência não. Só por causa de ‘destino’ ser o sinônimo de ‘sina’, porque destino é o sinônimo de sina, ele foi e pôs, pra fazer aquela coisa dele um assunto bem diferente do vaqueiro e aí botou o título: Si-na! Só por causa do sinônimo. Até nisso a gente vê que ele é desinteligente. (...) Aquele cabra besta. Olhe, ele é tão ignorante, que só porque eu digo: ‘eu venho dêrne menino / dêrne muito pequenino / cumprindo um belo destino’. Destino e sina são sinônimos viu? E ele é tão desinteligente que ele botou o título de ‘Sina’, só porque fala de destino. Ele é desinteligente de todo. Só tem uma voz mais ou menos, mas ele não sabe de nada não.

Segundo Luiz Tadeu Feitosa essa interpretação do poeta dispensa as meias verdades que foram ditas sobre o fato. Em nenhuma matéria jornalística que foi feita durante o ocorrido ou depois se encontrará tal informação. O próprio poeta autorizou que o autor revelasse as palavras que foram escritas acima, apesar de acreditar que Raimundo Fagner não soubesse os significados das palavras ‘destino’ e ‘sina’. Fica evidente, o desconforto do poeta com a apropriação indevida de sua obra.

Em seu website oficial, Raimundo Fagner, colocou o nome de Patativa do Assaré nos créditos da música *Sina*. Porém, ao longo do texto sobre o LP *Manera Fru Fru Manera* (de 1973, não traz o nome do poeta; o lançamento em CD em 1991, não traz o nome de Patativa do Assaré); o nome de Patativa do Assaré não consta na citação sobre a música *Sina* aparecendo somente o nome de Ricardo Bezerra e Fagner. Em 1980, Fagner lança um novo LP: *Eternas Ondas / Vento Forte* tendo como última faixa do LP a canção de Patativa do Assaré – *Vaca Estrela e Boi Fubá*. Em 2002 lança o CD *Raimundo Fagner – Me Leve – ao vivo*. Neste CD vem o poema *Festa da Natureza* de Patativa do Assaré, musicado por Gereba

⁶² FEITOSA, Luiz Tadeu. **Patativa do Assaré – A trajetória de um canto**. São Paulo: Escrituras, 2003, p. 290.

e lançado pela primeira vez em março de 1999 em CD promocional apenas nas rádios cearenses para homenagear os 90 anos do poeta do Assaré⁶³.

Patativa do Assaré, desde *Inspiração Nordestina* até *Digo e não Peço Segredo* retratou a vida do cearense e do nordestino a partir de sua vida de agricultor pobre, preocupado com a situação dos seus conterrâneos, dos excluídos, dos marginalizados pelo sistema, utilizando de uma linguagem acessível a todas as pessoas que tiveram a oportunidade de o escutarem, e de lerem sua obra.

Enquanto artesão da palavra soube voar alto e cantar para que o Brasil e o mundo conhecessem a sua verdade poética; adentrou pelo universo da cultura popular e da erudição sem perder de vista a beleza do sertão castigado pela seca, sem abrir mão de seu chão na Serra de Santana: ninho de suas criações.

Por isso, se pode admitir que Patativa do Assaré, por inspiração divina, é um agente do sagrado, um poeta do povo, um profeta do chão.

⁶³ Outros artistas gravaram e cantaram Patativa do Assaré, são muitos, citamos alguns: **Alcymar Monteiro**: no LP Rosa dos Ventos, a faixa *Sofreu*, em 1987. No CD 3°. Circuito de Vaquejadas, as faixas *Ingém de Ferro* e *Nordestino sim, nordestinado não*, em 1997. CD Eterno Moleque, a faixa *Minha Viola*, em 1998. CD Os Grandes Sucessos de Vaquejada, na faixa *Nordestino sim, nordestinado não*, em 1998. **João Alexandre**: cantador; um grande parceiro de Patativa do Assaré, alagoano de São João de Ipanema, hoje Ouro Branco, nascido em 1920; fugindo do bando de Lampião foi parar em Juazeiro do Norte/CE aos oito anos de idade; ouviu falar de Patativa por meio de outro cantador, o cego Zuquinha e foi encontrá-lo na Serra de Santana. Cantou com Patativa de 1948 até 1958, quando começou a seca e então voltou para Juazeiro do Norte. Reclama a co-autoria de *A Triste Partida*, o que desagradava Patativa que, depois de muita insistência, terminava por admitir que ele fez parte da melodia. Na gravação feita por Luiz Gonzaga não foi creditado o seu nome. **Mastruz com Leite**: CD O Boi Zebu e as Formigas, faixa *O Boi Zebu e as Formigas*, em 1995. CD Em todo canto tem cearense, faixa *Sem Terra*, em 1996. **Pena Branca & Xavantinho**: CD Cio da Terra, na faixa *Vaca Estrela e Boi Fubá*, em 1996. **Quinteto Agreste**: compacto em vinil com a música vencedora do I Festival Credimus da Canção, parceria de Patativa do Assaré com Mário Mesquita – *Seu dotô me conhece?* – em 1980. *Vaca Estrela e Boi Fubá* e *Sina* (com alguns versos do poema *O Vaqueiro* e a letra feita por Fagner e Ricardo Bezerra – trazendo nos créditos o nome de Patativa do Assaré e dos outros dois artistas) – apresentação na TV Diário, sem data. **Projeto Nordeste Já!**: lado B do compacto em vinil com a música *Seca Dáguas* – composição de Patativa do Assaré, em 1985. **Renato Teixeira, Pena Branca & Xavantinho**: CD Ao Vivo em Tatuí, na faixa *Vaca Estrela e Boi Fubá*, em 1998. **Rolando Boldrin**: CD Som Rural – Caipira, na faixa *Vaca Estrela e Boi Fubá*, em 1998. **Sérgio Reis**: CD Marcando Estrada, na faixa *Vaca Estrela e Boi Fubá*, em 1995.

CAPÍTULO II: PATATIVA DO ASSARÉ – POR INSPIRAÇÃO DIVINA, AGENTE DO SAGRADO.

2.1O encontro com Jesus de Nazaré: a inspiração que veio das pregações.

A tarefa primeira do teólogo é refletir sobre a fé. E refletindo lança luz em imagens que deseja contemplar como um todo, querendo compreender. Portanto, teologia é a fé que se explica, a fé que busca razões, a fé que faz sentido, é a fé que mata a própria curiosidade. Teologia é a busca de nós mesmos, pois falar de Deus é falar de sua criatura, do mesmo modo que falando de sua criatura se descobre e se experimenta Deus. Ao contrário da teologia que é uma ciência, a literatura é uma arte. A literatura tem sua capacidade peculiar de transmitir um conteúdo religioso próprio, e por isso a poesia de forma geral, a poesia de Patativa do Assaré, tem sido alvo de diversas investigações no campo das ciências da religião e da teologia. Tais investigações procuram absorver da poesia, sua maneira peculiar de viver a própria vida. Nas palavras de Alex Villas Boas⁶⁴, aqui se abre a possibilidade de um pensamento poético teológico, pensamento este que cria uma fidelidade àquilo que lhe provocou um sentido profundo de existir, e criatividade para aprofundar todo esse sentido na própria vida e em todas as suas dimensões, que irão constituir uma experiência de Deus como experiência que dilata o coração humano. A poesia segundo Alex Villas Boas é uma expressão externa de um processo muito mais profundo e interno da reinvenção de si mesmo. O pensamento poético é naturalmente criativo, pois tem como objetivo reinventar a vida humana através da inspiração divina. A inspiração para Patativa do Assaré, nos vários poemas que criará durante sua vida, principalmente aqueles que falam do contato com a terra, da vida do povo, da luta por justiça, por verdade, por libertação, por paz, vieram das pregações de Jesus de Nazaré. Esta inspiração divina brotou de um encontro pessoal do poeta agricultor do Assaré⁶⁵ com o artesão agricultor de Nazaré:

Eu venho dêrne menino,
Dêrne munto pequenino,
Cumprindo o belo destino
Que me deu Nosso Senhor.
Eu nasci pra sê vaqueiro,
Sou o mais feliz brasileiro,

⁶⁴ VILLAS BOAS, Alex. **Teologia e Poesia** – a busca de sentido em meio às paixões em Carlos Drummond de Andrade como possibilidade de um pensamento poético teológico. Sorocaba: Crearte Editora, 2011, p. 16-17.

⁶⁵ ASSARÉ, Patativa do. **Inspiração Nordestina**. São Paulo: Hedra, 2003, p. 136.

Eu não invejo dinheiro
Nem diploma de dotô.

O eu poético de Jesus de Nazaré é compassivo! Seu coração está cheio de misericórdia, fraternura e compaixão, como afirma José Antonio Pagola⁶⁶:

Jesus não explicou diretamente sua experiência do reino de Deus. Ao que parece não era fácil comunicar por meio de conceitos o que ele vivia em seu íntimo. Não utilizou a linguagem dos escribas para dialogar com os camponeses da Galileia. Também não sabia falar com o estilo solene dos sacerdotes de Jerusalém. Recorreu à linguagem dos poetas. Com criatividade inesgotável, inventava imagens, concebia belas metáforas, sugeria comparações e, sobretudo, narrava com maestria parábolas que cativavam as pessoas. Adentrar-nos no fascinante mundo destes relatos é o melhor caminho para “entrar” em sua experiência do reino de Deus.

[...] A linguagem de Jesus é inconfundível. Não há em suas palavras nada de artificial ou forçado; tudo é claro e simples. Ele não precisa recorrer a ideias abstratas ou frases complicadas; comunica o que vive. Sua palavra se transfigura ao falar de Deus àquelas pessoas do campo. [...] Ensina-lhes a aprofundar-se em sua própria experiência. No fundo da vida podem encontrar Deus.

2.1.1 No mais profundo da vida encontrar Deus!

O Dicionário do Concílio Vaticano II⁶⁷ reafirma que, Jesus Cristo é a figura central do cristianismo, referência essencial da proclamação da fé eclesial, aparecendo em todos os documentos do Concílio Vaticano II. Como figura fundamental da fé da Igreja, prevalece sempre a perspectiva de reconhecê-lo como Filho de Deus encarnado, a própria presença física de Deus na História humana. O Concílio Vaticano II reconhece Jesus Cristo como verdadeiro Deus, que em nada diminuiu sua divindade ao se encarnar, como verdadeiro ser humano, que não precisou perder nada de humanidade para ser a encarnação do Filho de Deus. Portanto, Jesus Cristo é o libertador da humanidade, destacando-se em sua mensagem a atenção aos pobres, pois a eles é legada a herança do Reino de Deus; motivando os cristãos atuais a se engajarem em ações que quebrem todos os tipos de dominações e conduza a história na direção deste Reino.

Adolphe Gesché⁶⁸ afirma que o lugar de Cristo na fé cristã é evidentemente central, porém o primeiro dever não é pensar Cristo, mas pensar o que Cristo pensou, disse, e fez; não

⁶⁶ PAGOLA, José Antonio. **Jesus Aproximação Histórica**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 145.

⁶⁷ MANZATTO, Antonio. Jesus Cristo. In: DICIONÁRIO DO CONCÍLIO VATICANO II. São Paulo: Paulinas / Paulus, 2015, p. 490-496.

⁶⁸ GESCHÉ, Adolphe. **O Cristo**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 17.

anunciar Jesus, mas anunciar quem ele anuncia. O resto virá depois. Jesus morreu e ressuscitou por causa de uma ideia de Deus e do ser humano. Toda a Sagrada Escritura não é nem discurso sobre Deus nem discurso sobre o ser humano, mas é o discurso sobre a relação entre ambos: criação, aliança, encarnação. Dizer que Jesus é Filho de Deus não é simples e unicamente falar de Cristo, é dizer também que todo ser humano é chamado a ser filho de Deus. Foi a partir dessa relação que Jesus de Nazaré compreendeu e proclamou a grandeza dos pobres e dos rejeitados. O Evangelho é a invenção do pobre, a invenção do pobre como ser humano. O Evangelho é a afirmação do pobre e do rejeitado, exigindo a prioridade da atenção e do respeito. O pobre é convocado ao destino do ser humano que conseguiu precedê-lo no Reino; agora com Jesus de Nazaré, ele é ser humano também. É isso que importa antes de qualquer outra coisa.

Maria Clara L. Bingemer⁶⁹ diz que para compreender a fundo a mensagem de Jesus não basta conhecer o que ele disse e o que ele fez. Além disso, mais do que isso, e mesmo antes disso, é necessário igualmente saber quem foi Jesus de Nazaré, o filho de Maria, o filho do carpinteiro. Trata-se de compreender suas palavras, suas obras, sua pessoa e personalidade. Pela interpretação e pelo filtro da experiência comunitária do século I será confessado e proclamado como Filho de Deus. Há três vias de acesso a Jesus: sua fidelidade ao Deus que ele chama de Pai; sua liberdade, consequência de sua experiência de um Deus único e absoluto, que entendia dever fidelidade radical; e o Reino, o projeto do Pai, um projeto de inclusão de tudo e de todos que estão à margem.

Na América Latina e Caribe com o advento da Teologia da Libertação, a partir do início da década de 1970, o Jesus Histórico recebeu grande atenção no meio das Comunidades Eclesiais de Base, nos grupos de Círculos Bíblicos e nas pastorais sociais, tendo uma dimensão espiritual e religiosa na defesa da vida, tendo um significado histórico para os pobres e os excluídos. O Reino de Deus pregado pelo Jesus Histórico é a esperança e a utopia de vida dos pobres e excluídos. Refazer os passos dados por Jesus é atualizar sua história no cotidiano latino-americano e caribenho.

Jesus de Nazaré nasceu, cresceu, viveu (sendo parte de um povo escravo ao Império Romano) e foi assassinado como um criminoso político. Aprendeu a rezar desde criança, mas não teve outra formação além daquela recebida em casa, foi ali que aprendeu a chamar a Deus de Pai. Não se sabe se ele aprendeu a ler e a escrever. A habilidade que mostra para discutir sobre os textos das Escrituras mostra que ele tinha um talento natural o que compensaria o

⁶⁹ BINGEMER, Maria Clara L. **Jesus Cristo: Servo de Deus e Messias Glorioso**. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 27-29.

baixo nível de sua formação cultural. Não frequentou alguma escola de escribas, nem foi discípulo de algum doutor da lei, a exemplo de Saulo e Gamaliel. Soube ouvir com paciência e atenção e guardar as palavras sagradas, salmos e orações que mais gostava. Quando falava, anunciava aquilo de que estava cheio o seu coração. Aprendeu em Nazaré um ofício para ganhar a vida, o de *artesão*, como havia sido o seu pai.

Segundo José Antonio Pagola⁷⁰ o termo grego *tektôn* não deve ser traduzido por *carpinteiro*, mas por *construtor*. A palavra designa um artesão que trabalha com diversos materiais, como a pedra, a madeira e o ferro, não correspondendo ao ofício do carpinteiro atual. Durante o tempo de recolher as colheitas, ele ajudou os seus vizinhos camponeses. A Galileia era uma sociedade agrária. Os contemporâneos de Jesus viviam do campo, como todos os povos do século I subjugados ao Império Romano. Os camponeses das aldeias consomem suas forças arando. Jesus vive no meio destes camponeses galileus. Muitas de suas parábolas parecem ter como cenário as terras do Vale de Bet Netofa, ao norte de Nazaré e Séforis, não muito longe do lago da Galileia.

José Comblin⁷¹ resume bem o perfil do homem Jesus, e nos leva ao encontro dele: Jesus vinha de Nazaré da Galileia, filho de uma família modesta. Durante 30 anos, se manteve discreto no meio de seus concidadãos. Surpreendeu a todos quando um dia se separou deles para se tornar um profeta itinerante. Foi incompreendido, ao ponto de o expulsarem da sinagoga de Nazaré. A partir do momento que iniciou a sua missão, a família deixou de existir para ele. Ele será o homem que existirá para todas as pessoas. Recebeu a formação dos artesãos da Galileia, província mais afastada da capital e a mais atrasada culturalmente. Do ponto de vista do judaísmo, era a região mais relaxada, onde a lei se aplicava com menos rigor. Aprendeu a ler e a escrever, um pouco como os meninos da sua condição, para poder ler a Sagrada Escritura. Toda a sua cultura era de tipo oral. Nunca escreveu a sua mensagem, porém, não era algum ignorante. A cultura recebida na sinagoga revelou-se suficiente para proclamar mais tarde a sua mensagem. Ele é consciente em pertencer a um povo superior, ainda que humilhado por estrangeiros. Sabia da extraordinária liberdade que a mensagem bíblica confere ao ser humano diante de todos os poderes da terra. Era um homem fora do comum. Nunca se autopromoveu, nem sugeriu ou aceitou qualquer forma, qualquer gesto, qualquer palavra de culto dirigido a ele. Seus amigos e amigas, discípulos e discípulas o tratavam com respeito, com carinho, com amor, às vezes com temor, nunca com adoração ou com sentimentos religiosos. Foi tratado como profeta, como messias, nunca como Deus. A

⁷⁰ PAGOLA, José Antonio. **Jesus Aproximação Histórica**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 79.

⁷¹ COMBLIN, José. **Jesus de Nazaré**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2011, p. 11.

teologia posterior é que criou o culto de Jesus. Era um homem solitário, porém não era insensível. Em seu relacionamento com as pessoas, no encontro que elas têm com ele, continuou sendo o simples artesão camponês que sempre foi: construiu pontes, derrubou muros! Não fez planos grandiosos, tratou cada um, cada uma, como se trata um amigo, uma amiga. Não permaneceu escondido, em pouco tempo, transformou-se em personagem bem conhecida e discutida por todos, tornando-se o centro dos debates e das controvérsias, pessoa benquista por alguns, *persona non grata* para outros. Falava publicamente, sem medo das autoridades, pois, apesar de estar sob o Império Romano, era livre e fez isso resplandecer perante os adversários. Essa radicalidade em defender a vida do pobre não é apenas um traço de seu caráter, mas um sinal definitivo de sua personalidade.

Jon Sobrino⁷² a respeito deste sinal definitivo de personalidade nos apresenta a imagem de Cristo construída e experimentada no Documento de Medellín e no Documento de Puebla; imagem esta que já faz parte de nossa tradição eclesial. Medellín da mesma forma que o Vaticano II não elaborou algum documento sobre Cristo, nem esboço sobre cristologia. Medellín aborda a figura de Cristo do ponto de vista salvífico, expressando-o em termos de libertação. Confessa a divindade e a humanidade de Cristo introduzindo nelas o princípio da parcialidade: os pobres e a pobreza. Menciona a presença de Cristo na história hodierna e cita seus sinais remetendo-se a *Gaudium et spes*. Afirma ainda que Cristo está presente na liturgia e nas comunidades de fé que dão testemunho hoje. A presença de Cristo ocorre verdadeiramente nas situações históricas de injustiças contra os pobres do continente. Puebla, ao contrário de Medellín, procura defender a ortodoxia diante de perigos imaginados ou reais, afastando-se, infelizmente, da audácia das reflexões de Medellín. Porém a imagem de Medellín se impõe, por ser mais evangélica e mais latino-americana. Apesar de um aparente monolitismo e finalidade doutrinal, há em Puebla diversas óticas e conteúdos. Os mais valiosos aparecem no capítulo dedicado à *Opção preferencial pelos pobres*. Puebla reconhece a busca pela face sempre nova de Cristo que cumula legítimos anseios de libertação integral. Recolhe traços de Jesus de Nazaré – do Jesus Histórico, que formam o conteúdo da nova e desejada imagem de Cristo.

O Documento de Aparecida⁷³ aponta lugares de encontro com Jesus Cristo, contudo tal encontro acontece graças à ação invisível do Espírito Santo, realizando-se na fé recebida e vivida na Igreja: na Sagrada Escritura, Palavra de Deus como dom do Pai para o encontro com

⁷² SOBRINO, Jon. **Jesus, o Libertador – a História de Jesus de Nazaré**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 34-41.

⁷³ CELAM. **Documento de Aparecida** – Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus / Paulinas, 2013, p. 115-124.

Jesus Cristo vivo; através da *Lectio divina*, que bem praticada, conduz ao encontro, ao conhecimento do mistério, à comunhão e ao testemunho de Jesus; na Sagrada Liturgia, vivendo-a e celebrando o mistério pascal; na oração pessoal e comunitária, local onde o indivíduo pode cultivar uma relação de profunda amizade com Jesus e procurar assumir a vontade do Pai; na Comunidade, preferencialmente na Comunidade Eclesial de Base; nos Pobres – dimensão constitutiva da fé em Jesus Cristo, os pobres são o rosto do Cristo; na Piedade Popular, pois ela contém e expressa um intenso sentido de transcendência, uma capacidade espontânea de se apoiar em Deus e uma verdadeira experiência de amor teologal.

Paulo Suess⁷⁴ diz que implicitamente se encontra no Documento de Aparecida uma verdadeira teologia do encontro com Jesus. E esse encontro pessoal e comunitário tem nome: o pobre, a Palavra de Deus e a Santíssima Trindade. Lembra que identificar-se com Jesus Cristo é também compartilhar do seu destino e que a missão principal é anunciar e viver esse projeto da nova criação. A missão nasce desse encontro.

O Papa Francisco⁷⁵ afirma que é o encontro pessoal com o amor de Jesus que nos salva:

A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele, que nos impele a amá-lo cada vez mais. Um amor que não sentisse a necessidade de falar da pessoa amada, de apresenta-la, de torná-la conhecida, que amor seria?

[...] Toda a vida de Jesus, sua forma de tratar os pobres, seus gestos, sua coerência, sua generosidade simples e cotidiana e, finalmente, sua total dedicação, tudo é precioso e fala à nossa vida pessoal. Todas as vezes que alguém volta a descobri-lo, convence-se de que é isso mesmo de que os outros precisam, embora não o saibam: “Aquele que venerais sem O conhecer, é Esse que eu vos anuncio” (At 17,23). Às vezes, perdemos o entusiasmo pela missão, porque esquecemos que o Evangelho *dá resposta às necessidades mais profundas* das pessoas, porque todos nós fomos criados para aquilo que o Evangelho nos propõe: a amizade com Jesus e o amor fraterno.

[...] Unidos a Jesus, procuramos o que Ele procura, amamos o que Ele ama. Em última instância, o que procuramos é a glória do Pai, vivemos e agimos “para que seja prestado louvor à glória da sua graça” (Ef 1,6). Se queremos entregar-nos a sério e com perseverança, essa motivação deve superar toda e qualquer outra. O movente definitivo, o mais profundo, o maior, a razão e o sentido último de tudo o resto é este: a glória do Pai que Jesus procurou durante toda a sua existência. Ele é o Filho eternamente feliz, com todo o seu ser “no seio do Pai” (Jo 1,18).

⁷⁴ SUESS, Paulo. **Dicionário de Aparecida** – 42 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010, p. 86.

⁷⁵ FRANCISCO. **Evangelii Gaudium – a alegria do Evangelho** – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 207-210.

Patativa do Assaré era um religioso a seu modo. Não gostava de falar de suas devoções, dizia ser um território íntimo e que só interessava a ele. Sua religiosidade profunda se transmite em seus poemas. Sempre lutou pela ideia de fraternidade, igualdade, liberdade, justiça e misericórdia, princípios caros ao cristianismo primitivo e que o Papa Francisco não se cansa de pedir nos dias atuais. Em entrevista a Gilmar de Carvalho⁷⁶, Patativa do Assaré irá dizer:

Gilmar – Patativa, o que é liberdade para você?

Patativa – Hum...olha, liberdade para mim é o mesmo direito humano, é aquele camarada que...Liberdade que eu quero dizer num é possuir isso e aquilo não. É ser dono do seu direito. Bem, se ele é um trapeiro, ele merece o respeito dele, na sua missão de trapeiro e tudo, viu? É...é isso é que eu chamo liberdade, viu? É liberdade! É ninguém contrariar o direito do outro, o direito do próximo, viu?

Patativa do Assaré rejeitava um pouco a exteriorização piedosa desse sentimento do sagrado. A marca profética de sua poesia é um serviço aos mais empobrecidos, estes a quem sempre devotou palavras de imensa esperança.

Era um político nato, que estava atento e evitava a todo custo o canto da sereia da cooptação. A esse respeito nos diz Gilmar de Carvalho⁷⁷:

Política para ele sempre foi algo em busca dos interesses coletivos. Nunca foi bem quisto pelas famílias tradicionais que se revezavam no domínio da cena local. A seu modo, esteve presente, contribuindo com seu verso para uma conscientização do agricultor. Ele também deve ter aguçado a consciência política na medida em que maturava, em que fazia uma poesia voltada para o social e em que intensificava as conversas com lideranças politizadas de centros maiores.

Segundo Luiz Tadeu Feitosa⁷⁸, o poeta fazia um jogo de esconde-esconde de fatos de sua vida e de sua trajetória poética e artística constituindo um quase enigma. Nota-se, porém, um ato litúrgico em suas ações, onde ele encontra conforto nos limites dos ritos: repetições e o imprevisto agendado e cuidadoso, coerente com o rito maior, que é ele se mostrar, mostrando

⁷⁶ CARVALHO, Gilmar de. **Patativa Poeta Pássaro do Assaré**. 2.ed. Fortaleza: Omni Editora Associados, 2002, p. 81-82.

⁷⁷ SANTANA, Tiago. CARVALHO, Gilmar de. **Patativa do Assaré – o sertão dentro de mim**. São Paulo: Edições SESC-SP, 2010, p. 87-88.

⁷⁸ FEITOSA, Luiz Tadeu. **Patativa do Assaré – A trajetória de um canto**. São Paulo: Escrituras, 2003, p. 22-23.

sua obra a partir dos paradigmas da moral cristã, onde se sobrepõem os valores da verdade e da justiça⁷⁹:

De noite, tu vives na tua palhoça,
De dia na roça, de enxada na mão,
Julgando que Deus é um pai vingativo,
Não vês o motivo da tua opressão.

Tu pensas, amigo que a vida que levas,
De dores e trevas, debaixo da cruz
E as crises cortantes quais finas espadas,
São penas mandadas por Nosso Jesus.

Tu és, nesta vida, um fiel penitente,
Um pobre inocente no banco do réu.
Caboclo, não guardes contigo esta crença
A tua sentença não parte do céu.

O Mestre Divino, que é Sábio Profundo,
Não fez, neste mundo, o teu fado infeliz,
As tuas desgraças, com tuas desordens,
Não nascem das ordens do Eterno Juiz.

Cristiane Moreira Cobra⁸⁰, afirma que analisar a obra de Patativa do Assaré exige relacionar três elementos: cultura popular, religiosidade e significado, considerando a poesia como manifestação representativa da cultura de um grupo, de um povo, de sua crença e recheada de significados.

2.1.2. Poesias como dom de Deus.

Patativa do Assaré⁸¹ irá trabalhar muitos de seus poemas com base na religiosidade popular, com todas as divergências carregadas de sentidos e significados singulares ao povo do sertão nordestino, muitas delas oriundas de imagens propostas pela Igreja Católica Apostólica Romana como devoção constituída e legal:

Deus é a força infinita
é o espírito sagrado
que tá vivendo e parpita
em tudo que foi criado.

⁷⁹ ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá – filosofia de um trovador nordestino**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 99-100.

⁸⁰ COBRA, Cristiane Moreira. **Patativa do Assaré – Uma hermenêutica criativa: a reinvenção da religiosidade na nação semiárida**. São Paulo: Dissertação. 2006, p. 20.

⁸¹ ASSARÉ, Patativa do. **Ispinho e Fulô**. São Paulo: Hedra, 2005, p.83.

Não há quem possa conta
é assunto que não dá
pra se dizê no papé
não existe professô
nem sábio, nem iscritô
pra sabe Deus cuma é.

Apenas se tem certeza
que ele é a santa verdade
é a subprime grandeza
em bondade e divindade.

Antonio Iraildo Alves de Brito⁸² relata que palavras como: divina providência, divino mestre, onipotente, nosso Senhor, autor profundo e outras do gênero são notáveis, e dentro de toda a obra do poeta, apresenta a visão de mundo que enfatiza o lugar de Deus e seu poder em relação às pessoas, à história e à natureza⁸³:

Eu nasci ouvindo cantos
Das aves de minha terra
E vendo os lindos encantos
Que a mata bonita encerra,
Foi ali que eu fui crescendo,
Fui lendo e fui aprendendo
No livro da Natureza
Onde Deus é mais visível,
O coração mais sensível
E a vida tem mais pureza.

Sem poder fazer escolhas
De livro artificial,
Estudei nas lindas folhas
Do meu livro natural
E assim longe da cidade
Lendo nesta faculdade
Que tem todos os sinais,
Com estes estudos meus
Aprendi amar a Deus
Na vida dos animais.

Quando canto o sabiá
Sem nunca ter tido estudo,
Eu vejo que Deus está
Por dentro daquilo tudo,
Aquele pássaro amado
No seu gorjeio sagrado
Nunca uma nota falhou,
Na sua canção amena

⁸² BRITO, Antonio Iraildo Alves de. **Patativa do Assaré porta-voz de um povo – as marcas do sagrado em sua obra**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 132.

⁸³ ASSARÉ, Patativa do. **Ispinho e Fulô**. São Paulo: Hedra, 2005, p. 20-24.

Só diz o que Deus ordena,
Só canta o que Deus mandou.

[...] Eu te conduzi do mato
Com desvelo e com carinho
Porque neste mundo ingrato
Ninguém quer viver sozinho,
Se a mesma sorte tivemos
Juntinhos nós viveremos
Por ordem do Criador,
Neste sombrio recanto
Tu, consolando meu pranto
E eu cantando a tua dor.

O ato de compor era para Patativa do Assaré um dom de Deus! Para Patativa Deus é algo impronunciável, indizível, o que o colocaria dentro do respeito e temor característico do povo judeu de que mesmo nos dias atuais não pronunciam o tetragrama sagrado YHWH. Deus para o poeta escapa de qualquer tentativa de conceituação racional.

Patativa do Assaré, ao mesmo tempo, que exercia o ofício de agricultor, exercia o de poeta. Na sua pequena propriedade em que cultivou vários elementos oriundos da observação atenta do que estava ao seu redor, fez germinar sua poesia vital. Fez jorrar a água da vida numa terra marcada pela aridez e pela seca. Não desanimou. A natureza irá se apresentar como a porta de acesso às coisas divinas, a natureza será a sua escola. Sua poesia procede de uma fonte sagrada, sem a qual não existiria⁸⁴:

Eu sei, por experiência,
Pois desde a minha inocência,
Nesta estrada, a Providência
Dirigiu os passos meus.
A vida vivo gozando,
Sorrindo, alegre e cantando,
Sempre amando e admirando
As maravilhas de Deus.

2.1.3 O poeta agricultor de Assaré e o artesão agricultor de Nazaré.

Não podemos falar sobre, mas só a partir de Jesus Cristo; é a partir dele que se dá o encontro com um Deus humano e um Homem divino.

⁸⁴ ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá – filosofia de um trovador nordestino**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 134-135.

Parafraseando Leonardo Boff⁸⁵: *Humano assim só pode ser Deus mesmo*:

O homem Jesus de Nazaré revelou em sua humanidade tal grandeza e profundidade que os Apóstolos e os que o conheceram, no final de um longo processo de decifração, só puderam dizer: humano assim como Jesus só pode ser Deus mesmo.

[...] O que seja o homem em sua radicalidade e verdadeira humanidade nós cristãos o aprendemos meditando a vida humana de Jesus Cristo. Não é portanto da análise abstrata do que seja Deus e homem que nós entendemos quem é Jesus Homem-Deus. Mas foi convivendo, vendo, imitando e decifrando Jesus que viemos a conhecer a Deus e ao homem. O Deus que em e por Jesus se revela é humano. E o homem que em e por Jesus emerge é divino.

[...] Foi num homem que a Igreja primitiva descobriu a Deus. E foi em Deus que viemos a saber quem é de fato e para que está destinado o homem. Por isso olhando para Jesus Cristo podemos com razão dizer: o mistério do homem evoca o mistério de Deus; a vivência do mistério de Deus evoca o mistério do homem. Não podemos falar do homem sem ter que falar de Deus e não podemos falar de Deus sem ter que falar do homem. [...] Quanto mais homem se apresenta Jesus, tanto mais se manifesta aí Deus. Quanto mais Deus é Jesus tanto mais se revela aí o homem.

Encontrar-se com Jesus é segui-lo. Seguir Jesus era o termo que fazia parte do sistema educativo daquela época. Indicará o relacionamento dos discípulos e discípulas com o Mestre.

É o seguimento de Jesus que atualiza a libertação. Leonardo Boff⁸⁶ diz que o seguimento de Jesus não é mera imitação, mas prosseguir sua obra, perseguir sua causa e conseguir sua plenitude. No contexto latino-americano e caribenho, a fé em Jesus de Nazaré, pensada e vivida de forma histórica nos orienta para uma opção ideológica de libertação. Portanto, seguir a Jesus de forma não libertadora é interpretá-lo continuamente de forma ideológica em sentido pejorativo.

Giovani Marinot Vedoato⁸⁷ faz uma leitura do seguimento a Jesus no horizonte da cristologia da libertação:

Como Jesus não pregava somente o Deus do Reino mas também o Reino de Deus, a realidade que nasce como decorrência de tal ordem é que cabe aos cristãos inseridos na história muito mais que um simples conhecimento acerca das coisas do Reino. Sobre o Reino já na história a partir do conjunto da vida de Jesus, cabe a necessidade de um serviço ativo, ou seja, fazer em todos os tempos aquilo que fazia Jesus em seu tempo em direção ao Reino.

⁸⁵ BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo Libertador** – Ensaio de Cristologia Crítica para o nosso Tempo. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 131-133.

⁸⁶ Ibid., p. 34-36.

⁸⁷ VEDOATO, Giovani Marinot. **Jesus Cristo na América Latina** – Uma introdução à Cristologia da Libertação. Aparecida: Editora Santuário, 2010, p. 90-91.

[...] De acordo com o seguimento a Jesus, o cristão deve ter uma visão sacramental sobre a história na sua luta pela justiça, pelo direito do pobre e pela promoção e defesa de Deus como Deus da vida. Isso porque o agir cristão na ótica do seguimento estará constantemente perpassado pela vontade de Deus concretizada em Jesus histórico. O caminho do seguimento não é outro senão entrar no caminho de Jesus, na sua dinâmica de encarnação, vida pública, morte e ressurreição. Logo, é percorrer o caminho de Jesus rumo à ressurreição não se esquivando dos sinais de crucificação e morte na história.

[...] A questão do seguimento a Jesus torna-se, no transcorrer da vida cristã, uma das exigências vitais para se compreender a própria essência do cristianismo em todos os tempos. Isso porque, o seguimento a Jesus, além de recuperar aquilo que significou Jesus de Nazaré, sua vida, missão e destino para os cristãos, evoca também a necessidade de uma ortopráxis acerca de Jesus, devidamente inculturada para o nosso tempo, a fim de se dar continuidade ao seu entendimento e prosseguimento atualmente. Em última análise, o seguimento torna-se, portanto, uma maneira eficaz de se viver o cristianismo, pois ele, além de recuperar Jesus histórico, como caminho de acesso ao Cristo, estabelece substancialmente a necessidade de realizá-lo enquanto práxis.

Caberá a todos os cristãos e cristãs, lutar pela instalação do Reino de Deus na ótica de uma libertação integral, transformando as estruturas injustas dos processos históricos em estruturas mais humanas. É necessário refundar a história, onde haja mais vida para os oprimidos, excluídos e pobres, dando vida aos que estão ameaçados em sua vida. Essa é a forma que o seguimento a Jesus encontra hoje maior ressonância, isto é, transformar este mundo de acordo com a vontade de Deus, à luz do que disse e fez Jesus, a caminho do Reino definitivo.

Vera Ivanise Bombonato⁸⁸ irá dizer que:

A categoria cristológica do seguimento concentra em si a experiência fundante do cristianismo. Jesus de Nazaré, passando pelas estradas da Palestina, chamou homens do meio de seu povo para segui-lo (cf. Mc 1,16-20; Mt 4,18-22; Lc 5,1-11) e se autodefiniu como o único caminho para o Pai (cf. Jo 14,6). Os evangelistas são concordes em empregar a metáfora do seguimento, rica em simbologia, para expressar a relação profunda e pessoal de Jesus com os seus seguidores.

Fundamentada nesse fato, a tradição cristã passou a conceber a existência cristã em sua realidade dinâmica, como resposta ao chamado de Deus, como caminho a ser percorrido e como projeto a ser realizado. E o seguimento passou a ser uma categoria fundamental em toda a história da salvação, porque engloba todos os elementos da resposta humana à intervenção de Deus na história da pessoa, por meio de Jesus.

Deus se revela em Jesus, no acontecer da história. Só mediante o seguimento e no seguimento é possível conhecer verdadeiramente Deus, relacionar-se com ele e viver na fidelidade ao seu projeto. Não é possível o seguimento à

⁸⁸ BOMBONATTO, Vera Ivanise. **Seguimento de Jesus** – uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 35.

margem da história; não é possível a fidelidade a Deus à margem do seguimento. Por isso, a história da salvação é uma história de seguimento.

O seguimento de Jesus tem três dimensões que formam o eixo central do processo de educação da fé: Imitar o exemplo do Mestre, participar do destino do Mestre e ter a vida de Jesus dentro de si.

Imitar o Mestre era, e ainda é, reconhecer na vida e na prática de Jesus o anúncio do Reino, onde sua opção é evangélica e radical pelos pobres. Participar do destino do Mestre é comprometer-se com ele, estar com ele nas tentações, nas perseguições, carregar a cruz e morrer com ele. Ter a vida de Jesus dentro de si é deixar frutificar a partir da fé na ressurreição e da ação do Espírito Santo a experiência pessoal, refazendo a vida na mesma caminhada de Jesus que morreu por defender a vida, e ressuscitou pelo poder de Deus.

Tais dimensões exigem de nós, como exigiu de Patativa do Assaré, uma espiritualidade de entrega contínua, alimentada na oração, e na observação de tudo o que ao redor, pois tudo é criação de Deus.

Quando é que começa o encontro entre Jesus de Nazaré e Patativa do Assaré?

Gilmar de Carvalho⁸⁹ entrevistando o poeta responde esta pergunta:

Gilmar. Patativa, donde veio essa sua preocupação social: foi da Igreja, de algum partido político que você fez parte? Onde foi que veio essa sua preocupação com as injustiças sociais?

Patativa. É que eu fui um leitor assíduo. Eu gostei muito de ler. E o que eu li com mais prazer sempre era as pregações de Jesus Cristo, viu? Era os direitos humanos, o direito de cada um e, finalmente, foi...Eu, que também de nascimento mesmo, eu comecei logo a ver a verdade, a justiça e a verdade, viu?

Gilmar. Com muita lucidez...

Patativa. E por isso, então, eu apoio esse tema: ser um poeta social, um poeta do povo...

Gilmar. A gente pode dizer que tudo foi a partir da doutrina de Cristo?

Patativa. Foi! A partir da doutrina de Cristo foi que me veio com muito amor, continuar fazendo verso dentro da verdade e da justiça, defendendo o povo como tem muito poema aí, até soneto...[...]

Gilmar. Mas o senhor foi ligado a alguma religião?

Patativa. Não! Nunca. Sempre fui um católico, por causa do meu jeito, acreditando nas pregações de Cristo e também nas obra da criação. O supremo dominador de todas as coisa, que tudo fez, viu?

As parábolas de Jesus de Nazaré seduziram o poeta Patativa do Assaré. Não há outro lugar em que a pregação de Jesus seja tão perturbadora como nas parábolas. São perturbadoras pois, elas desafiam a nossa maneira habitual de ver o mundo, as pessoas, a

⁸⁹ CARVALHO, Gilmar de. **Cem Patativa**. Fortaleza: Omni Editora, 2010, p. 72-73.

natureza, questionando-nos, forçando-nos a repensar nossos valores. Do ponto de vista literário, parábolas são histórias que combinam narrativas com metáforas. Ao contrário das fábulas gregas, por exemplo, as parábolas de Jesus são matéria-prima de linguagem baseadas na realidade cotidiana da natureza e nas atividades humanas.

José Antonio Pagola⁹⁰ ressalta:

Esta linguagem poética que Jesus emprega para falar de Deus não era totalmente desconhecida àqueles camponeses. Também Oseias, Isaías, Jeremias e outros profetas haviam falado assim: na poesia encontravam a força mais vigorosa para sacudir as consciências e despertar os corações para o mistério do Deus vivo. O que se torna para eles mais original e surpreendente são as parábolas que Jesus conta enquanto lhes mostra os campos semeados da Galileia ou lhes pede que prestem atenção nas redes cheias de peixes que os pescadores de Cafarnaum vão tirando do lago. Não era tão fácil encontrar nas Escrituras sagradas relatos que fizessem pensar em algo parecido.

Nas fontes cristãs conservaram-se cerca de quarenta parábolas com um relato mais ou menos desenvolvido, junto com uma vintena de imagens e metáforas que permaneceram num esboço ou apontamento de parábola. São apenas uma amostra reduzida de todas as que Jesus pronunciou. Como é natural, conservam-se os relatos que ele mais repetiu os que com mais força ficaram gravados no coração e na lembrança.

Só Jesus pronuncia parábolas sobre o “reino de Deus”.

Gerd Theissen e Annette Merz⁹¹ afirmam que, em geral, as parábolas são vistas como a forma característica da doutrina de Jesus:

No entanto, muitos cristãos não sabem que foi com Jesus que as parábolas ganharam evidência histórica em maior densidade, embora ele estivesse adotando, com elas, uma forma bastante difundida em sua época. Porque os escritos rabínicos tardios também contêm diversas parábolas. A percepção delas, do ponto de vista cristão, foi durante muito tempo deturpada por preconceitos contra o judaísmo.

[...] Jesus e os rabinos recorreram ao mesmo tesouro familiar de imagens, motivos e estruturas narrativas básicas e que, de fato, suas parábolas diferem em vários aspectos, mas são expressões do mesmo gênero.

[...] As parábolas de Jesus são contextuais de três formas:

- As *imagens* derivam das realidades socioeconômicas do tempo de Jesus, que devem ser reconstruídas pela análise comparativa de fontes, a fim de que venha à tona o clímax que era diretamente evidente para seus contemporâneos.
- A *mensagem das parábolas* – a ação presente de Deus na criação em ira e misericórdia – transmite-se em imagens que pressupõem as condições sociais concretas e forçosamente ensinam a lê-las de modo novo. Se

⁹⁰ PAGOLA, José Antonio. **Jesus Aproximação Histórica**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 147.

⁹¹ THEISSEN, Gerd. MERZ, Annette. **O Jesus Histórico – Um Manual**. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015, p. 342; 348-349; 354; 371.

Jesus como imagem da bondade divina escolhe um empregador que paga o salário integral mesmo para os que trabalharam por um curto período de tempo, ele está criticando o mundo do trabalho de seu tempo.

- A *práxis do movimento* de Jesus, definida por L. Schottroff como um movimento de libertação judeu na *Pax Romana*, também deve ser vista como contexto das parábolas, ainda que seja deduzida apenas de maneira germinal.

[...] Elas desafiam uma tomada de posição diante da conduta inusual descrita e pretendem provocar com isso uma mudança de atitude e de comportamento também no nível do conteúdo. Os limites entre as diversas formas são fluidos. Desse modo se vê na parábola da semente que cresce por si um evento típico, recorrente, na forma de uma narração.

[...] Sem dúvida, Jesus também tinha convicções míticas. Mas ele põe no centro de seu anúncio, uma linguagem simbólica metafórica: as parábolas, uma forma não dogmática de falar de Deus. Elas não procuram testemunhar como as pessoas sempre pensaram sobre Deus, nem pretendem prescrever como se deve pensar sobre ele. Sua intenção é dar impulsos para pensar nele de forma sempre nova e diferente.

[...] As parábolas mostram um modo livre de lidar com a tradição teológica: seu desenvolvimento hermenêutico. Como alternativas, havia no judaísmo da época escritos de mistério apocalípticos (que autorizavam novos conhecimentos religiosos por meio de visões) e interpretação alegórica da Escritura (que transformou em segredos textos bem conhecidos), ambas formas que pressupõem certa erudição escriturística. As parábolas, ao contrário, mostram uma forma hermenêutica livre de lidar com a tradição teológica, desvinculada da educação e da erudição escriturística.

Carlos Mesters⁹² falará do método participativo das parábolas que tanto influenciou no processo de formação dos discípulos e discípulas de Jesus:

Jesus tinha uma capacidade muito grande de criar parábolas ou pequenas histórias para comparar as coisas de Deus, que não são tão evidentes, com as coisas da vida do povo que todos conheciam e experimentavam diariamente na sua luta pela sobrevivência. Isso supõe duas coisas em Jesus: estar bem por dentro das coisas da vida do povo, e estar por dentro das coisa de Deus, do Reino de Deus.

A parábola é uma forma participativa de ensina e de educar. Não dá tudo trocado em miúdos. Não faz saber, mas faz descobrir. Ela muda os olhos, faz a pessoa ser contemplativa, observadora da realidade. Leva a pessoa a refletir sobre a sua própria experiência de vida e faz com que esta experiência a leve a descobrir que Deus está presente no cotidiano da vida de cada dia. Por exemplo, o agricultor que escuta a parábola da semente, diz: “Semente no terreno, eu sei o que é. Mas Jesus diz que isso tem a ver com o Reino de Deus. O que será que ele quis dizer com isso?”. E aí você pode imaginar as longas conversas do povo e dos discípulos em torno das parábolas que Jesus contava.

A parábola provoca.

⁹² MESTERS, Carlos. **Jesus Formando e Formador – aprender e ensinar**. São Leopoldo: CEBI, 2012, p. 57-58.

No poema *Três Beijos*⁹³, Patativa do Assaré constrói um encontro com Jesus em três momentos distintos:

Jesus o Verbo Encarnado
Com o seu amor profundo
Quando andou por este mundo
Por três vezes foi beijado,
Primeiro por Madalena
A pecadora morena,
Quando no seu coração
Entrou um raio de luz
E ela procurou Jesus
Para lhe pedir perdão.

Depois o segundo beijo,
O beijo da falsidade,
Quando aproveitando o ensejo
Judas cheio de maldade
Cometeu naquele dia
A maior hipocrisia
Que pode haver contra Deus,
De Cristo se aproximou
E em sua face beijou
Lhe entregando aos fariseus.

Depois quando perseguido
Nosso Cristo Redentor
Já cruelmente ferido
Lhe trataram com rigor
Pregando sobre o madeiro,
Lhe veio o beijo terceiro
Quando a sua mãe querida
Com um olhar puro e terno
Lhe aplicou o beijo materno
O beijo da despedida.

No soneto *Ingratidão*⁹⁴, Patativa apresenta uma experiência de Jesus:

Amai-vos uns aos outros, Ele dizia
Quando a santa doutrina apresentava
E aquela multidão que O escultava
indiferente a voz do mestre ouvia

Além e mais além Ele seguia
e os exemplos de amor a todos dava
porém a humanidade sempre escrava
do orgulho, da inveja e da anarquia

⁹³ ASSARÉ, Patativa do. **Ispinho e fulô**. São Paulo: Hedra, 2005, p. 137-138.

⁹⁴ ASSARÉ, Patativa do. **Aqui tem coisa**. São Paulo: Hedra, 2004, p. 100.

Morreu Jesus no topo do calvário,
com o fim de remir o mundo vário
foi seu sangue inocente derramado

Mas o mundo cruel e enfurecido
em sequestros e bombas envolvido
continua na lama do pecado.

2.1.4 Inspiração, adesão e seguimento fiel.

A inspiração poética de Patativa do Assaré veio das pregações de Jesus de Nazaré, como ele mesmo afirmou em entrevista, citada anteriormente, a Gilmar de Carvalho⁹⁵, de um Jesus Cristo que era como supõe o poeta, um agricultor, um artesão da Palavra, um homem simples como tantos outros da sua terra, porém, receptivo ao lúdico, ao belo, assim como ele Patativa, em todo caso, como afirma José Antonio Pagola⁹⁶, o encontro com Jesus não é fruto da investigação histórica nem da reflexão doutrinal. Ele só acontece na adesão interior e no seguimento fiel. O encontro com Jesus ocorre quando há confiança no Deus que Jesus confiava, na crença do amor que ele cria, quando se aproxima dos que sofrem como ele se aproximava, quando se defende a vida, como ele a defendia, quando se olha as pessoas como ele as olhava, quando se enfrenta a vida e a morte com uma fiel esperança como a que ele as enfrentou, quando se transmite uma Boa Notícia como ele transmitiu e transmite.

A realidade vivida no Brasil, na América Latina e Caribe da época em que Patativa do Assaré começou a publicar seus livros, como para os dias atuais, continua condicionada a um sistema capitalista, cruel, desumano, e que a cada dia aumenta a distância entre ricos, cada vez mais ricos, e pobres, cada vez mais pobres. Não há um sistema de saúde de qualidade, a violência e o extermínio das juventudes aumentam a cada dia, uma solução simples seria investir numa educação de qualidade, que preparasse seres humanos para atuarem em todas as instâncias da sociedade, pois com uma boa educação muitos problemas poderiam ser evitados. No tempo de Jesus de Nazaré, havia todo um sistema bem organizado de educação e formação, marcado pela observância da Lei de Deus e pela Tradição dos Antigos, onde os pilares eram a família, a sinagoga (comunidade) e o templo. Apesar de existir uma religião oficial ambígua e muitas vezes opressora, que privilegiava a classe dominante, Jesus se posicionará do lado dos mais fracos.

⁹⁵ CARVALHO, Gilmar de. **Cem Patativa**. Fortaleza: Omni Editora, 2010, p.72-73.

⁹⁶ PAGOLA, José Antonio. **Jesus Aproximação Histórica**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p.28.

Segundo Carlos Mesters⁹⁷, Jesus se colocará do lado do povo esquecido, abandonado, sem proteção e sem defesa, cheio de doenças sem cura; gente que era explorada pelo sistema injusto, que causava desemprego, empobrecimento e endividamento crescentes. Irá testemunhar os poderosos insensíveis que não se importavam com a pobreza de seus irmãos e irmãs; ficará sando das tensões e conflitos sociais com repressão violenta e sangrenta da parte dos romanos que matavam sem piedade. Irá denunciar as classes altas, comprometidas com os interesses do Império Romano que por sua vez, exploravam o povo. Não se deixou intimidar, denunciou e ameaçou, por isso foi perseguido, caluniado, difamado, preso, torturado e assassinado.

Patativa do Assaré⁹⁸ assim o retrataria:

Meu Jesus, Reis dos Judeu,
Saibo, Divino e profundo
Que padeceu e que morreu
Pra miorá este mundo,
Que pregou na Palestina
A pura e santa doutrina
De paz, amô e ingualdade
E deu na sua insistência
Um inzemplo de cremensa
Para toda humanidade.

Que do seu grande podê
Querendo uma prova dá,
Fez alejado corrê
Fez morto ressucitá.
Foi preso, foi amarrado
E pelo chão arrastado,
Meu Divino e bom Jesus,
E deu ainda o perdão
Para a corja de ladrão
Que lhe cravaro na cruz.

Isto tudo o Senhô fez
Para o mundo consertá,
Sendo poderoso Reis,
Quis a todos se umiá.
Mas a farsa humanidade
Não quis sabe das verdade
Dos insinamento seu,
No nosso mundo de ingano
São bem pôco os pubricano
Quase tudo é fariseu.

⁹⁷ MESTERS, Carlos. **Jesus formando e formador – aprender e ensinar**. São Leopoldo: CEBI, 2012, p. 48-49.

⁹⁸ ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá – filosofia de um trovador nordestino**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p.190-191.

Meu Divino e Bom Juiz,
 Veve na face da terra
 Os país cronta os país
 Na mais sanguinara guerra.
 É o maió ispaiafato;
 Não tão seguindo os ingrato
 As lição que o Senhô deu.
 Cheio de inveja e imbição
 Tão seguindo é a lição
 Do juda que lhe vendeu.

Patativa do Assaré não foi torturado, nem foi assassinado, foi preso apenas uma vez por colaborar com jornais alternativos. Teve sua prisão decretada no período da ditadura militar no Brasil, fato que acabou não acontecendo, pois teve a ordem de prisão relaxada por interferência pessoal de uma parente, que tinha laços de amizade com os agentes da repressão, e que teria rasgado a intimação deixada no cartório para o poeta prestar depoimento. O pretexto seria um poema sobre a questão da terra. O poema é *Caboclo Roceiro*⁹⁹:

Caboclo roceiro das plagas do norte,
 Que vives sem sorte, sem terras e sem lar,
 A tua desdita é tristonho que canto,
 Se escuto o teu pranto, me ponho a chorar.

Ninguém te oferece um feliz lenitivo,
 És rude, cativo, não tens liberdade.
 A roça é teu mundo e também tua escola,
 Teu braço é a mola que move a cidade.

De noite, tu vives na tua palhoça,
 De dia, na roça, de enxada na mão,
 Julgando que Deus é um pai vingativo,
 Não vês o motivo da tua opressão.

Tu pensas, amigo, que a vida que levas,
 De dores e trevas, debaixo da cruz
 E as crises cortantes quais finas espadas,
 São penas mandadas por Nosso Jesus.

Tu és, nesta vida, um fiel penitente,
 Um pobre inocente no banco do réu.
 Caboclo, não guardes contigo esta crença,
 A tua sentença não parte do céu.

O Mestre Divino, que é Sábio Profundo,
 Não fez, neste mundo, o teu fado infeliz,
 As tuas desgraças, com tuas desordens,
 Não nascem das ordens do Eterno Juiz.

⁹⁹ ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu Canto cá – filosofia de um trovador nordestino**. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 99-100.

A Lua te afaga sem ter empecilho,
 O sol e o seu brilho jamais te negou,
 Porém, os ingratos, com ódio e com guerra,
 Tomaram-te a terra que Deus te entregou.

De noite, tu vives na tua palhoça,
 De dia na roça, de enxada na mão.
 Caboclo roceiro, sem lar, sem abrigo,
 Tu és meu amigo, tu és meu irmão.

A trajetória em defesa da vida do povo fez de Patativa do Assaré uma voz para os sem voz¹⁰⁰:

Feliz daquele que despreza o mundo
 Para viver ao lado de Jesus,
 Levando aos ombros a pesada cruz,
 Resignado no sofrer profundo.

Gilberto de Carvalho¹⁰¹ dirá que Patativa do Assaré é uma voz plural:

Marcante na produção de Patativa do Assaré o seu compromisso com o outro ou com todos, melhor dizendo. Mesmo quando o poema está centrado na primeira pessoa, mesmo quando a dor ou o amor parece individual, ele se projeta e assume uma dicção que passa a ser da Humanidade como um todo. Isso faz com que uma toada que possa parecer singela ou despreziosa, em sua formulação original, ganha a força e a contundência de um épico. Essa grandeza de abrangência se embate com a simplicidade e a discrição de um enunciador que brinca de se anular, valorizando o poema, impregnado de um tom iniciático.

Essa poderia ser a primeira utopia: a de amplificar uma voz fora das instâncias de legitimação da fala. Patativa se situa na periferia do poder e à margem das mídias. O que pode ser considerado uma utopia também se inscreve como um paradoxo. Sua fala se afirma nessa polifonia ou destoa desse coro, como a de um oráculo que soasse estranho e por isso mesmo torto.

Quem é esse poeta que é um e parece muitos? Como se o seu canto fosse uma resultante de muitos sonhos que se tecem ou se acumulam (se sedimentam). Parece um canto vário para ser de um só autor e no entanto é formulado por alguém que é capaz de sentir todos os sentimentos do mundo, com uma intensidade tal que se transfigura em palavras, que, mais que palavras, são uma utopia de uma Humanidade solidária, ao pé do fogo, agregando-se em tempos de individualismo exacerbado e extrema competitividade.

Ir na contramão dessas tendências não seria lançar as bases de uma utopia que pode parecer nostálgica, de um projeto comum? Alguma ideia que

¹⁰⁰ ASSARÉ, Patativa do. **Inspiração Nordestina**. São Paulo: Hedra, 2003, p.320.

¹⁰¹ CARVALHO, Gilmar de. **Patativa do Assaré Pássaro Liberto**. 2.ed. Fortaleza: Museu do Ceará, 2011, p. 38-39.

reatualizasse o cristianismo primitivo, com uma pitada romântica de Fourier?

[...] Como essa voz, que faz questão de ser regional, anunciada de um espaço determinado, consegue superar tantas barreiras e ser tão universal (globalizada?) nestes tempos cínicos de mascaramento da exclusão e de constituição do grande mercado?

Como consegue se impor no tempo? Porque é ao mesmo tempo ancestral e profética. Porque ela se projeta a partir de tudo o que foi dito e vivido antes. Porque sua atualidade vem desse anacronismo que faz com que ela seja ou esteja permanentemente atualizada, como uma voz ritual que se ampara nos mitos e supera as ideologias.

Luiz Tadeu Feitosa¹⁰² diz que Patativa do Assaré aprendeu a ouvir e a ver o que sua mente poderia fazer vir à tona depois. Sua capacidade perceptiva foi treinada desde muito cedo pela curiosidade dos tempos de criança. Por isso, as “visões” e as “memórias” de um poeta que se fazia menino não podem ser desprezadas, como também os depoimentos sobre as perseguições que sofria da inspiração:

Patativa. Eu não sei como é que pode, rapaz, parece até mentira, mas não é não. Eu às vezes ficava aperreado com aquela coisa, com aquela insistência. Eu não podia trabalhar. Pelejava e ela não deixava, me perseguindo, querendo que eu fizesse verso e mais verso. E eu tinha que limpar, que plantar, que fazer broca.

Luiz. E quem era ela, Patativa?

Patativa. Ora, era a inspiração, homem. Você não entende disso não? Era a inspiração. Eu só faltava era ficar doido, ela me dizendo pra eu fazer poema disso e daquilo outro.

Luiz. É por isso que o senhor diz num poema que viu uma chuva de rima caindo em cima do senhor?

Patativa. Não, aquilo é eu inventando. Eu falando da minha lira, da minha inspiração, mas nesse outro caso, era a inspiração me ditando as coisas. Ora isso aconteceu foi a vida quase toda, viu? Mas eu não gosto de falar disso não. Isso é uma coisa minha, uma coisa pura, uma coisa que só Deus é quem sabe. Mas eu não sou doido, eu sei que aconteceu. Eu não faço é dizer pra todo mundo, que eles não entendem?!

Percebe-se que a inspiração de Patativa do Assaré acontece em família, a partir da cultura, através da língua, do lugar do seu nascimento. Família, cultura, língua e lugar de nascimento afetam a vida das pessoas, de alto a baixo, e isso, ninguém escolhe. Elas fazem parte da existência de cada ser humano. São o ponto de partida para toda e qualquer coisa que se desejar fazer durante toda a vida. Foi assim com Jesus de Nazaré, foi assim com Patativa do Assaré.

¹⁰² FEITOSA, Luiz Tadeu. **Patativa do Assaré – a trajetória de um canto**. São Paulo: Escrituras, 2003, p. 103-104.

2.2 O encontro com o Povo: a luta pela libertação ou exercício de fé do poeta.

Patativa do Assaré, mesmo vivendo longe de um grande centro urbano, era muito querido fora do Ceará. Viajou, se apresentou em shows e na mídia, e sempre recebeu muito calor e muito afeto dos públicos com os quais conviveu pelo Brasil. Conhecia muito bem a realidade das pessoas do campo e da cidade. Era querido também no Ceará. Ganhou medalhas, comendas, títulos. Mas o que o interessava era o contato com o povo nos mercados e feiras, nas ruas, nas praças. Patativa era um "animal político". Nunca bajulou poderosos. Ele se sentia irmão e cúmplice dos que precisavam de terra, daí ter lutado tanto pela Reforma Agrária. No seu Assaré, ele era tido como grosseiro, porque não gostava de ser amparado, como um velhinho deficiente¹⁰³. Apesar de cego, ele andava sozinho, ia ao mercado, à igreja, e não gostava da mão que, pretensamente, o protegeria. O vício em fumar, as adversidades auditivas e visuais, o cansaço, o peso da idade, o grande assédio, as dificuldades financeiras, são álibis para o mau humor do poeta, que apesar de ter sido uma ótima pessoa era bastante controverso, pois quando não desejava ser cordial, era bastante intolerante, o que acabava fazendo com que as pessoas elogiassem o poeta, mas diminuíssem o homem por causa de uma postura rude. Mas Assaré sabia de seu valor, das brigas que comprou pela cidade (o abastecimento d'água foi uma delas) e o reconhecia. Entre familiares e amigos Patativa do Assaré se sentia mais à vontade, mais confortável; ali no seu ninho é que ele fazia conhecer o seu gênio.

Luiz Tadeu Feitosa¹⁰⁴ diz que é no ninho que se percebe melhor o pássaro. Do ninho pode-se vislumbrar tudo aquilo que o mito/poeta/homem vislumbra. Foi dividindo o mesmo cotidiano, a solidariedade de parte das experiências e uma sociabilidade comum que os amigos e os familiares puderam ver nas alternâncias de humor do poeta, não pontos negativos e positivos, mas a concretude de um ser.

2.2.1 O ninho do poeta: o sertão.

¹⁰³ Informações obtidas na Fundação Patativa do Assaré / Memorial Patativa do Assaré, situada na rua Francisco Gomes, 82, Centro, Assaré – CE. Correio eletrônico: fundação.patativa@gmail.com. Durante a segunda visita à cidade de Assaré, no dia 31 de abril de 2014.

¹⁰⁴ FEITOSA, Luiz Tadeu. **Patativa do Assaré – a trajetória de um canto**. São Paulo: Escrituras, 2003, p. 284.

Para melhor compreender o mundo de Patativa do Assaré é necessário situá-lo no seu lugar natural: o sertão. É o sertão que lhe inspira e lhe insere uma identidade. É no sertão que ele encontrará consigo e com o povo. Patativa tinha uma consciência muito forte do papel social de sua poesia. Escrevia para ser compreendido pelos serranos (da Serra de Santana), pelos matutos e pelos de mão grossa, incluído aí o contingente grande das mulheres sertanejas que trabalham na roça. Ele era sensível às dores dos excluídos. Era intérprete e porta-voz.

Sendo assim, Patativa do Assaré¹⁰⁵ irá fazer em seu poema *O Retrato do Sertão*, um panorama do que vivia no dia a dia:

Sou sertanejo e me orgulho
 Por conhecer o sertão
 Durmo na rede e me embrulho
 Com um lençol de algodão.
 De alpercata de rabicho,
 Sofrendo a vida penosa
 Do trabalho do roçado
 E por isso sou chamado
 Poeta de mão calosa.

Da mais cruel desventura
 Conheço o amargo sabor,
 Pois vivo da agricultura,
 Sou poeta agricultor.
 Eu sei com toda certeza
 Como é que vive a pobreza
 Do sertão do Ceará,
 A sua manutenção
 É almoço de feijão
 E a janta de mugunzá.

Sou sertanejo e conheço
 Meu sertão em carne e osso,
 Trabalho muito e padeço
 Com a canga no pescoço,
 E trago no pensamento
 Meu irmão do sofrimento
 Que, no duro padecer,
 Levando o peso da cruz,
 É quem trabalha e produz
 Para a cidade comer.

Eu não ignoro nada
 Deste sertão sofredor
 Que puxa o cabo da enxada
 Sem arado e sem trator.
 Pobre sertão esquecido

¹⁰⁵ ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu Canto cá – filosofia de um trovador nordestino**. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 236-237.

Que já tá desiludido
 E não acredita mais
 Nas promessas e nos tratos
 E juras de candidatos
 Nas festas eleitorais.

Segundo Plácido Cidade Nuvens¹⁰⁶:

Acrescente-se a isto que Patativa do Assaré nasceu e viveu sempre no sertão, dele se afastando apenas em breves revoadas aos núcleos litorâneos hegemônicos para rápidos contatos. [...] Sua vida tem sido viver o sertão. [...] Patativa descreve o sertão, com precisão e riqueza de detalhes, também como partícipe da vida atribulada do sertanejo, conferindo assim a tonalidade impressionante do cotidiano. [...] O homem sertanejo, como entendia Euclides da Cunha, é antes de tudo um forte. Patativa descreve esta fortaleza de espírito, capaz de superar a vida apertada, o lado conjuntural da lida camponesa, o dia a dia extenuante, marcado pela falta de gêneros alimentícios, “sem feijão na lata”, ainda na metade do ano. Sem crédito e sem assistência, sem ter onde comprar fiado e ter que pagar imposto. O sertanejo tem fortaleza, como diz Patativa, para entender a sina tirana, o lado estrutural, a organização política e social de uma sociedade que exclui dos benefícios do progresso e da cultura que produz para sustentar a cidade. O camponês de Patativa tem consciência que é a classe matuta, a classe que não desfruta das riquezas do Brasil.

Luiz Tadeu Feitosa¹⁰⁷ afirma que o campo era para Patativa o espaço da experiência, do conhecimento e da sobrevivência do ser humano e do mito. O campo é o espaço e o tempo onde se constroem os sentidos. No campo ele nasceu, brincou imitando a vida e cresceu. O campo para Patativa do Assaré era a sua própria identidade¹⁰⁸:

Repare que a minha vida
 É deferente da sua.
 A sua rima pulida
 Nasceu no salão da rua.
 Já eu sou bem deferente,
 Meu verso é como a semente
 Que nasce inriba do chão,
 Não tenho estudo nem arte,
 A minha rima faz parte
 Das obra da criação.

Mas porém, eu não invejo
 O grande tesôro seu,
 Os livros do seu colejo,

¹⁰⁶ NUENS, Plácido Cidade. **Patativa e o Universo Fascinante do Sertão**. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 1995, p. 36-37; 73.

¹⁰⁷ FEITOSA, Luiz Tadeu. **Patativa do Assaré – a trajetória de um canto**. São Paulo: Escrituras, 2003, p. 95.

¹⁰⁸ ASSARÉ, Patativa do. **Inspiração Nordestina**. São Paulo: Hedra, 2003, p.277-278.

Onde você aprendeu.

Pra gente aqui sê poeta
E fazê rima completa,
Não precisa professô.
Basta vê, no mês de maio,
Um poema em cada gaio
E um verso em cada fulô

O sertão é o chão do povo e do poeta. No poema *Eu e o Sertão*¹⁰⁹, o poeta mostra o contexto em que está inserido socialmente e onde germina a sua poesia:

Sertão, arguém te cantô,
Eu sempre tenho cantado
E ainda cantando tô,
Pruquê, meu torrão amado,
Mundo te prezo, te quero
E vejo qui os teus mistero
Ninguém sabe decifrá.
A tua beleza é tanta,
Qui o poeta canta, canta,
E inda fica o qui cantá.

[...] Inquanto lendo seguia
Aquele boa senhora,
De quando in vez repetia
Bonita jaculatória;
Todo povo acompanhava
E quando a mesma rezava
Padre-Nosso e Ave-Maria,
De contrição todas cheia,
Com sua voz de sereia,
As caboca respondia:
- Neste mês de alegria,
Tão lindro mês de frô,
Queremo de Maria
Celebrá o seu louvo. –

Sertão amigo, eu tô vendo
Que os teus novo camponês,
Hoje ainda tão fazendo
Aquilo que os veio fez.
Que doce felicidade
Eu gozei na mocidade,
Nesta santa ingorfação!
Quando se acabava maio,
Já começava os insaio
Do santo mês de S. João.

¹⁰⁹ ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu Canto cá – filosofia de um trovador nordestino**. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 21-24.

2.2.2 Poeta popular na luta por liberdade.

Antes de qualquer trabalho com ou a favor do povo, é importante estar inserido no meio do povo. É preciso participar da sua vida. Somente essa participação na vida e na luta do povo dará base para uma pessoa trabalhar junto a ele. Era assim que o poeta ganhava a confiança da sua gente e adquiria através da sua arte um poder de convocação e mobilização popular.

Patativa do Assaré sempre esteve atento a tudo o que acontecia com o povo da sua cidade, da capital, do estado, mesmo no cenário nacional. Em várias entrevistas sempre admitiu ser um poeta popular, que estava sempre ao lado do povo, que entendia como ninguém o destino a que estava submetido, entendia que sua poesia seria um instrumento eficiente para manifestar sua discordância, sua indignação frente aos abusos dos poderosos contra os despossuídos. O poeta exercerá sua poesia na luta pela liberdade de expressão, sendo a voz de um povo sofrido, lascado, excluído e abandonado.

Luiz Tadeu Feitosa¹¹⁰ lembra que:

A trajetória de vida de Patativa do Assaré é significativa porque, sendo ele um sujeito nascido e criado ao longo de quase todo o século XX, período onde as mudanças sociais provocadas pelo desenvolvimento dos meios de comunicação se deram mais intensamente, ele acompanhou vários estágios desse desenvolvimento.

[...] O próprio Patativa sabe que sua poesia não perde as marcas de sua oralidade nem ofusca o repertório cultural que a caracteriza, com sotaque matuto porque interage com outros códigos e linguagens.

2.2.2.1 O povo.

Leonardo Boff¹¹¹ esclarece que o termo *povo* é uma expressão que se apresenta ambígua e serve não só para representar ideologias totalitárias, como também é vastamente usada nos meios populares, e por pessoas que se colocam na defesa do próprio povo. Em primeiro lugar, o sentido de povo foi elaborado na filosofia social, cuja tradição tem suas raízes no pensamento clássico da antiguidade. Nesta visão, povo vem definido como o conjunto dos súditos ou cidadãos de um mesmo Estado. Em segundo lugar, povo ganha um

¹¹⁰ FEITOSA, Luiz Tadeu. **Patativa do Assaré – a trajetória de um canto**. São Paulo: Escrituras, 2003, p. 89-91.

¹¹¹ BOFF, Leonardo. **E a Igreja se fez Povo – Eclesilogênese: a Igreja que nasce da fé do povo**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 40-47.

significado próprio no âmbito da antropologia cultural: uma população que pertence a uma mesma cultura, etnia ou nação. Em terceiro lugar, povo significa uma palavra-chave no campo da política. Por política, aqui se entende, seja a busca comum do bem comum, seja a atividade que se destina à transformação, conservação ou administração da sociedade mediante o exercício do poder do Estado. Por um lado, o termo expressa o conjunto indiferenciado dos membros de uma determinada sociedade; por outro, significa a parte pobre, iletrada e quase sempre marginalizada da população, que outrora como hoje, constitui a maioria das pessoas. Em quarto lugar a sociologia identifica o termo no sentido político e ideológico expressando o conjunto de seres humanos que formam uma unidade orgânica, fruto de sua cultura, de seu desenvolvimento histórico, etc. Porém, povo é o resultado da vasta rede de comunidades, ONGs, associações, movimentos populares, que se articulam entre si ou não, para romperem a situação de massa, criando consciência, organizando projetos e práticas adequadas. Criam uma cultura própria capaz de expressar seus anseios, suas lutas e suas esperanças. Não é apenas um instrumento de análise de todo um processo histórico, mas uma utopia, onde gerem uma sociedade mais justa e fraterna, onde não haja mais dominadores e dominados.

Para Luiz Eduardo W. Wanderley¹¹², é na dimensão sociológica que o sentido de povo da interpretação dada por Leonardo Boff, confere mais rigor do seu alcance e limite:

Povo como categoria sociológica compreende os seguintes elementos, na opinião do autor:

- a existência de um complexo de associações articuladas entre si;
- a consciência de sua situação entre a massa e as elites (classe dominante), geralmente situação dominada, mas em luta e resistência;
- a elaboração de um projeto igualitário e participativo, não só para si, mas para todo o conjunto da sociedade;
- uma prática histórico-social transformadora das relações sociais para além das reivindicações, que serão sempre feitas enquanto não se instaurar uma sociedade nova mais igualitária e participativa;
- uma dimensão axiológica, presente em todas as lutas populares; todos são chamados a ser povo, a deixar de ser dominados e dominadores, massas e elites; todos são convidados a participar na gestação de uma sociedade com relações de colaboração e não de concorrência, por isso, mais democrática e igualitária.

Apontando que todas essas características de povo se encontram na Igreja Popular, ela deriva da rede de comunidades eclesiais de base e dos grupos de reflexão bíblica e de ação/reflexão que estão em comunhão entre si, com a institucionalidade hierárquica da Igreja e, principalmente, coma mensagem evangélica. Essa Igreja Popular é também chamada de Igreja-Povo de Deus, constituída de clérigos e leigos, povo messiânico que recupera a dimensão bíblica de história, de aliança, de eleições, de consagração/missão e de

¹¹² WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Democracia e Igreja Popular**. São Paulo: Educ, 2007, p. 31-32.

peregrinação rumo ao reino escatológico. A concepção enfatiza a exigência de participação e comunhão de todos os fiéis no serviço profético, sacerdotal e real de Cristo. Essa Igreja Popular-Povo de Deus é constituída, majoritariamente, de gente do povo, que detém a hegemonia potencial de constituição desse processo; é Igreja dos pobres, enquanto o pobre é membro participante, e que soma os que abraçam a causa dos pobres; é Igreja da luta pela libertação, da libertação integral e da libertação regional historicamente datada; é Igreja da caminhada, entendida como deslocamento para uma Igreja popular e como marcha nunca concluída e dinâmica; é Igreja na base e a partir da base, base que inclui o povo organizado e todas as instâncias eclesiais (bispos, clero e agentes de pastoral), e base num novo conceito de poder, que envolve a cúpula e as bases em estreita comunhão; é Igreja da santidade política, que requer virtudes pessoais dos cristãos de amor, esperança, solidariedade, obediência às decisões tomadas comunitariamente, e dar a vida pela fidelidade ao Evangelho e aos irmãos oprimidos; é Igreja aberta a todos, o que exige uma conversão de todos na Igreja. Essa concepção de povo comporta elementos utópicos do cristianismo, históricos da vida da Igreja e da sociedade, componentes das ciências humanas predominantemente do materialismo histórico. Nessa ampla visão, é um conceito aberto, mas que, na prática conflitante dos vários setores envolvidos, muitas vezes é esquecida em função de uma polarização classista ou de categorias contrastantes tais como ricos e pobres.

2.2.2.2 O povo de Deus.

O teólogo José Comblin¹¹³ diz que o conceito de povo de Deus foi sistematicamente eliminado do discurso eclesiástico durante os pontificados de João Paulo II e Bento XVI, e voltar ao Vaticano II seria reabilitar o conceito e recolocá-lo de novo no centro da eclesiologia. Este conceito foi a contribuição teológica principal do Concílio Ecumênico Vaticano II, e condicionou todos os documentos conciliares. “Povo de Deus” é o conceito que mais expressa o “espírito” do Vaticano II. E o que nos trouxe este espírito do Vaticano II para a Igreja? Ela é povo de Deus. Foi o retorno aos pobres e o redescobrimento da Igreja dos pobres que levou à reabilitação do conceito de povo de Deus. Não há pobres que não formem um povo. Não há povo que não seja dos pobres. Sem esperança não há povo. O que faz um povo é a esperança comum. Não há esperança que não seja coletiva, esperança de uma multidão reunida em povo. O povo são os pobres, os que são marginais, que não servem para acumular capital, a não ser como mão de obra barata. O povo é criação cristã ou judaico-cristã. E sua origem está na Bíblia. O conceito de povo para José Comblin é um conceito espiritual, não é um conceito científico; as ciências humanas, a filosofia, a sociologia não deram muita importância a esse conceito. O povo é uma realidade cristã fundamental. É tão fundamental como os conceitos de liberdade, de palavra ou de agir.

¹¹³ COMBLIN, José. **O povo de Deus**. São Paulo: Paulus, 2002, p. 43-46.

José Comblin¹¹⁴ afirmará que Jesus não se dirigiu em primeiro lugar para os indivíduos. Ele enxergava o seu povo, o conjunto do seu povo, sabendo da identidade e do destino especial desse povo no meio de todos os outros povos. Quando enxergava uma pessoa, era em função do seu povo; enxergava o seu povo em função da humanidade toda. A sua perspectiva é sempre essa, da mesma forma que foi a perspectiva dos profetas que vieram antes dele. Para Jesus somente fazem parte do povo de Deus aqueles que vivem o amor aos pobres, qualquer que seja sua pertença aos povos da terra. Não há religião que possa substituir esse amor, nem aquela que se diz cristã. Portanto, o Povo de Deus consta doravante das mulheres e dos homens livres: livres de toda lei, livres de toda cultura e livres de toda religião, decidindo, escolhendo por si próprios, sendo eles mesmos e não sendo simples membros desta cultura ou daquela religião. Cultura e religião podem ter um papel positivo, porém podem também oprimir. Jesus veio formar pessoas livres. O seu povo é de seres livres. Todavia, ainda não atingiram a plenitude da liberdade, que é idêntica à plenitude do amor. Alguns chegaram bem perto da perfeição, porém a maioria continua a caminho, procurando viver essa liberdade à qual aderiu.

O Povo de Deus pode caminhar em qualquer cultura ou qualquer religião. Porém, todas as culturas e religiões tendem a limitar o amor e colocar a frente outros valores. Muitas pessoas colocam a frente do amor, o dinheiro como valor prioritário. Nessa condição, o amor torna-se impraticável, porque vai contra os valores dominantes, e a pessoa que ama vai contra as leis da sociedade e da cultura. Infelizmente, muitas vezes, a religião cristã, como outras religiões, cai no erro de legitimar o sistema estabelecido e aceita essa cultura do dinheiro. Sendo conservadora só serve para justificar a ordem ou a desordem estabelecida, aceitando sem crítica, a injustiça, a dominação, a opressão e a morte dos pobres e fracos. Como é difícil viver em plenitude a prioridade do amor.

Mulheres e homens livres formam um povo novo, um povo que vive o amor: eis o Povo de Deus. Não importa a raça, (o povo – poderia suprimir ou substituir por origem – por exemplo), a tribo, a língua, a cultura ou a religião. A liberdade proposta por Jesus está no fato de se pratica o amor. Essa é a característica pela qual é reconhecida o seu povo.

O Concílio Vaticano II¹¹⁵ na *Lumen Gentium* em seu número 9 apresenta textos significativos sobre o povo de Deus:

¹¹⁴ TOMITA, Luíza E. VIGIL, José M. BARROS, Marcelo (Orgs.). **Teologia Latino-Americana Pluralista da Liberdade**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 137-139.

¹¹⁵ DOCUMENTOS DA IGREJA. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 112-114.

Cristo estabeleceu este novo pacto, isto é, a nova aliança do seu sangue (cf. 1Cor 11,25), formando, dos judeus e dos gentios, um povo que realizasse a sua própria unidade, não segundo a carne mas no Espírito, e constituísse o novo povo de Deus.

[...] Este povo messiânico tem por cabeça Cristo...

[...] Este povo tem por condição a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, em cujos corações habita o Espírito Santo como em seu templo. Tem por lei o mandamento novo, de amar como Cristo nos amou (cf. Jo 13,34); e finalmente tem como finalidade, o reino de Deus, começado já na terra pelo próprio Deus e que deve ser continuamente desenvolvido.

[...] Assim o povo messiânico, ainda que não abranja de fato todos os homens e repetidas vezes se pareça com um pequeno rebanho, é para toda a humanidade um germe validíssimo de unidade, de esperança e de salvação.

[...] Entra na história dos homens, porém, ao mesmo tempo transcende o tempo e os confins dos povos.

Segundo Jon Sobrino¹¹⁶, apesar do tema “povo” ainda não ser levado muito em conta na Igreja, ele é muito útil e necessário para impregnar de realidade outros temas mais especificamente cristãos. Portanto, o povo são os seres humanos, as imensas maiorias, organizadas ou não, que vivem e vivem mal, com santidade e pecado, pobres que não dão a vida por certa, e cujo maior anseio é a vida.

O povo é o referente real da denúncia profética, da denúncia da riqueza injusta, e como fonte da esperança.

2.3 O encontro com a Justiça e a Paz: o profeta e o anúncio e a denúncia em defesa da Vida.

O eu poético de Patativa do Assaré se torna também o eu profético, portanto mediador de uma palavra de esperança, palavra de fé e de vida, palavra livre, palavra popular.

Um poeta, um profeta do povo, que anuncia, denuncia e ameaça.

2.3.1 Justiça e Paz se abraçarão.

Falar de justiça e paz exige hoje lucidez! A justiça e a paz são questões de Deus em nosso tempo.

¹¹⁶ SOBRINO, Jon. **Fora dos pobres não há salvação – pequenos ensaios utópico-proféticos**. São Paulo: Paulinas, 2008, p.163.

Patativa do Assaré dirá em um mote¹¹⁷: *Só desgraça traz a guerra, defendamos, pois, a paz.* E continuará nas glosas:

A paz é um bem comum
Que nos enche de prazer,
Deve sempre florescer
No peito de cada um;
Da guerra o triste zum-zum
É obra de Satanaz,
O vil inimigo audaz
Tudo destrói, tudo aterra,
Só desgraça traz a guerra,
Defendamos, pois, a paz.

A paz é a salvação,
A vida e a felicidade,
A guerra é a barbaridade,
O luto, a dor, a aflição,
A miséria e a traição,
Com seu instinto mordaz;
Portanto, a todos apraz
Implantar a paz na terra,
Só desgraça traz a guerra,
Defendamos, pois, a paz.

No poema *Injustiça*¹¹⁸, Patativa do Assaré irá dizer:

Em nome daqueles que vivem sem terra
E não querem guerra
Procuram a paz,
A igreja reclama amor e piedade
E a fraternidade
Que o gozo traz.

Queremos a paz que tanto ensinava
Que tanto pregava
Jesus nosso Rei,
Direitos humanos, o grau de igualdade
E a voz da verdade
Em nome da lei.

A justiça de Deus aparece na história da humanidade como a defesa dos pobres. O significado desse conceito é totalmente determinado pelo caráter salvador de Deus.

Andrés Torres Queiruga¹¹⁹ afirma:

¹¹⁷ ASSARÉ, Patativa do. **Inspiração Nordestina**. São Paulo: Hedra, 2003, p. 254-255.

¹¹⁸ ASSARÉ, Patativa do. **Ispinho e Fulô**. São Paulo: Hedra, 2005, p. 153.

¹¹⁹ QUEIRUGA, Andrés Torres. **Do terror de Isaac ao abbá de Jesus** – por uma nova imagem de Deus. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 271.

A justiça de Iahweh não é neutra: olha sempre para baixo, tem caráter de proteção e de defesa para o inocente injustamente tratado. Educado por sua experiência histórica, o espírito religiosos de Israel compreendeu que a presença de Deus na sociedade dos homens supunha necessariamente de um impulso salvador para todo necessitado. Salvador até diante da própria justiça humana, porque o mais das vezes “a justiça legal transforma-se também na institucionalização da injustiça exercida pelo mais poderoso, pelo mais forte”.

[...] A justiça é *a salvação, a libertação*, a salvação daquele que está em perigo, a libertação daquele que é escravizado. [...] No AT, jamais se fala de justiça no sentido de castigo ou de condenação; fazer justiça a alguém é salvá-lo ou declará-lo justo; a justiça é sempre um bem salvífico.

Arthur Francisco Juliatti dos Santos¹²⁰ afirma que o significado de justiça é definido pelo fato de ser em tudo justiça de Deus, isto é, justiça que é própria de Deus, que ele dá e que deve subsistir em sua presença. Na linguagem atual se opõe ao perdão; entende-se que se fez justiça, normalmente, quando o culpado recebe o castigo; também a ideia de que Deus é misericórdia nos seus feitos salvíficos. Justiça e salvação tornam-se conceitos correlatos. Algumas vezes, especialmente, no sentido de restauração é paralela à paz. Portanto, a justiça divina não é distribuição equânime de benefícios; Deus é justo porque protege seu povo fraco, inocente, vítima de adversários ímpios e age assim por sua fidelidade à Aliança. Da justiça divina procedem a vontade e o amor de Deus. A justiça como graça e misericórdia, deve inspirar o agir humano, pois ele é chamado a administrar a justiça de Deus que deve permear todas as dimensões da sua existência. Por isso se proclama que o justo é íntegro diante de Deus e da sociedade.

O Dicionário do Concílio Vaticano II¹²¹ define que a justiça é um princípio integrador de toda a humanidade, no único plano de Deus.

Para Francisco de Aquino Júnior¹²² a paz é fruto da justiça. Crer na paz e trabalhar pela justiça, é um caminho viável, necessário e urgente. Não é possível colocar a confiança em métodos violentos, sendo seres humanos honrados ou verdadeiros cristãos. Trabalhar pela paz é trabalhar pela justiça. É necessário estabelecer a justiça social. A construção da justiça é o imperativo maior e o mais fundamental. Repudiar o fanatismo e a violência, pois ambos

¹²⁰ SANTOS, Arthur Francisco Juliatti dos. **Justiça: raízes bíblicas e consequências teológico-pastorais**. Revista de Cultura Teológica, São Paulo, n. 69, p. 23-33, jan./mar. 2010.

¹²¹ HORTAL, Jesus. Justiça/Injustiça. In: DICIONÁRIO DO CONCÍLIO VATICANO II. São Paulo: Paulinas / Paulus, 2015, p. 507-510.

¹²² AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **A dimensão socioestrutural do reinado de Deus** – escritos de teologia social. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 139-140.

inviabilizam a construção da paz. Usar todos os meios pacíficos e ensinar a lutar contra as violências pela construção da verdadeira paz no mundo.

Patativa do Assaré, com a sua poesia e atuando politicamente no meio em que vivia foi a voz daqueles que não tinham voz, portanto desta maneira, pode testemunhar, assim como Jesus de Nazaré, a mesma predileção pelos pobres e pelos sofrendores:

Eu sempre pensei assim;
Deus com a sua ciência
não permite o que é ruim
é justo por incelença.
Se iziste luta e mais luta
é fruto da má conduta
a divina Majestade
nunca quis briga na terra
o assassinato e a guerra
é obra da humanidade¹²³.

2.3.2 Anúncio, denúncia e defesa da vida.

O anúncio e a denúncia, a defesa constante da vida são características marcantes na poesia de Patativa do Assaré. Seu posicionamento político em relação à vida do povo nordestino não deixa dúvidas do papel que exercia na sociedade.

Vários são os significados para a palavra profeta. Aqui, serão atribuídos ao poeta de Assaré aqueles que mais se aproximam de sua visão de mundo, de povo, de Igreja e de compromisso social. Tais significados estão intimamente ligados ao seguimento de Jesus de Nazaré, afinal ele próprio viveu dentro da história dos seres humanos, e ocupou por assim dizer, seu lugar determinado.

O Segundo Testamento¹²⁴ nos diz que os grandes profetas foram Moisés, Elias João Batista e, sobretudo Jesus de Nazaré. Jesus, sendo a Palavra em pessoa, realiza em si mesmo, em sua vida, atitudes, gestos e pregação, a plenitude da profecia. Sua existência histórica, sua morte e ressurreição devem ser entendidas não só como cumprimento das profecias, como testemunho permanente do mistério de Deus, como anúncio de seu desígnio de amor, como convite à conversão, como luz que revela o segredo de toda a história e de cada momento. O profeta é um intermediário entre Deus e o seu povo, um enviado de Deus ao povo e representante do povo junto a Deus. Os profetas são os que corrigem e exortam o povo de

¹²³ ASSARÉ, Patativa do. **Cordéis e Outros Poemas**. Fortaleza: Editora UFC, 2008, p. 83.

¹²⁴ BÍBLIA: TEB - Tradução Ecumênica da Bíblia. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

Deus, denunciavam os erros, os pecados e mostram os caminhos do Evangelho e da conversão, não somente por sua palavra, mas sobretudo, por sua vida.

A respeito de Jesus profeta, José Comblin¹²⁵ diz:

Jesus tinha consciência de ser um profeta. Entendeu sua missão dentro das categorias da religião de Israel e identificou-se com os profetas. Entre ele e os profetas do Antigo Testamento, embora havendo diferenças, as semelhanças eram tão grandes que ele atribuiu a si próprio o título de profeta – do mesmo modo que lhe foi atribuído também pelo povo.

[...] Jesus era profeta. Como profeta podia ser reconhecido e identificado pelo seu povo. Sem essa identificação, ele não teria sido nada.

Jesus estava em continuidade com os profetas de Israel. Não somente era um profeta semelhante a eles, mas realizou o modelo – o exemplo perfeito de profeta. Desse modo os profetas da antiga Lei foram vistos como precursores, como preparações do papel profético de Jesus. Nessa condição, Jesus inaugurou um novo jeito de ser profeta – que passa a ser modelo desde então e que perdura até hoje. Jesus está no centro da história do profetismo. Ninguém foi igual a ele, mas todos se referiram ou se referirão a ele como profeta.

[...] A missão de Jesus não era política, no sentido de que não queria restaurar a antiga teocracia que havia em Israel antes do exílio. Mas era política, no sentido moderno da palavra, porque questionava toda a estrutura da sociedade. Hoje o problema político fundamental não é a guerra e sim a estrutura da sociedade. Hoje, o profeta é político no sentido de Jesus: critica os governantes que querem manter as estruturas estabelecidas que são injustas.

O povo identificou Jesus como profeta, porque suas manifestações eram as de um profeta. Os evangelistas, ao escreverem entre 40 e 50 anos depois da morte de Jesus, sabiam e proclamaram que Jesus era mais do que um profeta, pois depois da ressurreição aconteceu todo um processo de reinterpretação de Jesus pela fé dos discípulos e discípulas.

Mas, durante a sua vida terrestre, Jesus ficou conhecido como profeta. Os evangelhos sugerem que sim, em primeiro lugar, por causa dos milagres – nos quais se manifestam os sinais da presença ativa de Deus. Jesus foi sobretudo identificado com os profetas Elias e Eliseu. Em verdade, os profetas escritores não deixaram a memória de grandes milagres. Elias, porém, era muito popular em Israel nos tempos de Jesus e os evangelhos lhe atribuem um grande valor.

Um segundo elemento que assemelha Jesus aos profetas é a perseguição.

Jesus identifica-se com eles porque foi perseguido como eles.

Jesus coloca-se na categoria dos profetas pelas perseguições sofridas.

Jesus, como profeta, anuncia, denuncia e ameaça.

¹²⁵ COMBLIN, José. **A Profecia na Igreja**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2009, p. 52-58.

Jesus não faz uma oposição direta às autoridades civis ou militares, ao imperador, ao procurador ou ao exército romano. No tempo de Jesus, o imperador estava longe e não havia recebido nenhum mandato para conduzir o povo de Deus, como os antigos reis de Israel. Porém, a proclamação da chegada do reino de Deus não podia não ser entendida como uma crítica radical do reino de César. Jesus foi denunciado ao procurador romano como um perigoso subversivo e foi condenado à morte pelo procurador romano. Pôncio Pilatos, ao condená-lo, não podia deixar de descobrir em Jesus um perigo para a segurança do Império Romano. O novo sempre causa temor e tremor.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil¹²⁶, em uma conceituação mais ampla, definirá que os profetas são todos aqueles por meio dos quais a revelação de Deus foi comunicada na história da salvação. Os profetas viveram uma profunda experiência de Deus, origem de sua vocação, a partir da qual, iluminados pelo Espírito, interpretavam os acontecimentos e proclamavam os juízos de Deus sobre eles, revelando as intenções divinas sobre a história, denunciando os pecados e infidelidades do povo e de seus dirigentes, chamando à conversão e apontando os caminhos a serem percorridos na fidelidade aos desígnios divinos. São pessoas tomadas pela Palavra.

José Comblin¹²⁷ afirma que:

O profeta transmite as palavras de Deus, que são palavras com autoridade e força para destruir o pecado do povo, o pecado de sua infidelidade e traição à sua missão, para enfrentar os falsos profetas, os falsos pastores que são os chefes do povo. Os profetas são a “consciência viva do povo”, a presença do juízo de Deus condenando os falsos pastores que enganam o povo e o afastam de sua vocação.

[...] O profeta é a pessoa que se responsabiliza pelo povo, que se identifica com o povo real e autêntico. [...] Ao mesmo tempo se identifica com seu povo e é rejeitado por ele.

[...] O profeta é a pessoa que se aproxima de Deus e conhece seus segredos na medida em que um homem pode conhecê-los. Ele se aproxima de Deus em nome de seu povo e Deus o chama para conhecê-lo em nome de seu povo.

No vocabulário de notas temáticas da Bíblia do Peregrino¹²⁸ encontra-se a seguinte definição:

¹²⁶ CNBB. **Evangelização e missão profética da Igreja** – novos desafios. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 22-24.

¹²⁷ COMBLIN, José. **Jesus Cristo e sua missão** – breve curso de Teologia – tomo I. São Paulo: Edições Paulinas, 1983, p. 48.

¹²⁸ BÍBLIA: Bíblia do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2002, p. 3037.

O profeta é um homem de Deus, um homem do espírito, um homem da palavra. Confidente e mensageiro de Deus, capacitado e inspirado pelo espírito para a sal missão de proclamar a palavra de Deus. Escolhido, nomeado e enviado por Deus, deve transmitir apenas a mensagem de Deus dando-lhe sua forma e estilo próprios. É também intercessor em favor do povo; sentinela que lança o brado de alarme, fiscal que denuncia, defensor de inocentes. Por possuir esse nome, está fora da pura instituição, enfrenta sacerdotes e reis, é testemunha e agente da soberania de Deus acima das instituições que Deus mesmo criou ou consagrou.

2.3.3 Agente do sagrado.

A profecia é fenômeno social, é uma atividade exercida entre pessoas dentro de sociedade específica e que se conforma com as normas sociais vigentes entre as pessoas.

R. E. Clements¹²⁹ afirma que o status social dos profetas seria, portanto, determinado pelas instituições e valores sociais de suas comunidades, e a análise propriamente social da profecia seria indagação acerca das estruturas e dos valores.

Quando se dá a figuras contemporâneas o título de profeta, a comparação com os profetas bíblicos é inevitável. Tal comparação na maioria das vezes é evitada, pois existe o perigo de distorcer a compreensão das figuras contemporâneas, forçando-as a entrarem nos moldes bíblicos clássicos.

Robert R. Wilson¹³⁰ diz que a palavra portuguesa “profeta” é ambígua, até quando é considerada em vista do seu pano de fundo bíblico, e que deveria se evitar aplicá-la a especialistas religiosos modernos.

O tema é muito apreciado e instigante, pois se vivem dias em que há sede de transcendência, e as pessoas buscam o contato com o sagrado. Está em movimento a busca de significado que remeta à dimensão espiritual, aqui e agora.

O profeta é o representante de Deus perante os seres humanos, é o mensageiro; é o embaixador de Deus, portador da palavra divina, traz os alertas, as exortações, o conforto e aponta a direção de Deus para o povo. A característica do profeta é que ele é a “voz que clama no deserto”, uma voz de destaque, que denuncia, anuncia e sobretudo, ameaça.

O século XX também teve grandes profetas e profetisas. É incontável o número de pessoas que respondem ao apelo profético. Elas encarnam os ideais de liberdade e justiça, tornando-se porta-vozes de multidões silenciadas à força, alto-falantes de Deus. Indivíduos,

¹²⁹ CLEMENTS, R. E. **O mundo do Antigo Israel** – perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas. São Paulo: Paulus, 1995, p. 200.

¹³⁰ WILSON, Robert R. **Profecia e Sociedade no Antigo Israel**. São Paulo: Edições Paulinas, 1993, p. 26.

grupos e até povos e nações inteiras erguem a voz clamando, porque a situação é insuportável. É muito atual o pedido de Dom Helder Camara¹³¹: “Não deixe cair a profecia!”.

Pedro L. Vasconcellos e Valmor da Silva¹³² constataam:

Inúmeras vezes, lamentavelmente, faz falta o grito profético, a indignação, o protesto. É quando impera a ignorância, o roubo, a exploração, o privilégio das minorias, a manipulação política, enfim, o interminável rosário de dificuldades e amarguras. Não está emperrado o esquema de nossa sociedade desigual? E as propostas de globalização, já cobraram o preço de quantas vidas? Quantas situações de morte já não foram justificadas por ridículas caricaturas de Deus?

É preciso abrir espaço para a profecia, o sonho, a poesia, a criatividade, o futuro, a magia que encanta, a arte que transforma.

O termo profeta já foi definido como crítico religioso da realidade. É pessoa crítica porque não se conforma com o erro, a injustiça e a opressão. Sua crítica é religiosa porque se expressa em nome da transcendência, de Deus. É crítica religiosa da realidade pois se destina a seres humanos precisos, em determinado momento histórico bem concreto.

Está no coração da profecia, portanto, o seu caráter denunciatório.

Luis Mosconi¹³³ apresenta um retrato resumido dos profetas:

Os profetas não foram mestres de moral ou de doutrinas, não foram pessoas de gabinete, desligados do cotidiano da vida do povo. Não foram devotos de um Deus distante e fiscal. Não foram profissionais do sagrado, nem funcionários do culto ou executores de ritos religiosos. Não foram sacerdotes do templo nem tampouco sábios da corte.

[...] Os profetas, todos eles, com surpreendente coragem e clareza, denunciavam e desmascaravam as falsas imagens de Deus, construídas pelo orgulho e pela ganância de pessoas e grupos, sobretudo das elites dominantes. A esse andar atrás de imagens distorcidas de Deus eles chamavam idolatria.

[...] Os profetas sempre foram portadores e mensageiros dessa memória fantástica, apontando caminhos de atualização dentro dos novos contextos sociais em que se encontravam.

[...] Em nome de Deus é que os profetas se dedicaram, decididamente, às lutas em favor da vida, ao lado dos empobrecidos. Eles não foram ingênuos que se deixaram usar. Possuíam uma compreensão crítica da realidade socioeconômica, política e religiosa do tempo e do lugar em que viveram.

[...] Foram pessoas livres: diante dos opressores e dos homens dos palácios; diante do templo e dos sacerdotes que pregavam uma religião vazia; diante do povo e de seus próprios contrários, que tinham vendido suas consciências. Essa vivência da liberdade, fruto da intimidade profunda com Javé, tornou-os pessoas corajosas, criativas, dinâmicas, abertas.

¹³¹ BARROS, Marcelo. **Dom Helder Câmara – profeta para os nossos dias**. São Paulo: Paulus, 2011, p. 20.

¹³² VASCONCELLOS, Pedro. L. SILVA, Valmor da. **Caminhos da Bíblia** – uma história do povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 119-120.

¹³³ MOSCONI, Luis. **Profetas da Bíblia e nós, hoje**. 4.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011, p. 141-144.

[...] O berço da profecia não foi o templo, mas as praças, as ruas, os mercados, as roças, as vilas do interior; enfim, os locais em que vivia o povo sofrido e machucado.

[...] Os profetas não surgiram por acaso ou por geração espontânea. Apareceram em épocas de conflitos e crises sociais, econômicos e religiosos. Não encobriram essas crises, conflitos, tampouco fugiram. Situar-se dentro deles, desvendando-os e até acirrando-os, para cada um se definir. Por causa disso sofreram na própria pele duras consequências. Foram incompreendidos, caluniados, ameaçados e perseguidos.

Patativa do Assaré, nos poemas em que denuncia as mazelas sofridas por sua gente, se torna o porta-voz do povo daquele lugar, alcançando assim todos os setores da sociedade. Mergulhando na problemática social exerce sua visão peculiar e histórica, conseguindo fazer uma análise de conjuntura, inspirando-se no passado, com os pés na realidade atual e com os olhos voltados para o futuro, entende que a história é a mestra da vida, e ele se faz sujeito da história, ali onde vive o seu povo, assim faziam os profetas. Frente aos desmandos, às manipulações dos poderosos, de uma religião sem vida, portanto sem justiça social, Patativa não se cala e sua denúncia atingirá os mais diversos campos da vida do povo, tais como a economia, a exploração, a terra e o latifúndio, a corrupção política, os julgamentos, a violência e o sangue derramado.

A ideia que fez de justiça social, ainda hoje, está muito longe de um simples populismo ou pieguice. Patativa do Assaré sabia muito bem a medida exata do atendimento as necessidades de todos.

A pedido de Dom Helder Camara, denunciou a morte pelo regime militar brasileiro do padre Henrique, no Recife.

No poema *O Padre Henrique e o Dragão da Maldade*¹³⁴ demonstra sua veia profética:

[...] E, por falar de injustiça
Traidora da boa sorte
Eu conto ao leitor um fato
De uma bárbara morte
Que se deu em Pernambuco
Famoso Leão do Norte

[...] O padre Antonio Henrique
Muito jovem e inteligente
A 27 de maio
Foi morto barbaramente,
No ano 69
Da nossa era presente

¹³⁴ ASSARÉ, Patativa do. **Patativa do Assaré uma voz do Nordeste**. 3.ed. São Paulo: Hedra, 2011, p. 74-88.

[...] Surgiu contra padre Henrique
 Uma fúria desmedida
 Ameaçando a Igreja
 Porque estava decidida
 Conscientizando os jovens
 Sobre os problemas da vida

[...] Veja meu caro leitor,
 A maldade o quanto é:
 O padre Henrique ensinava
 Cheio de esperança e fé,
 Aquelas mesmas verdades
 De Jesus de Nazaré

E foi por esse motivo
 Que surgiu a reação,
 Foi o instinto infernal
 Com a fúria do dragão,
 Que matou o nosso guia
 De maior estimação

[...] Pensando no triste caso
 Entristeço e me comovo,
 O que muitos já disseram
 Eu disse e digo de novo
 O padre Henrique é um mártir
 Que morreu pelo seu povo

Prezado amigo leitor
 Esta dor é minha e sua
 De ver morrer padre Henrique
 De morte tirana e crua
 Porém a Igreja dos pobres
 Sua luta continua

Profecia não é adivinhação, previsão do futuro, mas tem os pés bem fincados na vida, faz ver o mundo com os olhos dos oprimidos, dos lascados, dos humilhados, dos que sofrem; ajuda a pensar alternativas.

Gilmar de Carvalho¹³⁵ diz que Patativa do Assaré tinha consciência da força de suas palavras como instrumento de denúncia e combate, sem perder o que se chama de cortesia sertaneja (conjunto de regras que traduz uma visão de mundo e uma atitude de quem se emociona diante da própria produção, enquanto condição para o poema ganhar vida e interferir no mundo).

Luiz Tadeu Feitosa¹³⁶ diz que Patativa do Assaré sempre buscou uma vida coerente com os seus princípios cristãos. Usou sua poesia como meio de difusão da justiça e da

¹³⁵ CARVALHO, Gilmar de. **Patativa do Assaré**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p. 80.

¹³⁶ FEITOSA, Luiz Tadeu. **Patativa do Assaré – a trajetória de um canto**. São Paulo: Escrituras, 2003, p. 288.

verdade, pautou sua vida pela honestidade, honradez e amizade. Defendeu a boa educação e a transparência dos atos e pensamentos. Sofreu e angustiou-se em muitos momentos da vida, para se manter coerente com as opções que fez para ela.

Observando a vida e o estilo de Jesus de Nazaré, confirma-se o seu jeito de profeta. Ele usa uma linguagem simples e compreensível a todos, por meio de parábolas; preocupa-se com os problemas cotidianos do seu povo e enfrenta com coragem as raízes desses problemas. Ele é sempre um homem de Deus, atuando pelo Espírito que o ungiu, consagrou e enviou, transmitindo a mensagem divina com autoridade e liberdade. É profeta pois analisa a conjuntura concreta do seu tempo, envolvendo-se com os problemas de sua época, procurando interpretar o que estava apontando no horizonte da história, inaugurando com seus atos uma nova ordem social, fazendo valer a utopia hodierna de um outro novo mundo possível.

Gilmar de Carvalho¹³⁷ a esse respeito diz:

Utopia para Patativa é admitir o sonho e trabalhar numa interferência do real que necessita de uma transformação em todos os níveis.

Sua utopia não é escapista, não abre as portas para uma dimensão que não seja a humana, vivenciada em toda sua dramaticidade.

O que ele pleiteia é a importância da participação, a ruptura com o imobilismo e a instauração de uma nova ordem.

[...] A utopia da abundância se justifica no Nordeste como se justificava na Idade Média: pela ameaça da fome. Quem vivenciou um trabalho no campo até os 70 anos, sujeito a todas as adversidades climáticas e à falta de continuidade das políticas públicas nesse sentido, sabe do que Patativa fala.

A abundância em Patativa é contida e não hiperbólica. A perspectiva de que todos tenham acesso à dignidade e à subsistência é um tema recorrente em sua produção. Porém, ao invés de trabalhar com um símbolo que se inverte, ele constrói na direção de uma denúncia da estrutura perversa que sustenta um mundo desigual.

A abundância para Patativa não é o exagero, mas aquilo de que se necessita a cada dia. Por contiguidade ao paraíso e com a mesma dicção solidária de sempre, essa abundância tem o limite da dignidade e não do excesso, numa poética muito mais apolínea que dionisíaca.

A abundância, nesse caso, poderia ser a regularidade. De nada adiantaria a festa seguida da escassez. A utopia da abundância pode ser compreendida como a utopia da constância.

A utopia milenarista de um tempo de justiça, paz e suspensão da dor povoou o imaginário de muitos povos, com gradações e variações que se adequavam a cada cultura.

[...] Nesse sentido de justiça, a poética de Patativa se ressalta, ele como arauto de um novo tempo, que é nirvana e comunismo, utopia e sonho.

[...] O milênio de Patativa seria a refuncionalização de um social em que prevalecem privilégios. Nessa perspectiva, ele poetiza o mundo, enfatizando uma nova ética a partir de uma estética caleidoscópica que recorre a fragmentos da tradição oral, a ecos do romantismo com sua valorização da

¹³⁷ SANTANA, Tiago. CARVALHO, Gilmar de. **Patativa do Assaré – o sertão dentro de mim**. São Paulo: Edições SESC-SP, 2010, p. 105-106.

natureza e liberdade e um componente telúrico, em que as referências da terra impregnam uma poesia que é revolução e paz, bucólica e condoreira. Uma poesia feita de música e de imagens, de gritos e silêncios.

Patativa do Assaré usava sua poesia para também sintonizar seus leitores e interlocutores nas questões políticas do país, nos males que afligiam (afligem) o seu povo. Seus poemas são carregados de delicadeza, de rudeza, de sofisticação, porém, são também como foice afiada, abrindo fendas na política de sua região e a nível nacional. Enquanto agente do sagrado, um profeta, defendeu os agricultores e a reforma agrária. Sua poesia contribuiu também para as mudanças no Brasil dos últimos 50 anos.

Em depoimento a Rosemberg Cariry¹³⁸, Patativa irá dizer:

Eu sou um caboclo roceiro que, como poeta, canto sempre a vida do povo. O meu problema é cantar a vida do povo, o sofrimento do meu Nordeste, principalmente daqueles que não têm terra. [...] E é isso que eu mais sinto: é ver um homem que tanto trabalha, pai de família e não possui um palmo de terra. É por isso que é preciso que haja um meio da reforma agrária chegar, uma reforma agrária que chegue para o povo que não tem terra. Por isso eu digo neste meu soneto “Reforma Agrária”:

Pobre agregado, força de gigante,
escuta, amigo, o que te digo agora.
Depois da treva vem a linda aurora
e a tua estrela surgirá brilhante.

Pensando em ti eu vivo a todo instante
minh'alma triste, desolada chora
quando eu te vejo pelo mundo afora
vagando incerto qual judeu errante.

Para saíres da fatal fadiga
do invisível jugo que cruel te obriga
a padecer a situação precária,

lutaí altivo, corajoso e esperto
pois só verás o teu país liberto
se conseguires a reforma agrária.

Seguindo esta postura profética de Patativa do Assaré e acreditando num futuro melhor, Jesus Rocha¹³⁹, escreverá no final de seu livro uma mensagem ao nordestino sofrido:

Um dia quem sabe, teremos um nordeste diferente, livre da miséria, da pobreza, da injustiça social. Onde reine a felicidade e o amor. Onde as barrigas cheias de vermes encham-se de comida, onde os peitos cheios de

¹³⁸ ASSARÉ, Patativa do. **Ispinho e Fulô**. São Paulo: Hedra, 2005, p. 17-18.

¹³⁹ ROCHA, Jesus. **Filosofando com Patativa**. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991, p. 29.

catarro encham-se de esperança, onde as cabeças repletas de alienação por forças das explorações encham-se de ideias brilhantes. Aí seremos realmente “pessoas”. Talvez nem Patativa do Assaré e nem eu estejamos vivos para ver tal coisa. Porém, deixo um pedido a todos os nordestinos para que lutem por um lugar justo, um Nordeste para todos.

O pai de famia honrado,
A quem tô me referindo,
É Deus nosso pai amado,
Que lá do céu tá uvindo,
O Deus justo que não erra,
E que pra nós fez a terra,
Este praneta comum;
Pois a terra com certeza
É obra da natureza
Que pertence a cada um.

Patativa do Assaré, por causa da experiência do encontro com Jesus de Nazaré, por inspiração divina, é considerado um agente do sagrado, pois utiliza a poesia enquanto instrumento de libertação integral, poesia como dom de Deus, como profecia. Por causa do seu compromisso com os que nada possuem, com os excluídos, com os marginalizados, com os famintos, com a reforma agrária, pode ser colocado e lembrado como um representante da Opção pelos Pobres, mesmo que seu vínculo com a Teologia da Libertação não seja de forma direta, sua poesia é utilizada para que a libertação aconteça.

CAPÍTULO III: PATATIVA DO ASSARÉ – REPRESENTANTE DA OPÇÃO PELOS POBRES?

3.1 A refundação de uma utopia: Opção pelos Pobres.

“Você sabe que eu sou um poeta social, um poeta que fala pelo povo...”¹⁴⁰.

Desde que lançou o seu primeiro livro, *Inspiração Nordestina*, em 1956, Patativa do Assaré tomou a livre iniciativa de ser um poeta social, de estar sempre ao lado do povo, denunciando as mazelas e arbitrariedades cometidas ao povo cearense e nordestino. Com sua poesia sendo divulgada por todo o Brasil, se colocou também do lado de todos os brasileiros. A opção pelos pobres, assumida pelo poeta, ficou evidente em todos os seus livros e nas entrevistas que deu ao longo de sua vida. Bem antes da macabra ditadura militar se instalar e durante o período desta, Patativa do Assaré se manteve fiel a seus princípios, denunciando com bravura ou estética evangélica os males provocados pelo regime militar. Em períodos de intensa repressão, e todos os tipos de violência contra as pessoas de um determinado lugar, poucas vozes possuíram a coragem necessária para se levantarem e ameaçarem a ideologia opressora. Patativa do Assaré foi uma dessas vozes. Daí nasce a pergunta: Patativa do Assaré, portanto, é um representante da opção pelos pobres?

Gilmar de Carvalho¹⁴¹ a esse respeito comenta:

O golpe de Estado encontrou um Patativa afiado em sua consciência social e crítico da ruptura institucional promovida pela aliança dos militares com as forças conservadoras. Opositorista por coerência, ele não poupou o cearense Humberto de Alencar Castelo Branco, primeiro presidente do período autoritário: “Com atenção eu apelo / Para o supremo juiz / Por causa de um só Castelo / Nunca mais castelos fiz” e concluía: “Me prometeu um tesouro / Todo lindo, todo franco / E em vez de um castelo de ouro / Me deu um castelo branco”.

[...] Patativa participou ainda da luta pela anistia aos presos e exilados políticos, com a “Lição do Pinto”, ao mesmo tempo metafórica e didática: “O pinto dentro do ovo / Aspirando um mundo novo / Não deixa de beliscar / Bate o bico tico tico / Bate o bico, Bate o bico / Pra poder se libertar”. Subiu aos palanques com as principais lideranças oposicionistas brasileiras e emocionou multidões, ao mesmo tempo de ter seu clássico *Cante lá que eu canto cá* publicado pela Vozes, em 1978.

[...] Com uma sabedoria de vida e uma visão crítica do mundo, que o transformaram em um símbolo apropriado pelas esquerdas, que viam nele o poeta da resistência e, pela direita, que exaltava sua autenticidade, na

¹⁴⁰ CARVALHO, Gilmar de. **Cem Patativa**. Fortaleza: Omni Editora, 2010, p. 31.

¹⁴¹ Ibidem, p. 31-34.

valorização do tradicional, do genuíno e da raiz, Patativa pairava acima dessas querelas, não por arrogância, mas pela importância de seu cantar ser maior que os rótulos a ele atribuídos.

Modesto, ele continuou o mesmo poeta roceiro, o que não o impediu de estar sintonizado com as transformações sociais e de reclamar por uma reforma agrária, por um ideal de justiça e denunciar as mazelas, sem que sua poesia se transformasse em um manifesto ou perdesse sua qualidade estética.

[...] Foi esse Patativa que também se envolveu na luta pelas Diretas-Já, fazendo a avaliação dos 20 anos de arbítrio: “Neste espaço dos vinte anos / Que a gente entrou pelo cano / A confusão é completa / Mode a coisa miorá / Nós vamos bradá e gritá / Pelas inleição direta”.

[...] Vale ressaltar ainda uma série de poemas com reflexões políticas num sentido mais amplo. Assim, falou das mídias (xingou a televisão no poema “*Presente desagradave*”), dos meninos em situação de rua, do progresso como elemento de dissolução de formas de sociabilidade (da lida nas casas de farinha, dos engenhos de ferro, da desativação da linha férrea) e do MST como o grande movimento social organizado do país.

Maria Ferreira dos Santos¹⁴² dirá que:

A poesia de Patativa mostra todo o sustentáculo da geografia física e humana do seu povo, revelando um realismo cruel e danificado, num estado da mais profunda miséria e pobreza de total degradação social dos nordestinos, tão esquecidos e marginalizados pelas classes sociais dominantes. Contudo Patativa apresenta o camponês como um bravo e forte capaz de enfrentar este mundo de sofrimento e de horror de cabeça erguida como a voz de Patativa que não cala diante de tanta amargura e tanto sofrer dos nordestinos, tão atingidos pelas secas e, tão explorados pelos latifundiários.

No poema *O Agregado*¹⁴³, denuncia o modo de vida do povo em toda a sua escala social:

Quem véve no luxo, somente gozando,
Dinheiro gastando sem mágoa e sem dô,
Não sabe, nem pensa e tombém não conhece
O quanto padece quem mora a favô.

Meu Deus! Como é duro se uvi o lamento,
O grande trumento do triste agregado!
Osente das coisa mais boa da vida,
De rôpa rompida, sem cobre, coitado!

[...] Não crê nas promessa do rico pulento,
No seu sofrimento só pensa em Jesus,
Rogando e pedindo pra tê piedade,
Levando a metade do peso da cruz.

¹⁴² SANTOS, Maria Ferreira dos. **Aspectos Sociológicos na Poesia de Patativa do Assaré e o Drama da Triste Partida**. Crato: A Província Edições, 1993, p.47.

¹⁴³ ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu Canto cá – filosofia de um trovador nordestino**. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 339-340.

A preocupação com sua gente revela que Patativa do Assaré tinha um profundo compromisso social, capaz de apontar um caminho utópico ao mesmo tempo real, onde não há fugas, há o confronto, sem perder a sensibilidade, impregnada de imagens e músicas, suas, dos outros, do povo, do sertão.

Não há dúvida que a trajetória de vida do poeta do Assaré está lado a lado com longa história da libertação do Povo de Deus da América Latina e Caribe. Mesmo desconhecendo o fato de que, a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II, a caminhada da Igreja Católica Apostólica Romana se deu em direção à defesa da vida e da dignidade dos seres humanos, contra a pobreza, era inevitável: seus caminhos se cruzariam na opção pelos pobres!

3.1.1 Os pobres de Deus.

Teologicamente a opção pelos pobres aparece nos textos bíblicos¹⁴⁴ do Primeiro Testamento e do Segundo Testamento; espalhada por várias perícopes.

As perícopes que nos chamam a atenção aqui são as de Ex 3, 7-9 e Lc 4, 16-21¹⁴⁵.

Fica claro nas perícopes que o Deus do Israel bíblico e de Jesus de Nazaré é o Deus dos pobres, não é o deus do poder dominante! Não é possível conhecer a Deus negligenciando a dor alheia. Portanto, para se chegar a Deus é de suma importância ir ao encontro dos expurgados do sistema; esta é a condição de possibilidade para conhecer Deus. Onde está o pobre também está Deus. Deus está sempre presente na história do seu povo para salvá-lo. Ele é o Deus dos pobres que não tolera a opressão, que não tolera a injustiça.

Deus é revelado para um grupo social específico: os pobres.

A estrutura social do Israel antigo era a de uma sociedade teocrática e que tinha seu foco em Jerusalém, a Terra Santa onde estava o templo, e dependente economicamente de uma agricultura primitiva. Com poucos períodos de liberdade política foi escravizado pelo

¹⁴⁴ BÍBLIA: Nova Bíblia Pastoral. São Paulo: Paulus, 2015.

¹⁴⁵ Ex 3, 7-9: “Javé disse: ‘Estou vendo muito bem a aflição do meu povo que está no Egito. Ouvi seu clamor diante de seus opressores, pois tomei conhecimento de seus sofrimentos. Desci para libertá-lo do poder dos egípcios e fazê-lo subir dessa terra para uma terra fértil e espaçosa, terra onde correm leite e mel, o lugar dos cananeus, heteus, amorreus, ferezeus, heveus e jebuseus. O clamor dos filhos de Israel chegou até mim. Estou vendo a opressão com que os egípcios oprimem’”.

Lc 4, 16-21: “Jesus foi para Nazaré, onde tinha se criado. No sábado entrou na sinagoga, como era seu costume, e se levantou para fazer a leitura. Foi-lhe dado o livro do profeta Isaías. Abrindo o rolo, ele encontrou o lugar onde está escrito: ‘O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para anunciar a Boa Notícia aos pobres. Enviou-me para anunciar a libertação aos presos e a recuperação da vista aos cegos, para dar liberdade aos oprimidos, e para anunciar o ano da graça do Senhor’. Depois fechou o livro, o entregou ao ajudante e sentou-se. E todos os olhos na sinagoga estavam fixos nele. Jesus então começou a dizer-lhes: ‘Hoje se cumpriu essa passagem da Escritura que vocês acabaram de ouvir’”.

Egito, pela Assíria, pela Babilônia, pela Pérsia, pela Grécia e por Roma e só voltou a ser um Estado independente em 1948, passando todo o resto do século XX envolvido em guerras, construindo um arsenal nuclear, deixando inertes e omissas as grandes potências no século XXI.

A opção pelos pobres é uma expressão contemporânea, mas ela está no fundamento da Bíblia. A Bíblia parte da revelação de um Deus que opta por pessoas oprimidas: por seus iguais, por seus reis, pelos reis inimigos e mais poderosos. O Deus da Bíblia se revela pela primeira vez, como o Deus destes pobres específicos no livro do Êxodo: os camponeses e os trabalhadores das construções do Faraó do Egito. A opção do Deus da Bíblia é estrita: toma partido deles contra o opressor. No Êxodo, Deus se revela como defensor dos pobres¹⁴⁶:

Para entender a natureza da pobreza no antigo Mediterrâneo Oriental, precisamos nos deter na expressão “país do Egito, casa da servidão” do Decálogo. Casa da servidão (*heit abodim*) remete-nos ao sistema social que dominou o Egito, como também Caná, o Israel monárquico, a Síria e a Babilônia: *o Modo de Produção Tributário*. [...] Começando pelos últimos, “o povo do rei” era a base social que produzia os bens de consumo de todos. [...] Embora a posse das terras fosse da aldeia, o dono legal de todas as terras do Egito era o rei. A ele pertenciam também, por lei, os corpos de todos os camponeses do Egito. Nessas condições, antes que os produtos das terras e dos animais fossem usados para o consumo local, era preciso separar a renda do dono, o rei, que, era a quinta parte. [...] Para manter a fé do povo em benefício do sistema, eram necessários ritos suntuosos em templos igualmente suntuosos. Isto é, no modo de produção tributário, o templo e a religião são indispensáveis como sustentáculos da coroa. Quando se diz em Ex 20,2 que o Egito era “a casa da servidão”, isso é o que significa. E foi o Deus Iahweh que tirou esse Israel dessa servidão, reivindicando com esse fato salvífico a lealdade incondicional do seu povo.

Jorge Pixley¹⁴⁷ ainda menciona o fato de que os salmos ressaltam a importância que neles os pobres ocupam, pois são objetos da ação salvífica de Deus contra o rei opressor:

Sei que Iahweh ao pobre (“*ani*”) fará justiça (*mishpat*), pela causa dos pobres vela (*mishpat* “*evyonim*”).
 Sim, os justos (*tsadikim*) darão graças ao teu nome, os retos (*yesharim*) viverão em tua presença (Sl 140, 13-14). [...] Levanta-te, Iahweh, estende tua mão, ó Deus!
 Não te esqueça dos desventurados (“*anayim*”)!
 Porque desprezará a Deus o ímpio (“*rasha*”, ou melhor, “injusto”), dizendo em seu coração: Não virás averiguar.
 Quebra o braço do ímpio (injusto), do malvado;

¹⁴⁶ PIXLEY, Jorge. **O Deus libertador na Bíblia**: Teologia da libertação e filosofia processual. São Paulo: Paulus, 2011, p. 28-29.

¹⁴⁷ Ibidem., p.29.

averigua sua impiedade sem deixar rastro!
 Iahweh é rei para sempre, pelos séculos;
 os gentios (ou nações) foram varridos de sua terra!
 Escutas, Iahweh, o desejo dos humildes (*'anawim*) seu coração confortas,
 escutas com atenção, para fazer justiça ao órfão, ao humilhado:
 Cesse de causar terror o homem saído da terra! (Sl 10,12-18). [...] Derramaste para nós, ó Deus, uma copiosa chuva,
 tua grei encontrou uma morada, aquela que em tua bondade, ó Deus, ao desventurado (*'ani*) preparavas (Sl 68,10-11). [...] Inclina o ouvido, Iahweh, responde-me, que sou desventurado e pobre (*'any wa 'evyon*),
 guarda minha alma, porque eu te amo, salva teu servo que confia em ti (Sl 86,1-2).

É dada grande importância aos pobres nos Evangelhos, a começar por Jesus¹⁴⁸:

Jesus teve origem humilde, já que era filho de um carpinteiro-construtor de Nazaré. (Diz-se dele que foi *tékton*, palavra da qual vem nosso arquiteto. Seria um operário que trabalhava com madeira e com pedras na construção de casas, canzís, barcos, etc. Assim, denominá-lo carpinteiro é correto em parte, mas não indica o tipo de trabalho em madeira e com outros materiais que ele fazia. Ora, Nazaré era uma aldeia nas montanhas a poucos quilômetros da cidade de Séforis, que foi durante certo tempo, capital da província da Galileia, alternando com Tolemaida sobre o mar da Galileia. Devemos supor que grande parte do trabalho de um construtor de Nazaré era na cidade, à qual ele podia chegar a pé ou sobre uma besta. Isso leva a supor que Jesus era um homem do povo, pobre mas não miserável. Durante seu ministério, ele viveu no povoado de Cafarnaum sobre o mar da Galileia. Tinha ali uma casa, como é possível verificar em Mc 2,1. [...] É possível que fosse casa própria, por certo um lugar modesto para um trabalhador manual. Cafarnaum era um povoado de pescadores e teria trabalho para um construtor como ele. Concluimos que aquele que é declarado messias nos Evangelhos era de origem humilde e viveu uma vida sem pretensões.

Para entender e compreender a mensagem de Jesus de Nazaré basta apenas colocá-la no contexto em que viviam os pobres de sua época. Quem são estes pobres? São os economicamente fracos e sem posses de bens materiais. São os diaristas, aqueles trabalhadores não qualificados, bem numerosos cujas condições de vida eram na Palestina, mais precárias do que as dos escravos. São os pecadores. O conceito aqui deve ser entendido enquanto categoria social mais do que categoria ético-religiosa. São considerados pecadores todos aqueles que trabalhavam com transportes de mercadorias, lojistas, pastores, publicanos, ladrões e prostitutas. São os ignorantes, pois estes, devido a sua falta de cultura, não observavam as complicadas e numerosas leis judaicas. Por fim, acrescenta-se a esta lista os simples (*nepioi*), os pequenos (*mikroi*), os últimos (*eschatoi*), os pequeninos (*elachystoi*), as mulheres e os estrangeiros.

¹⁴⁸ Ibidem, p. 30-31.

Jesus de Nazaré via e sabia de todos estes seres humanos, irmãos e irmãos seus, e entendia que eles consideravam a condição em que viviam como algo fatal. Esta condição estava ligada diretamente a uma predisposição às enfermidades físicas e psíquicas, por causa da frustração, por causa da ansiedade e principalmente por causa do complexo de culpa em que estavam obrigados a viver. É compreensível a expectativa e o entusiasmo com que aguardavam a chegada do messias. Ele os tiraria daquela situação.

Antonio Manzatto¹⁴⁹ relembra que Deus está conosco! Eis a afirmação fundamental de nossa fé cristã. Para nós não há mais distância entre o sagrado e o profano, ou entre Deus e a história humana. Deus vem a nós em Jesus. A encarnação do Filho de Deus nos liga definitivamente a ele. Sua humanização nos introduz num dinamismo de divinização e, então a história está grávida do Verbo de Deus. O povo santo de Deus é composto de pobres. A partir deles Deus se manifesta.

Partir do povo porque, primeiramente, queremos fazer teologia que tenha um pé bem fincado no chão da vida e da história: que venha do povo e volte para o povo, passando naturalmente pela fonte viva da Palavra de Deus. Partir do povo também por razões teológicas. É o próprio Deus que chama e faz o povo ser povo, com memória, vida e sonho comuns. O povo é sujeito da revelação de Deus, o parceiro de seu amor. É por meio dele e com ele que Deus fala e age. Nesse sentido, o povo é uma porta de entrada para a teologia.

3.1.2 *Aggiornamento*: a Igreja dos Pobres.

Um ar fresco entrou na Igreja no século XX graças às janelas abertas por São João XXIII no Concílio Ecumênico Vaticano II, permitindo assim, que a mesma mudasse sua percepção sobre o mundo, sobre as novidades do contexto contemporâneo.

São João XXIII diria um mês antes da abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II, em 11 de setembro de 1962: *“Em face dos países subdesenvolvidos, a Igreja apresenta-se – tal qual é e quer ser – como a Igreja de todos e particularmente a Igreja dos pobres”*¹⁵⁰. Esta frase influenciaria a Igreja profundamente nos anos que se seguiriam ao Concílio Ecumênico Vaticano II. Era o desejo de muitos que a Igreja redescobrisse aquele que deveria ser um dos traços mais visíveis de sua face: ser a Igreja dos pobres.

¹⁴⁹ MANZATTO, Antonio. PASSOS, J. Décio. MONNERAT, José Flávio. **A Força dos Pequenos – Teologia do Espírito Santo**. São Paulo: Paulus, 2013, p. 9-10.

¹⁵⁰ JOÃO XXIII. **Nuntius Radiophonicus**. Roma: 11 set. 1962. Disponível em < <http://www.vatican.va>>. Acesso em 20 nov. 2015, p.1. *“Altro punto luminoso. In faccia ai paesi sottosviluppati la chiesa si presenta qual è, e vuol essere, come la chiesa di tutti, e particolarmente la chiesa dei poveri”*.

O Vaticano II foi o empreendimento de toda a Igreja voltada para a compreensão do evangelho em seu próprio momento histórico. Foi tradução do evangelho em ato, pois o Espírito Santo operou o consenso dos cristãos assumindo também as suas fraquezas, o seu amadurecimento frente aos problemas sociais e econômicos, colocando a Igreja novamente na fidelidade ao evangelho de Jesus de Nazaré. O Vaticano II não foi apenas um concílio de bispos, mas o que determinou o concílio foi a contribuição material e a substância dos debates nas aulas conciliares, e também do papel desempenhado pelos teólogos. No Vaticano II ficou visível até aos olhos menos aguçados, o reconhecimento do grande amadurecimento teológico e eclesial pós-modernista, evidenciado pelo fato de que figuras decisivas do mundo teológico, condenadas ou suspeitas antes do concílio, estiveram entre os atores mais incisivos na redação dos documentos conciliares. O Vaticano II foi Igreja em ato, porque teólogos e bispos puseram-se realmente à escuta do evangelho. Operou-se assim uma verdadeira conversão que se transformou numa capacidade de compreensão nova do próprio evangelho.

A assembleia conciliar não quis dirimir questões teóricas fortemente discutidas, centrando-se no aspecto pastoral e procurando a conciliação ecumênica. O Vaticano II foi o único concílio universal que não pretendeu definir algo dogmaticamente.

Infelizmente, aconteceu a interpretação oficial e continuísta que está aí até hoje, que começou com as inexplicáveis interferências do Papa Paulo VI impondo a famosa *nota praevia* e reservando para si temas como a regulação da natalidade ou o celibato obrigatório. Esse fato acarretou nos anos que se seguiram ao Vaticano II o deslocamento da Igreja como “Povo de Deus” para a da Igreja como *communio*. O esvaziamento da colegialidade episcopal e da autoridade das conferências episcopais reiterando o acento colocado no primado pontifício e no poder da Cúria Romana, que impõe sua autoridade em detrimento das Igrejas particulares e da sua legítima autonomia, se tornou mais intensa, com uma força inesperada, nos dois últimos papados anteriores a Francisco; a elevação do Código de Direito Canônico e do Catecismo da Igreja Católica enquanto norma e critério indiscutível até mesmo na teologia, constituindo instrumentos de imposição; o estremecimento das relações ecumênicas principalmente a partir da interpretação dada na *Dominus Iesus* ao “*subsistit in*” conflitando com o espírito do concílio na *Lumen Gentium*; a reintrodução da missa em latim segundo o missal de São Pio V; a perda do significado profundo da teologia e da eclesiologia da *Sacrosanctum Concilium*; um silencioso abandono do Vaticano II e de seu espírito na pastoral, no ensino da teologia, na liturgia e no empenho ecumênico e macroecumênico.

Segundo José Oscar Beozzo¹⁵¹, ao final da quarta sessão, um grupo de 40 bispos, em celebração discreta na Catacumba de Santa Domitila, na manhã do dia 16 de novembro de 1965, selou um compromisso com a pobreza e o serviço aos pobres, firmando o chamado *Pacto das Catacumbas: o pacto da Igreja servidora e pobre*. Esses 13 breves compromissos possuem as sementes da Conferência de Medellín (1968 – Colômbia) e de uma recepção corajosa, profética e comprometida do concílio, que seguiu dando frutos de vida por todo o continente americano. Esse compromisso recolheu a assinatura de mais de 500 padres conciliares até o final do Concílio Ecumênico Vaticano II. No dia 16 de novembro de 2015 fez 50 anos que o Pacto das Catacumbas foi firmado, assinado e vivido. É preciso reler este Pacto ver e perceber onde estão as catacumbas do século XXI! É preciso atualizar este Pacto e se comprometer uma vez mais com as causas dos Pobres nas causas do Reino. O Pacto das Catacumbas é o legado secreto do Vaticano II.

Sobre o grupo da Igreja dos Pobres, José Oscar Beozzo¹⁵² diz:

Propunham-se a “alimentar uma sensibilidade entre os membros do Concílio aos problemas da pobreza da Igreja e ao anúncio evangélico aos pobres. O grupo colaborou com suas reflexões e respaldou a corajosa intervenção do cardeal arcebispo de Bolonha, Giacomo Lercaro, quando se iniciou a discussão sobre o esquema da Igreja nos últimos dias da primeira sessão conciliar. Lercaro interveio na Aula Conciliar no dia 6 de dezembro de 1962. Disse que o Concílio necessitava de um princípio unificador e vivificador, e que esse devia consistir no reconhecimento de que “esta era a hora dos pobres, dos milhões de pobres que se encontram por toda a face da terra, esta é a hora do mistério da Igreja, mãe dos pobres, esta é a hora do Cristo, sobretudo no pobre”. Pedia que a problemática da pobreza fosse assumida como tema central e hegemônico do Concílio. Que não fosse um entre os muitos temas já enunciados, mas sim “o único tema de todo o Vaticano II”. Seu discurso foi longamente aplaudido pelos padres conciliares, mas depois escassamente acolhido nos documentos.

[...] Na verdade o grupo da Igreja dos Pobres teve profundo impacto espiritual, mas não logrou que o Concílio todo assumisse essa direção, nem que os textos conciliares no seu conjunto espelhassem suas preocupações, salvo em algumas passagens densas e luminosas, como o número 8 da Constituição dogmática sobre a Igreja, a *Lumen Gentium*¹⁵³.

¹⁵¹ BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 191.

¹⁵² BEOZZO, José Oscar. **Pacto das Catacumbas – por uma Igreja Servidora e Pobre**. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 11-14.

¹⁵³ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Lumen Gentium* – “*De Ecclesia*” – Constituição Dogmática do Concílio Ecumênico Vaticano II sobre a Igreja. 23.ed. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 16-17: “Do mesmo modo que Jesus Cristo consumou a redenção na pobreza e na perseguição, assim também, para poder comunicar aos homens os frutos da salvação, a Igreja é chamada a seguir o mesmo caminho. Cristo Jesus, “sendo de condição divina, aniquilou-se e tomou a condição de servo” (Fl 2,6) e por causa de nós “fez-se pobre, ele que era rico” (2Cor 8,9): assim a Igreja, que certamente precisa de recursos humanos para cumprir a sua missão, não foi fundada para buscar glórias terrenas, mas para pregar, também com seu exemplo, a humildade e a abnegação. Cristo foi enviado pelo Pai “a anunciar a Boa-Nova aos pobres, a proclamar a libertação aos cativos” (Lc 4,18),

51 anos depois da abertura do Vaticano II, no dia 16 de março de 2013, o Papa Francisco¹⁵⁴, ao ser escolhido como sucessor do Papa Bento XVI, deu uma entrevista coletiva aos jornalistas, onde ele explicava com simplicidade o significado do nome escolhido e sua intenção de fundo:

Quando foi alcançado o número de votos que me faria papa, aproximou-se de mim o Cardeal brasileiro Claudio Hummes, me beijou e disse: ‘não te esqueças dos pobres’. Em seguida em relação aos pobres pensei em São Francisco de Assis. Durante o escrutínio, cujo resultado das votações se punha ‘perigoso’ para mim veio-me um nome no coração: Francisco de Assis. Francisco, o homem da pobreza, da paz, que ama e cuida da criação, um homem que transmite um sentido de paz, um homem pobre. Ah! Como gostaria de uma Igreja pobre e para os pobres.

Um novo *aggiornamento*, um novo pentecostes, ou como preferem os/as teólogos/as da libertação: uma nova primavera na Igreja!

Embora acolhido, o tema Igreja dos Pobres repercutiu muito timidamente, pois o Vaticano II foi um Concílio das Igrejas do primeiro mundo, porém o Grupo da Igreja dos Pobres, que atuava de maneira bastante discreta, sustentou firme a provocação profética de São João XXIII que se fez presente em todas as sessões conciliares.

A Igreja dos Pobres não é uma *nova* Igreja, mas sim um *novo modelo de Igreja*, que portanto, é chamada também de *Igreja Popular*, *Igreja que nasce do Povo*, *Igreja no Povo ou Igreja de Base*. É o modelo de Igreja que busca uma relação de totalidade social através do envolvimento com grupos de oprimidos e de explorados, ao mesmo tempo em que, procura organizar internamente a Igreja segundo relações de serviço e fraternidade.

A Igreja dos Pobres portanto, é fruto de longa reflexão durante o Vaticano II, capitaneada por bispos de várias partes do mundo, em sua maioria bispos do terceiro mundo, que estavam numa certa marginalidade institucional, pois não tinham cargos em Roma. Nasceu já na primeira sessão do Vaticano II e alcançaria no passar dos anos um total de 86 padres conciliares, apesar de nunca ter o *status* oficial no Concílio. O sonho não realizado era o de constituir um secretariado oficial ligado à pobreza. Porém, sua atuação nas margens da

“a procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,10): de modo semelhante a Igreja ama todos os angustiados pelo sofrimento humano, reconhece a imagem do seu Fundador, pobre e sofredor, nos pobres e nos que sofrem, esforça-se por aliviar-lhes a indigência, e neles deseja servir a Cristo. Mas enquanto Cristo “santo, inocente, imaculado” (Hb 7,26) não conheceu o pecado (2Cor 5,21), e veio expiar unicamente os pecados do povo (cf. Hb 2,17), a Igreja reúne em seu seio os pecadores, e por isso, ao mesmo tempo que é santa, precisa também de purificação, e sem descanso prossegue no seu esforço de penitência e renovação”.

¹⁵⁴ BOFF, Leonardo. **Francisco de Assis e Francisco de Roma – Uma nova primavera na Igreja**. 2.ed.rev.amp. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2014, p. 9.

redação dos esquemas e textos conciliares foi muito significativa, pois se empenhou em colocar no coração de todo o processo conciliar as questões do apostolado dos pobres e da pobreza da Igreja. O tema da pobreza atraía e congregava sensibilidades diversas, que mesmo entre tensões, se completavam, mantendo a coesão do grupo.

A Igreja dos Pobres está aí, mais viva do que nunca, não mais tão falada como antigamente, pois foi duramente perseguida e difamada, mas continua presente em várias lideranças que não se cansam de lutar por outro mundo novo e possível; por uma comunidade eclesial de base, onde todos se conheçam e celebrem a vida, a morte e a ressurreição de Jesus de Nazaré, e queiram seguir os passos do Mestre, dentro de sua pedagogia e prática libertadora, assumindo todos os riscos que a caminhada irá oferecer. Todos sabem muito bem que não há como fugir da cruz para obter a salvação. Não há luz, sem cruz!

A Igreja quando é perseguida, é mais profética, mais cheia de vida!

Quando ela está acomodada, inerte, não cria problema nenhum para quem oprime e extermina!

3.1.3 Mas quem são os pobres?

Mario de França Miranda¹⁵⁵ irá pontuar que a existência histórica de Jesus de Nazaré, suas palavras e suas ações em favor dos mais desfavorecidos, sua distância com relação aos poderosos de seu tempo, revelam a *intenção de Deus* de realizar a salvação da humanidade na humanidade, na fraqueza, na pobreza e na privação de poder humano. Portanto, o fundamento último e decisivo da opção pelos pobres é estritamente teológico, porque baseado no modo de agir do próprio Deus.

Gustavo Gutiérrez¹⁵⁶ não se cansa de lembrar que quando dizemos *pobre* assinalamos algo *coletivo*. O pobre isolado não existe. O pobre pertence a grupos sociais. E é o que torna tão dura e agressiva a irrupção do pobre. Se se tratasse de questões individuais, não haveria problema; porém, como se trata de classes, culturas, condição da mulher, da raça humana, isso traz tensões e conflitos.

Apesar dos avanços que governos latino-americanos e caribenhos conseguiram realizar nas últimas décadas, esta categoria é mais abrangente, vai além dos dados estatísticos da economia, é uma realidade nova onde a tríade pobreza-fome-miséria, deu lugar a novas

¹⁵⁵ MIRANDA, Mario de França. **A Igreja que somos nós**. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 65.

¹⁵⁶ GUTIÉRREZ, Gustavo. “A irrupção do pobre na América Latina e as comunidades cristãs populares”, em Sérgio Torres, **A Igreja que surge da base**. São Paulo: Edições Paulinas, 1982, p.35.

classes com poder aquisitivo, portanto as situações de exclusão, de violência e extermínio, que estão presentes na sociedade hodierna, são entendidas como efeito colateral, e que os marginalizados, os excluídos, os pobres seriam os próprios responsáveis por sua desgraça. São bilhões de pessoas que muitos setores da Igreja ignoram por completo: os miseráveis, sem roupa, sem saúde, sem escola; as vítimas das drogas ilícitas e lícitas (os dependentes – suas famílias – pessoas que perdem a vida dentro e fora do submundo do tráfico); as juventudes, violentadas e exterminadas; os sem teto e os sem-terra; os moradores de rua; as mulheres, que todos os dias são vítimas da violência de seus familiares (esposos, filhos, parentes) e do machismo cada vez mais crescente levando ao feminicídio; os migrantes que fogem de seus países em busca de melhores oportunidades de vida; as pessoas que vivem sem água seja por causa da incompetência de governos corruptos, seja por causa de sua própria irresponsabilidade de não cuidar da natureza; a onda crescente de individualismo, fundamentalismo, fanatismo e racismo, dificultando o respeito, o diálogo e o encontro entre os seres humanos, entre as igrejas, entre as religiões.

João Batista Libanio¹⁵⁷ dirá que foi um sonho de São João XXIII que a Igreja saísse do Vaticano II bem próxima dos pobres, de modo que estes se sentissem em casa no seu seio. Deveria retomar a questão dos pobres a partir de duas maneiras: resistir e avançar. Resistir ao desgaste que a Opção pelos Pobres tem sofrido no interior da Igreja e na sociedade. Na Igreja procuram a qualquer custo, a qualquer preço anular o seu peso libertador. Na sociedade, a compreensão errada difundida, é que a Opção pelos Pobres se iguala a lutas de classe e que tem uma matriz marxista. Este tema tem sido recorrente em vários grupos de discussão na Internet e a rejeição ainda persiste. Na sociedade o tema soa como ideal socialista, portanto, pertencente ao passado, contrário ao discurso neoliberal que tomou conta de muitas paróquias e dioceses que desconhecem os pobres. Há um clima reacionário, neoliberal, fundamentalista, fanático e carismático, apesar do novo *aggiornamento* que o Papa Francisco aponta com seus gestos e práticas. Avançar é conscientizar, organizar e pressionar para modificar a realidade interna na Igreja e na sociedade. A Igreja dos Pobres foi silenciada na Igreja pelo fato de se inspirar no Vaticano II.

José Comblin¹⁵⁸ afirma que a Igreja dos Pobres não pode ser simplesmente uma parte da Igreja, mas ela interfere na totalidade da Igreja e de quem dela participa. Tudo na Igreja deve partir da centralidade dos pobres, que tem o seu lugar central, o seu fundamento, na

¹⁵⁷ LIBANIO, João Batista. **Concílio Vaticano II – Em busca de uma primeira compreensão**. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 201.

¹⁵⁸ COMBLIN, José. **O Povo de Deus**. São Paulo: Paulus, 2002, p. 100.

teologia do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O Pai tornou-se pobre ao conceder plena liberdade e autonomia à humanidade que criou sendo sua imagem e semelhança. O Filho se identifica com os pobres, pois foi um deles, optando por eles, despojou-se de todos os privilégios e entregou a própria vida para que o Projeto de Deus acontecesse. O Espírito Santo se dirige aos pobres, soprando incentivo para que saiam em missão. O povo de Deus é povo de pobres, e o privilégio é que formam o povo de Deus: eles são chamados, convocados, convidados e o integram.

O Papa Francisco¹⁵⁹ nos diz que deriva da nossa fé em Cristo, que Se fez pobre e sempre se aproximou dos pobres e marginalizados, a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade. O imperativo de ouvir o clamor dos pobres se faz carne em nós, quando intimamente nos comovemos e nos solidarizamos com o sofrimento do outro. No coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres. Todo o nosso caminhar está sinalizado pelos pobres:

Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus manifesta a sua misericórdia antes de mais a eles. Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos chamados a possuir os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus.

A Igreja fez uma opção pelos pobres, entendida como uma forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja. Como ensinava Bento XVI, esta opção está implícita na fé cristológica naquele Deus que Se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza. Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres.

Pobres são os necessitados, aqueles que não possuem nem o necessário para viver. Aqueles que carecem de respeito por sua dignidade como pessoa humana; aqueles que estão privados da liberdade; aqueles que não possuem participação alguma no desenrolar da sociedade nos campos da economia, da política, da religião, da cultura.

O Documento de Medellín¹⁶⁰ distingue a pobreza e se apresenta como uma Igreja pobre:

[...] A pobreza como carência dos bens deste mundo é um mal em si. Os profetas a denunciam como contrária à vontade do Senhor e, muitas vezes, como fruto da injustiça e do pecado dos homens.

¹⁵⁹ FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium – A Alegria do Evangelho – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulus/Edições Loyola, 2013, p. 119-120.

¹⁶⁰ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (2.: 1968: Medellín). **Conclusões da Conferência de Medellín – 1969**: trinta anos depois, Medellín é ainda atual? 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 195-202.

[...] A pobreza espiritual é o tema dos pobres de Javé. A pobreza espiritual é a atitude de abertura para Deus, a disponibilidade de quem tudo espera no Senhor. Embora valorize os bens deste mundo, não se apega a eles e reconhece o valor superior dos bens do Reino.

[...] A pobreza como compromisso, assumida voluntariamente e por amor à condição dos necessitados deste mundo, para testemunhar o mal que ela representa e a liberdade espiritual perante os bens. Continua, nisto, o exemplo de Cristo, que fez suas todas as consequências da condição pecadora dos homens e que “sendo rico se fez pobre” para salvar-nos.

Neste contexto, uma Igreja pobre:

- Denuncia a carência injusta dos bens deste mundo e o pecado que a engendra.
- Prega e vive a pobreza espiritual como atitude de infância espiritual e abertura ao Senhor.
- Compromete-se ela mesma com a pobreza material. A pobreza da Igreja é, com efeito, uma constante na história da salvação.

3.1.4 Jesus de Nazaré opta pelos pobres.

A opção pelos pobres nunca foi uma moda passageira, nem é hoje em dia. Ela é a base da Teologia da Libertação, é o que a resume, pois é a opção radical feita por Jesus de Nazaré. Jesus escolheu os pobres enquanto seguidores, colaboradores mais próximos, discípulos, amigos. Quanto mais se aprofunda na teologia do pobre, mais se aprofunda na Palavra de Deus, mais aparecem novos fundamentos e realidades que falam da veracidade da opção pelos pobres em seu triplo sentido: pastoral, teológico e bíblico. A opção pelos pobres é a essência de um cristianismo católico que pretende ser fiel ao Evangelho. Consiste na decisão voluntária de unir-se ao mundo dos pobres, assumindo com postura e estética evangélica, com realismo histórico, a causa da libertação integral. Ela deve ser realizada por todos aqueles que creem, independente da sua situação socioeconômica.

A opção pelos pobres contém vários elementos fundamentais¹⁶¹:

1. Um elemento de *ruptura* que se expressa em “troca de lugar físico ou social”, “êxodo e desidentificação com o ‘status’ do poder”, “ruptura” com o mundo cultural próprio e com seus critérios específicos de valoração. Trata-se de uma ruptura que corresponde, logicamente, aos que, sem serem inicialmente pobres, optam por sê-lo.
2. Um elemento de *personalização e identificação* que se expressa em “ir à periferia”, “sair ao encontro do outro”, entrar no mundo do pobre e assumi-lo como próprio. Este momento já afeta a todos que fazem a opção, inclusive os materialmente pobres, que nem sempre tomam como seu, de coração, o mundo dos pobres. Trata-se de uma conversão inicial e tem caráter

¹⁶¹ VIGIL, José Maria. (Org.). **Opção pelos pobres hoje**. São Paulo: Paulus, 1992, p. 10-11.

assintótico e vai do viver “com” os pobres (mais além de viver “para” os pobres) até o viver “como” os pobres.

3. Um elemento de *assunção consciente e ativa da causa dos pobres*: “solidariedade ativa com as lutas e práticas populares”, “defesa ativa dos direitos dos pobres”, “compromisso com sua libertação integral”, “afirmação incondicional da vida e rejeição incondicional da injustiça”. Nestes elementos, repousa a maior novidade da OP, enquanto que o assumir a causa dos pobres se converte em práxis histórica da libertação.

4. Um elemento de *assunção do destino próprio dos pobres*, que, no terceiro mundo, passa, normalmente, pela perseguição e, não raras vezes termina, historicamente, com a morte “prematura e injusta”. Este elemento se converte em critério de verificação da autenticidade da personificação no mundo dos pobres e da defesa ativa de sua causa. O martírio não é visto como algo conveniente, mas sim, como auge da perseguição e esta é vista como preparação e modo incipiente de martírio.

Jorge Pixley e Clodovis Boff¹⁶² em sua obra clássica, explicam quem são hoje os pobres:

Tomamos “pobres” aqui num sentido “real” e não num sentido metafórico. São os que sofrem de fundamental carência econômica. São os que estão privados dos bens materiais necessários para uma existência digna. Podemos definir os pobres hoje com três adjetivos: coletivo, conflitivo e alternativo. Os pobres constituem um fenômeno coletivo, são resultado de um processo conflitivo e demandam um projeto histórico alternativo. [...] A pobreza hoje é uma questão social, estrutural e massiva. Pobres são classes, massas, povos inteiros. [...] Os pobres constituem um fenômeno social produzido e não um fato natural. Eles são reduzidos à pobreza (em-pobrecidos) ou nela mantidos pelas forças de um sistema de dominação. Os pobres apareceram como classes dominadas. Os pobres são pobres porque são explorados ou então rejeitados por uma organização econômica perversa, como é em nosso caso o capitalismo. Este é um sistema explorador e excludente. Por isso mesmo o pobre é um oprimido e um sofredor. Ele é mantido debaixo do sistema ou fora dele. Tal é a explicação verdadeira da pobreza dos pobres. [...] Todos eles vivem privados do necessário para suas vidas, pois se acham abaixo ou no nível apenas da linha de sobrevivência. [...] Representam um conjunto socialmente heterogêneo e politicamente inorgânico, mas junto do qual a Igreja está particularmente presente, como força de afirmação humana e aglutinação social (através das CEBs, etc.). [...] Vê-se por aí que o “pobre” na AL tem muitos rostos. Mas são todos “rostos sofredores” de Cristo, de que nos fala Puebla. [...] Hoje temos do pobre uma imagem menos romântica e mais realista. É a figura do oprimido de toda sorte que busca libertação. Essa imagem crítica e internamente diferenciada do pobre é fundamental em termos da prática concreta da OP. [...] Cada tipo de pobre necessita de uma metodologia e estratégia específicas, ainda que todas devam convergir para a libertação comum. [...] Porque a situação dos pobres tem uma raiz estrutural, sua libertação passa também pela mudança das estruturas sociais que os proíbem de crescer e se afirmar historicamente. Os pobres julgam a sociedade atual e colocam a perspectiva de sua mudança em favor de uma sociedade nova. Por isso, pobre está ligado

¹⁶² PIXLEY, Jorge. BOFF, Clodovis. **Opção pelos Pobres**. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 19-24.

indissociavelmente à ideia de revolução, no sentido preciso de mudança das bases de um sistema social. Isso no passado pertencia à área da utopia no sentido de projeto inviável, hoje passou para o âmbito das possibilidades históricas. O que era apenas um ideal, agora tornou-se um projeto concreto.

Clodovis Boff e Jorge Pixley¹⁶³ afirmarão que o desenvolvimento técnico-científico e a consciência política da humanidade possibilita a criação de uma sociedade onde não haja mais privação do necessário vital e dominação de uns sobre outros. Hoje o fenômeno da pobreza não tem a mesma natureza que no passado. Pobreza hoje já não consiste mais simplesmente no atraso como ausência de desenvolvimento material. É um dado que permanece presente, mas não é o mais importante. A pobreza é o fruto de um desenvolvimento contraditório, pelo qual os ricos se tornam cada vez mais ricos, às custas dos pobres, cada vez mais pobres. Ela é interna ao sistema e produto natural do mesmo. Por isso pobreza hoje significa socialmente opressão e dependência, e eticamente justiça injustiça e pecado social.

Os pobres só existem porque existem estruturas de exploração e de exclusão. Apesar de todo o desenvolvimento social e econômico ocorrido no continente nas últimas décadas, ainda há ricos cada vez mais ricos e pobres cada vez mais pobres!

A pobreza em perspectiva no Brasil aparece no cenário com três indicadores¹⁶⁴:

Extrema: é a condição social sem a garantia de uma renda mínima necessária à sobrevivência humana (consumo da alimentação). Trata-se de uma população com rendimento familiar per capita de até um quarto do salário mínimo mensal;

Menos extrema: é a condição social cuja renda recebida é insuficiente para a reprodução e sobrevivência humana (consumo da alimentação, habitação, transporte, saúde, educação, entre outros). Trata-se de uma população com rendimento familiar per capita acima de um quarto e abaixo de meio salário mínimo mensal;

Absoluta: é a condição social sem o atendimento material básico à existência humana, englobando a pobreza extrema e menos extrema. Trata-se da população com rendimento familiar per capita acima de até meio salário mínimo mensal.

3.1.5 A pobreza da Igreja.

Dentro da herança do Concílio Vaticano II, os bispos da América Latina e Caribe entenderam que a Igreja e sua ação evangelizadora tem que testemunhar a *práxis* de Jesus, “que sendo rico se fez pobre para nos enriquecer com sua pobreza”; entenderam que a

¹⁶³ Ibidem, p. 24.

¹⁶⁴ OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro (Org.). **Opção pelos pobres no Século XXI**. São Paulo: Paulinas, 2011, p.61.

pobreza da Igreja deve sinalizar o valor que os pobres possuem aos olhos de Deus, da mesma forma a solidariedade e o compromisso com os que sofrem.

3.1.5.1 O Documento de Medellín.

A Conferência de Medellín foi a rápida e criativa recepção do Vaticano II no continente latino-americano, onde a reflexão foi orientada para a busca da forma de presença mais intensa como bem diz o tema: *A Igreja na atual transformação da América Latina, à luz do Concílio Vaticano II*. Os textos mais citados em Medellín foram a *Gaudium et spes*, do Vaticano II e a *Populorum progressio*, de Paulo VI.

A atualidade do Vaticano II repercutirá sobre a Conferência de Medellín, abrindo caminho para Puebla, Santo Domingo e Aparecida.

No Documento de Medellín, sobre a Pobreza da Igreja¹⁶⁵ os bispos profeticamente já alertavam e suplicavam:

O Episcopado latino-americano não pode ficar indiferente ante as tremendas injustiças sociais existentes na América Latina, que mantêm a maioria de nossos povos numa dolorosa pobreza, que em muitos casos chega a ser miséria desumana.

[...] Todos os membros da Igreja são chamados a viver a pobreza evangélica.

[...] Cristo, Nosso Salvador, não só amou aos pobres, mas também, “sendo rico se fez pobre”, viveu na pobreza, centralizando sua missão no anúncio da libertação aos pobres e fundou sua Igreja como sinal dessa pobreza entre os homens.

[...] A pobreza da Igreja e de seus membros na América Latina deve ser sinal e compromisso. Sinal de valor inestimável do pobre aos olhos de Deus; compromisso de solidariedade com os que sofrem.

[...] Por tudo isso queremos que a Igreja da América Latina seja evangelizadora e solidária com os pobres, testemunha do valor dos bens do Reino e humilde servidora de todos os homens de nossos povos. Seus pastores e demais membros do Povo de Deus hão de dar a sua vida, suas palavras, suas atitudes e sua ação, a coerência necessária com as exigências evangélicas e as necessidades dos homens latino-americanos.

[...] O mandato particular do Senhor, que prevê a evangelização dos pobres, deve levar-nos a uma distribuição tal de esforços e de pessoal apostólico, que deva visar, preferencialmente, os setores mais pobres e necessitados e os povos segregados por uma causa ou outra, estimulando e acelerando as iniciativas e estudos que com esse fim se realizem.

[...] Este sentimento de amor ao próximo é efetivo quando se estuda e se trabalha tendo em vista a preparação ou a realização de um serviço para a

¹⁶⁵ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (2.: 1968: Medellín). **Conclusões da Conferência de Medellín – 1968:** trinta anos depois, Medellín é ainda atual? 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 195-202.

comunidade; quando se dispõe organicamente a economia e o poder em benefício da comunidade.

Na Conferência de Medellín se tornou realidade o que não foi possível se alcançar no Vaticano II, porém em que medida e de que maneira as mudanças históricas afetam o aprofundamento doutrinal e as diretrizes pastorais, que ali nasceram, estimulados por situações concretas?

A Música Popular Brasileira, dentro do contexto latino-americano, em 1968, ao mesmo tempo em que acontecia a Conferência de Medellín, produzia uma das mais lindas músicas “engajadas” e de “protesto” abordando o tema da pobreza. Era o ano dos grandes festivais e também o ano em que o Brasil conheceria o famigerado Ato Institucional n. 5 (AI 5), que proibia quaisquer tipos de manifestações: políticas e culturais – contrárias à ditadura militar implantada no país com ajuda financeira e diplomática estadunidense. A música em questão se chama, Pobreza por Pobreza¹⁶⁶. Seu autor é Luiz Gonzaga do Nascimento Junior – o Gonzaguinha, filho de Luiz Gonzaga do Nascimento – o Gonzagão. O Rei do Baião emprestou a sua voz e a sua sanfona para a poesia musical de Gonzaguinha, naquele mesmo ano. Gonzagão foi muitas vezes acusado de apoiar a ditadura, por outro lado, Gonzaguinha teve várias músicas censuradas, teve vários problemas com o Governo Federal e com os departamentos que vigiavam os artistas mais conscientes. Mas ao se olhar para esta poesia e ouvir sua melodia e o seu cantar, percebe-se que está se ouvindo uma profecia: daquelas onde o profeta anuncia, denuncia, e sobretudo ameaça:

Meu sertão vai se acabando
nessa vida que o devora
pelas trilhas só se vê
gente boa indo embora
mas a estrada não terá
o meu pé pra castigar
meu agreste vai cercando
e com ele vou secar
pra que me largar no mundo
se nem sei se vou chegar
pra virar cruz de estrada
prefiro ser cruz por cá
ao menos o chão que é meu
meu corpo vai adubar
ao menos o chão que é meu
meu corpo vai adubar
se doente, sem remédio

¹⁶⁶ GONZAGUINHA. Pobreza por pobreza. Intérprete: Gonzagão. In: Gonzagão & Gonzaguinha. **Juntos**. São Paulo: BMG, 1994, 1 CD, faixa 9.

remediado está
 nascido e criado aqui
 sei o espinho aonde dá
 pobreza por pobreza
 sou pobre em qualquer lugar
 a fome é a mesma fome
 que vem me desesperar
 e a mão é sempre a mesma
 que vive a me explorar
 e a mão é sempre a mesma
 que vive a me explorar

João Batista Libanio¹⁶⁷ diz que em Medellín a evangelização foi além da mera proclamação da Palavra ao visar à transformação das estruturas sociopolíticas e econômicas. A pregação, a teologia e a prática da Igreja focalizaram a justiça social.

A Igreja assumiu uma postura profética nos discursos, nas práticas, nas formas institucionais, inclusive no martírio. A Igreja se concentrou na libertação dos pobres.

3.1.5.2 O Documento de Puebla.

Na Conferência de Puebla (1979), no México, os bispos reassumiam a clara e profética opção radical e solidária pelos pobres feita na Conferência de Medellín, entretanto sem a sua radicalidade, e reconheciam a necessidade sempre atual de uma conversão de toda a Igreja para a mesma, no intuito de uma integral libertação.

Segundo Maria Cecilia Domezi¹⁶⁸:

[...] Em Puebla essa opção ficou adjetivada. Os bispos a formularam como uma “opção preferencial pelos pobres”, que “não supõe exclusão de ninguém, mas pelo contrário, uma preferência e aproximação do pobre” (DP 733); “preferência pela evangelização e serviço aos pobres” (DP 707); “compromisso preferencial pelos pobres” (DP 769); “preocupação preferencial em defender e promover os direitos dos pobres, marginalizados e oprimidos” (DP 1217); “amor preferencial” e solicitude para com os pobres e necessitados” (DP 382).

[...] Esses adjetivos faziam desviar-se o olhar do substantivo (a realidade) e do verbo (a ação) tirando a força da opção primeira, a de Medellín. Opção pelos pobres soava como luta de classes, e esta era referida à matriz marxista, com todos os medos agregados, como o do ateísmo materialista, da perseguição religiosa, da supressão da liberdade, da perda das propriedades privadas.

¹⁶⁷ LIBANIO, João Batista. **Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano – do Rio de Janeiro a Aparecida**. São Paulo: Paulus, 2007, p. 23.

¹⁶⁸ DOMEZI, Maria Cecília. **O Concílio Vaticano II e os Pobres**. São Paulo: Paulus, 2014, p. 76-77.

[...] Um segmento do episcopado empenhava-se em fazer com que a Conferência de Puebla se desviasse do programa daquela de Medellín.

[...] Em Puebla perde força a insistência numa Igreja pobre e inserida no meio dos pobres, passando a ênfase para uma Igreja que se quer fazer a voz dos pobres, mesmo com os riscos que isso implica (cf. DP 1094). A tendência é espiritualizar a opção preferencial pelos pobres, orientando-a para o anúncio de Cristo Salvador, aquele que vai iluminar os pobres acerca da sua dignidade, ajuda-los em seus esforços de libertar-se de todas as carências e leva-los à comunhão com o Pai e os irmãos, mediante a vivência da pobreza evangélica.

Em seus números¹⁶⁹ 1140, 1147, confessam e afirmam que:

Na Igreja da América Latina, nem todos nos temos comprometido bastante com os pobres; nem sempre nos preocupamos com eles e somos com eles solidários. O serviço do pobre exige, de fato, uma conversão e purificação constante, em todos os cristãos, para conseguir-se uma identificação cada dia mais plena com Cristo pobre e com os pobres. [...] O compromisso com os pobres e oprimidos e o surgimento das Comunidades de Base ajudaram a Igreja a descobrir o potencial evangelizador dos pobres, enquanto estes a interpelam constantemente, chamando-a à conversão e porque muitos deles realizam em sua vida os valores evangélicos de solidariedade, serviço, simplicidade e disponibilidade para acolher o dom de Deus.

Mais adiante o Documento de Puebla¹⁷⁰ apresenta em suas linhas pastorais o objetivo e as ações concretas:

A opção preferencial pelos pobres tem como objetivo o anúncio de Cristo Salvador, que os iluminará sobre a sua dignidade, os ajudará em seus esforços de libertação de todas as suas carências e os levará à comunhão com o Pai e os irmãos, mediante a vivência da pobreza evangélica. [...] Esta opção, exigida pela escandalosa realidade de desequilíbrios econômicos da América Latina, deve levar a estabelecer uma convivência humana digna e a construir uma sociedade justa e livre. [...] Comprometidos com os pobres, condenamos como antievangélica a pobreza extrema que afeta numerosíssimos setores em nosso Continente.

Leonardo Boff¹⁷¹ parafraseando a afirmação de Sua Santidade, o Papa Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*, depois repetida pelo Documento de Puebla assim diz: “*A Igreja tem o dever de anunciar a libertação de seres humanos, entre os quais há muitos filhos seus; o*

¹⁶⁹ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (3.: 1979: Puebla). **A evangelização no presente e no futuro da América Latina:** conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. 14. ed. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 326-328.

¹⁷⁰ Ibidem, p. 329-330.

¹⁷¹ BOFF, Leonardo. **Novas Fronteiras da Igreja:** o futuro de um povo a caminho. Campinas: Verus, 2004, p. 57.

dever de ajudar a nascer esta libertação e dar testemunho da mesma, de fazer que seja total; nada disto é estranho à evangelização”.

Leonardo Boff¹⁷² continua sua explanação sobre o tema argumentando:

Atente-se bem: não se diz simplesmente que à Igreja cabe produzir a libertação como se fora um movimento revolucionário ou uma agência de produção humana; a Igreja ajuda na libertação. Isso quer dizer: os sujeitos da libertação são os próprios oprimidos que se conscientizam, se organizam e se mobilizam para transformar a sociedade na direção de mais justiça e participação. A Igreja (comunidade dos cristãos) se incorpora nessa luta, legítima tal causa e traz a sua contribuição específica. É nesse compromisso com a evangelização libertadora que a Igreja revela sua misericórdia, qual Bom Samaritano. Gostaria de apresentar apenas três práticas da Igreja latino-americana que concretizam tal atitude:

- 1) defender e promover a vida mínima;
- 2) defender e promover os direitos dos pobres e
- 3) reinventar a Igreja na base como Povo de Deus no meio dos Povos da América Latina.

Para Leonardo Boff¹⁷³, o grande desafio da Igreja na América Latina e Caribe reside em denunciar o sistema social que é alicerçado na morte e ajudar na gestação de uma sociedade que gere vida minimamente humana para todos, especialmente para as grandes maiorias empobrecidas. Portanto, pobre possui um sentido histórico concreto e não apenas metafórico e espiritual, mas um sentido real, como aquele da parábola do Bom Samaritano que caiu em poder dos ladrões e foi deixado para morrer, nu e abandonado. Não se pode dizer que aí o espoliado e ferido, o é apenas espiritualmente. Assim a opção da Igreja pelos pobres significa uma opção pelos injustamente feitos pobres, portanto empobrecidos. Esse cuidado pelos pobres, independentemente da fé e do Evangelho, possui uma dignidade em si mesmo, ainda que, como no caso da parábola do Bom Samaritano, se trate de uma pessoa mal vista pela sociedade judaica da época. Socorrer não só o ferido, mas especialmente a toda uma classe explorada e diminuída em sua vida e dignidade como na América Latina e Caribe, implica uma denúncia contra a injustiça social, produtora de pobreza, e um testemunho em favor da vida minimamente humana, a ser produzido por todos, principalmente em favor daqueles que são deixados para morrer. Além dessa razão humanitária, a comunidade cristã tem outras razões para optar pelos pobres. Primeiro: trata-se de uma opção divina. Quando alguém é ameaçado em sua vida, Deus toma partido por ele, para proteger e promover-lhe a vida. Segundo: tem a ver com uma opção feita por Jesus de Nazaré. Terceiro: é uma opção

¹⁷² Ibidem, p. 59.

¹⁷³ Ibidem, p. 60-65.

apostólica; desde os primórdios da evangelização os pobres receberam especial solicitude dos apóstolos.

Só faz uma verdadeira e efetiva opção pelos pobres quem luta contra a pobreza, que se configura em pecado social.

É por causa do compromisso com a libertação que a Igreja na América Latina conheceu a difamação, a perseguição (por boa parte de bispos conservadores), a tortura de muitos dos seus membros. Possui uma lista enorme de mártires entre os bispos, como Oscar Romero¹⁷⁴ e Enrique Angelelli¹⁷⁵, entre os sacerdotes, religiosos, religiosas, leigos e leigas. Está no DNA dos povos latino-americanos e caribenhos.

Para João Batista Libanio¹⁷⁶, as opções de Puebla não tiveram a clareza e o profetismo de Medellín. Enfraqueceu a opção pelos pobres, adjetivando-a para tirar-lhe o caráter radical anterior. Deslocou-se o termo libertação para evangelização libertadora. Comunhão e participação tornaram-se eixos estruturantes da Igreja.

Puebla deslocou o acento para o aspecto cultural enfraquecendo a opção pela libertação dos pobres.

3.1.5.3 O Documento de Santo Domingo.

O grupo de bispos conservadores e que divergiam dos rumos de Medellín e de Puebla estava bem mais forte quando se realizou a Conferência de Santo Domingo (1992), na República Dominicana. A consequência direta foi a ruptura com a tradição latino-americana e caribenha do método ver-julgar-agir, alegando-se o risco do afastamento da perspectiva da fé

¹⁷⁴ RICHARD, Pablo. **A força espiritual da palavra de Dom Romero**. São Paulo: Paulinas, 2005, p.26-32: “A Igreja prega a partir dos pobres e não nos envergonhamos nunca de dizer: a Igreja dos pobres porque Cristo quis pôr sua cátedra de redenção entre os pobres. [...] A pobreza da Igreja não poderá ser mais autêntica e eficaz do que quando verdadeiramente não depende nem busca o socorro dos poderosos, “o amparo dos poderes”; não faça a evangelização consistir em ter poder, mas em ser evangélica e santa; em apoiar-se no pobre, que, com sua pobreza, enriquece. [...] Não há nada tão importante para a Igreja como a vida humana, como a pessoa humana. Sobretudo os pobres e oprimidos, que além de humanos – são também seres divinos, dado que deles Jesus disse que tudo o que se faz com eles, ele o recebe como se feito a ele. E esse sangue, o sangue, a morte, estão para além de toda política. Tocam o próprio coração de Deus. [...] Já sei que há muitos que se escandalizam com esta palavra e querem acusá-la de que deixou a pregação do Evangelho para aventurar-se na política. Todavia, não aceito essa acusação; ao contrário, faço um esforço para que tudo o que o Concílio Vaticano II, a Reunião de Medellín e a de Puebla quiseram impulsionar não somente o tenhamos em conta nos livros e o estudemos teoricamente, mas que o vivamos e o traduzamos nesta conflitiva tarefa de pregar, como se deve, o Evangelho para nosso povo”. Monsenhor Oscar Arnulfo Romero Galdámez, arcebispo de San Salvador, em El Salvador, foi assassinado enquanto celebrava uma missa, a mando dos militares, no dia 24 de março de 1980.

¹⁷⁵ Monsenhor Enrique A. Angelelli Carletti, bispo de La Rioja, na Argentina, signatário do Pacto das Catacumbas, morreu mártir a 04 de agosto de 1976, num acidente de carro provocado pelos militares.

¹⁷⁶ LIBANIO, João Batista. **Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano – do Rio de Janeiro a Aparecida**. São Paulo: Paulus, 2007, p. 30.

cristã e do sociologismo. A opção pelos pobres só não desapareceu do Documento de Santo Domingo graças aos esforços da comissão dedicada ao tema da promoção humana que está no número 178¹⁷⁷.

Para Maria Cecilia Domezi¹⁷⁸, o pobre não é mais visto como sujeito, é tomado em Santo Domingo como objeto de caridade, na linha da assistência e com atitude de cercania misericordiosa do bom samaritano. Insiste-se no serviço aos pobres através de instituições e obras de assistência.

Nas conclusões do Documento de Santo Domingo, em seu número 296, retoma-se a opção pelos pobres, porém cercada de adjetivos de cautela:

Fazemos nosso o clamor dos pobres. Assumimos com renovado ardor a opção evangélica preferencial pelos pobres, em continuidade com Medellín e Puebla. Esta opção, não exclusiva nem excludente, iluminará, à imitação de Jesus Cristo, toda nossa ação evangelizadora.

A essa luz, convidamos a promover uma nova ordem econômica, social e política, conforme a dignidade de todas e cada uma das pessoas, implantando a justiça e a solidariedade e abrindo para todas elas horizontes de eternidade.

João Batista Libanio¹⁷⁹ nos diz que Santo Domingo abandonou o método ver-julgar-agir, o que acarretou consequências teóricas e pastorais; deslocou o eixo crítico-social para o cultural, diminuindo o impacto da opção pelos pobres e pela libertação, a opção pelos pobres não foi esquecida, mas matizada.

Santo Domingo ao mesmo tempo que timidamente apoiou e incentivou as Comunidades Eclesiais de Base, e a opção pelos pobres; preferiu insistir nos movimentos apostólicos de leigos de cunho internacional, tais como a renovação carismática católica, comunhão e libertação e o neocatecumenato. A posição conservadora foi hegemônica.

3.1.5.4 O Documento de Aparecida.

¹⁷⁷ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (4.: 1992: Santo Domingo). **Santo Domingo – Conclusões**. 11.ed. São Paulo: Loyola, 1997, p. 140: “Evangelizar é fazer o que Jesus Cristo fez, quando mostrou na sinagoga que veio para “evangelizar” os pobres (cf. Lc 4,18-19). Ele “se fez pobre, embora fosse rico, para nos enriquecer com sua pobreza” (2Cor 8,9). Ele nos desafia a dar testemunho autêntico de pobreza evangélica em nosso estilo de vida e em nossas estruturas eclesiais, tal qual Ele fez. Esta é a fundamentação que nos compromete numa opção evangélica e preferencial pelos pobres, firme e irrevogável, mas não exclusiva e nem excludente, tão solenemente afirmada nas Conferências de Medellín e Puebla. Sob a luz dessa opção preferencial, a exemplo de Jesus, nos inspiramos para toda ação evangelizadora comunitária e pessoal. Com o “potencial evangelizador dos pobres”, a Igreja pobre quer impulsionar a evangelização de nossas comunidades”.

¹⁷⁸ DOMEZI, Maria Cecília. **O Concílio Vaticano II e os Pobres**. São Paulo: Paulus, 2014, p. 78.

¹⁷⁹ LIBANIO, João Batista. **Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano – do Rio de Janeiro a Aparecida**. São Paulo: Paulus, 2007, p. 32.

A opção pelos pobres terá uma vigorosa retomada com a Conferência de Aparecida (2007), no Brasil, e com ela a tradição eclesial latino-americana e caribenha, ganharia um novo fôlego.

Havia se passado 15 anos desde Santo Domingo e se fazia necessário que a Igreja latino-americana e caribenha realizasse um esforço de discernimento eclesial para compreender a nova situação continental e oferecer orientações para os desafios pastorais que se apresentavam.

José Oscar Beozzo¹⁸⁰ nos diz que quando o CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano propôs a realização de uma V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, o Secretário de Estado, Cardeal Angelo Sodano, levantou entraves a esta solicitação. Alegou, na onda da crescente centralização eclesiástica, que não devia mais haver *Conferências*, mas sim *Sínodos*; e não na América Latina, mas sim em Roma, como acontecia com o restante da Igreja. Desde Medellín, as Conferências gerais do episcopado latino-americano e caribenho vinham sendo deliberativas e não apenas consultivas, como os Sínodos. O Papa João Paulo II decidiu que seria seguida a tradição latino-americana das anteriores Conferências. Em 2005, morre o Papa João Paulo II, assume o Papa Bento XVI e este decide, para surpresa geral, que a V Conferência aconteceria em Aparecida, no Brasil.

Em seu discurso inaugural, embora não tenha havido referências nominais aos mártires, às comunidades eclesiais de base, não houve condenações nem críticas à Teologia da Libertação, não foi centrado em temas morais ou nas seitas; faltou um pronunciamento profético em defesa da ecologia, a partir da situação amazônica; contudo, o Papa Bento XVI¹⁸¹ irá colocar a opção pelos pobres no coração da própria compreensão do Cristo e da nossa fé:

A fé nos liberta do isolamento do eu, porque nos leva à comunhão: o encontro com Deus é, em si mesmo e como tal, encontro com os irmãos, um ato de convocação, de unificação, de responsabilidade para com o outro e para com os demais. Neste sentido, a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza (cf. 2Cor 8,9).

¹⁸⁰ BEOZZO, José Oscar. **O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas**. São Leopoldo: UNISINOS, 2015, p. 53.

¹⁸¹ BENTO XVI. **Discurso inaugural da V Conferência**. Aparecida, 13/05/2007, in: DOCUMENTO DE APARECIDA – Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus e Paulinas, 2013, p. 255.

José Oscar Beozzo¹⁸² categoricamente afirma, a partir de Aparecida:

A opção pelos pobres e por sua libertação, que poderia parecer um caminho apenas da Igreja latino-americana, foi-se convertendo numa patrimônio de toda a Igreja, assumido cada vez mais por outras Igrejas particulares, católicas ou protestantes, e também pelo magistério pontifício.

O Documento de Aparecida¹⁸³ nos números 128, 396, 397, 398 e 399 reafirma a opção pelos pobres:

Reconhecemos o dom da vitalidade da Igreja que peregrina na América Latina e no Caribe, sua opção pelos pobres.

[...] Comprometemo-nos a trabalhar para que a nossa Igreja Latino-americana e Caribenha continue sendo, com maior afinco, companheira de caminho de nossos irmãos mais pobres, inclusive até o martírio. Hoje queremos ratificar e potencializar a opção preferencial pelos pobres feita nas Conferências anteriores. Que seja preferencial implica que deva atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais. A Igreja latino-americana é chamada a ser sacramento de amor, solidariedade e justiça entre nossos povos.

[...] Nesta época, costuma acontecer que defendemos de forma demasiada nossos espaços de privacidade e lazer, e nos deixamos contagiar facilmente pelo consumismo individualista. Por isso, nossa opção pelos pobres corre o risco de ficar em plano teórico ou meramente emotivo, sem verdadeira incidência em nossos comportamentos e em nossas decisões. É necessária uma atitude permanente que se manifeste em opções e gestos concretos e evite toda atitude paternalista. Solicita-se dedicarmos tempo aos pobres, prestar a eles amável atenção, escutá-los com interesse, acompanhá-los nos momentos difíceis, escolhê-los para compartilhar horas, semanas ou anos de nossa vida, e procurando, a partir deles, a transformação de sua situação.

[...] A opção pelos pobres deve conduzir-nos à amizade com os pobres. Dia a dia os pobres se fazem sujeitos da evangelização e da promoção humana integral: educam seus filhos na fé, vivem constante solidariedade entre parentes e vizinhos, procuram constantemente a Deus e dão vida ao peregrinar da Igreja. À luz do Evangelho reconhecemos sua imensa dignidade e seu valor sagrado aos olhos de Cristo, pobre como eles e excluído como eles. A partir dessa experiência cristã, compartilharemos com eles a defesa de seus direitos.

[...] Assumindo com nova força essa opção pelos pobres, manifestamos que todo processo evangelizador envolve a promoção humana e a autêntica libertação “sem a qual não é possível uma ordem justa na sociedade”.

¹⁸² BEOZZO, José Oscar. **Pacto das Catacumbas – por uma Igreja Servidora e Pobre**. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 19.

¹⁸³ DOCUMENTO DE APARECIDA – Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus e Paulinas, 2013, p.69; 179-180.

Em Aparecida, a opção pelos pobres cresceu em força, fundamentação teológica, e em propostas de ação, foi ratificada e colocada em continuidade com Medellín e Puebla. A opção pelos pobres não ficou somente em palavras ou num plano emotivo.

Aparecida reconheceu ainda a eficácia do método Ver-Julgar-Agir.

Em Aparecida, a opção pelos pobres faz parte do conteúdo cristológico, fazendo-os sujeitos da evangelização e da promoção humana integral.

Contudo, João Batista Libanio¹⁸⁴ diz que o fato da realização da Conferência merece pontuação positiva, pois exprime, em momento de surto neoconservador e centralizador, um gesto colegial e de autonomia dos bispos latino-americanos e caribenhos. Aparecida conservará as aberturas da tradição de Medellín, porém modificou a maneira de compreendê-las. Pontos fortes da tradição de Medellín sofreram matizações. O termo libertação recebeu no documento final adjetivos como: cristã, autêntica, integral, de humanização, de reconciliação, e de inserção social. A única exceção se refere à libertação dos povos, pois não havia aí perigo de entendê-la como fazia a teologia da libertação em relação às estruturas econômicas, políticas, culturais, religiosas e eclesiais. Em relação à teologia da libertação, o consenso se traduziu em silêncio.

Em Aparecida, pode-se constatar que, ao menos verbalmente, se conservou a expressão “*opção preferencial pelos pobres*” por todo o documento, muitas vezes, usada textualmente; em outras vezes se omitiu o adjetivo “*preferencial*”, e noutras vezes se opôs o termo “*evangélica*”. Há claramente oposições contra ela. É uma opção que está ameaçada fora e dentro da Igreja. Revela portanto o medo ainda reinante nos bispos enfraquecendo sua inspiração original brotada em Medellín.

3.1.6 CEBs: um novo jeito da Igreja ser pobre e dos pobres.

As Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, na Igreja do Brasil e na América Latina e Caribe constituem um dos traços mais dinâmicos da vida em comunhão, da vida em sociedade. O método para ligar a relação fé e vida nas CEBs é o ver-julgar-agir-rever-celebrar. Vivido e discutido em pequenos grupos, por causa de um impulso renovador que cresceu a partir da década de 1960, chegando até os nossos dias hodiernos em que se relê a história e se descobre desafios a partir da experiência dos Intereclesiais das CEBs, da espiritualidade e da vivência eucarística, do anúncio da Palavra de Deus e do testemunho de

¹⁸⁴ LIBANIO, João Batista. *Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano – do Rio de Janeiro a Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 127–132.

fé (martírio), da solidariedade e do serviço, da formação dos discípulos missionários e de rede de comunidades, da participação nos movimentos sociais, da abertura ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso. Mas, o que significam as CEBs¹⁸⁵?

Existem muitas formas de comunidades; essa se denomina de *base*, quer dizer, composta das pessoas e dos estratos que se encontram mais embaixo na escala social (pobres, indígenas, negros, mulheres marginalizadas, desempregados) e constituem também o grupo majoritário da Igreja, que são os leigos, homens e mulheres que não pertencem à hierarquia da Igreja. Ela se denomina também *eclesial* – algo que tem relação com a Igreja, e por isso se distingue das demais formas de comunidade. O *eclesial* aparece aqui como adjetivo qualificativo do substantivo *comunidade*. Entretanto, numa perspectiva eclesiológica fundamental, o adjetivo (*eclesial*) é mais importante do que o substantivo (*comunidade*), porque é ele o princípio constituinte e estruturante da comunidade. A comunidade *eclesial* se constitui como resposta à fé cristã e como resultado do apelo evangélico à conversão e à salvação. A inspiração religiosa e cristã aglutina o grupo e confere a todos os seus objetivos, também àqueles sociais e libertadores, características evangelizadoras. A comunidade *eclesial* se entende como presença de Igreja, como vivência comunitária do Evangelho e como organismo e organização de salvação / libertação no mundo; não se entende, como qualquer outra comunidade, para cultivar alguns valores humanos, como o esporte, a arte, a música, o folclore, o consumo solidário e a defesa dos direitos humanos, entre outros. A consciência e a explicitação cristã constituem, portanto, a característica da comunidade e o elemento do discernimento ante outros tipos de comunidade. Essa consideração nos parece profundamente necessária e também inquestionável.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB¹⁸⁶ se pronunciando sobre as CEBs diz:

Fator de renovação interna e novo modo de a Igreja estar presente no mundo, elas constituem, por certo, um fenômeno irreversível, senão nos detalhes de sua estruturação, ao menos no espírito que as anima. [...] As CEBs não surgiram como produto de geração espontânea, nem como fruto de mera decisão pastoral. Elas são resultado da convergência de descobertas e conversões pastorais que implicam toda a Igreja – povo de Deus, pastores e fiéis – na qual o Espírito opera sem cessar. [...] O Concílio Vaticano II, eminentemente pastoral, provocou um grande impacto na Igreja. Suas grandes idéias-chaves trouxeram a fundamentação teológica para a intuição, já sentida na prática, de que a renovação pastoral deve se fazer a partir da renovação da vida comunitária e de que a comunidade deve se tornar instrumento de evangelização. De forma privilegiada, as CEBs redescobrem, na leitura bíblica, o aspecto libertador da História da Salvação. Vêm sua própria caminhada prefigurada no Êxodo do povo de Israel e atualizada na

¹⁸⁵ BOFF, Leonardo. **Eclogiogene**: a reinvenção da Igreja. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 39-40.

¹⁸⁶ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB. **Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil**. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 5-9, (Documentos da CNBB; 25).

vivência do Mistério Pascal de Jesus Cristo. Assumem sua luta pela justiça como realização do profetismo na sociedade de hoje. Redescobrem também a vivência fraterna das comunidades primitivas que se encontravam na oração e na fração do pão, partilhavam seus bens e viviam unidos num só coração e numa só alma (At 2,4).

Alfredo J. Gonçalves¹⁸⁷, explica a origem da opção pelas CEBs:

Detemo-nos para refletir sobre a *origem* das Comunidades Eclesiais de Base. A meu ver, desde o início elas se erguem sobre quatro pés: o clamor dos oprimidos na América Latina, de maneira particular sob o peso das ditaduras militares, que leva a uma nova práxis cristã; a força da Palavra de Deus que joga nova luz sobre essa situação de pobreza e opressão, com a releitura do Livro do Êxodo e dos profetas, da prática de Jesus nos Evangelhos e de outras passagens bíblicas; o impulso dos documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II, em especial a nova eclesiologia da Constituição Dogmática sobre a Igreja, a *Lumen Gentium*, e abertura aos desafios modernos da Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo de Hoje, a *Gaudium et Spes*; por fim, a reflexão crítica da Teologia da Libertação, como reinterpretação da prática libertadora. Como pano de fundo está a concepção de Igreja, não mais hierárquica, e sim como Povo de Deus. A pirâmide medieval desfaz-se em um círculo de igualdade. Nele, Cristo ao centro, toda a Igreja deve tornar-se ministerial e seus vários serviços não são maiores ou menores em grau, mas apenas diferentes. Evidente que há um longo caminho a percorrer para atingir esse ideal. Nesse esquema, é notória a noção de *círculo hermenêutico*: a realidade iluminada pela Palavra de Deus desencadeia uma prática cristã de natureza transformadora; esta, retroagindo sobre os livros bíblicos, provoca uma nova interpretação, tanto de seu conteúdo como de seu contexto histórico; a reinterpretação dos textos sagrados, por sua vez, incide sobre a práxis libertadora, levando a comunidade a uma ação cada vez mais comprometida. O círculo cresce de forma dinâmica, dialética e espiral, conduzindo a uma ampliação de horizontes. Alargam-se, de um lado, as possibilidades de uma leitura contextualizada dos livros do Antigo e Novo Testamento e, de outro, as potencialidades de mudança nas diferentes ações sociais e políticas. A esta altura, vale um alerta. Muitas vezes se pergunta como está a Teologia da Libertação. Como diria Gustavo Gutierrez (autor do livro *Teologia da Libertação*), o que importa não é tanto a *teologia*, e sim a *libertação*.

Leonardo Boff¹⁸⁸ cita virtudes para apreendermos este fenômeno tão promissor para o futuro da fé na história:

Na medida em que a Igreja se abre ao povo, ela se faz mais e mais Povo de Deus; na medida em que o povo especialmente dos pobres e oprimidos de

¹⁸⁷ GONÇALVES, Alfredo J. **O trem das CEBs**. Disponível em: <<http://icj.institutocapixabadejuventude.blogspot.com/2011/07/tcl-em-mutirao-5.html>>. Acesso em: 17 out. 2015, p.1.

¹⁸⁸ BOFF, Leonardo. **Igreja: Carisma e Poder – Ensaio de eclesiologia militante**. 2.ed. São Paulo: Editora Record, 2010, p. 259-265.

nossa sociedade se reúnem em nome de Cristo e na escuta de sua Palavra de salvação e libertação, eles constituem concretamente, no nível da história, a Igreja de Jesus Cristo. [...] As comunidades eclesiais de base significam uma bênção de Deus para nossa história e constituem a resposta que a fé eclesial dá aos desafios do povo oprimido e crente. [...] Para o povo das bases, a fé constitui a grande porta de entrada para a problemática social. Seu compromisso social arranca de sua visão de fé. E não é que a fé tenha mudado. É que no confronto com os fatos da vida ela se revigora, se desdobra e se mostra tal como é: fermento de libertação. [...] A característica principal desta maneira de ser Igreja é a comunidade e a fraternidade. Todos são efetivamente irmãos, todos participam, todos assumem seus serviços. [...] As CEBs não são e nem podem ser guetos ou seitas. São comunidades abertas ao mundo, à sociedade. A leitura e a partilha do Evangelho que se pratica dentro delas leva-as a se orientar para a atuação social. Traz-se para dentro das CEBs toda a problemática que o povo sofre: desemprego, baixos salários, péssimas condições de trabalho, falta de condução e outros serviços básicos. [...] Nas CEBs ensaia-se um novo tipo de sociedade. É a partir de dentro dela que se procura superar as relações injustas que dominam na grande sociedade. Como? Através da participação direta de todos os membros, da partilha da responsabilidade, da direção e das decisões, através do respeito pelos mais fracos, através do exercício do poder como serviço. [...] Nas comunidades eclesiais de base não se fortalece somente a religiosidade do povo, o que já seria muito; é o lugar da criatividade da fé viva que encontra sua expressão adequada. Na comunidade se dá a unidade entre fé e vida. Por isso também se celebra a presença de Deus dentro da vida. Nas longas orações comunitárias se reza e se lembram de todos os problemas, as opressões, os opressores, as dificuldades, mas também as conquistas, os resultados alcançados e os projetos em curso.

Luís Mosconi¹⁸⁹ diz que o Documento de Aparecida reconfirmou o valor das CEBs: “As CEBs têm sido escolas que têm ajudado a formar cristãos comprometidos com sua fé, discípulos e missionários do Senhor” (n. 178). “As CEBs são expressão visível da opção preferencial pelos pobres. São fonte e semente de variados serviços e ministérios a favor da vida na sociedade e na Igreja” (n. 179). Porém, este autor diz que o texto original do Documento de Aparecida, aprovado em assembleia pelos bispos, continha afirmações ainda mais animadoras a respeito das CEBs, mas que desapareceram do documento oficial aprovado pela Santa Sé:

Enraizadas no coração do mundo, as CEBs são espaços privilegiados para a vivência comunitária da fé, mananciais de fraternidade e de solidariedade, alternativa à sociedade atual, fundada no egoísmo e na concorrência brutal...Queremos, decididamente, reafirmar e dar novo impulso à vida e à Missão profética e santificadora das CEBs, no seguimento missionário de Jesus. Elas têm sido uma das grandes manifestações do Espírito na América Latina e no Caribe depois do Concílio Vaticano II... Depois do caminho feito

¹⁸⁹ MOSCONI, Luís. **Santas Missões Populares**: uma experiência de evangelização voltada para o povo. 26. ed. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 32.

até agora, com avanços e dificuldades, é o momento de uma profunda renovação desta rica experiência eclesial em nosso continente, para que não percam sua eficácia missionária e sim a melhorem e a aumentem diante das contínuas novas exigências da época.

Em sua mensagem ao povo de Deus sobre as Comunidades Eclesiais de Base, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil¹⁹⁰ assim se expressou:

Queremos reafirmar que elas continuam sendo um “sinal da vitalidade da Igreja”. Os discípulos e as discípulas de Cristo nelas se reúnem para uma atenta escuta da Palavra de Deus, para a busca de relações mais fraternas, para celebrar os mistérios cristãos em sua vida e para assumir o compromisso de transformação da sociedade. Além disso, como afirma Medellín, as comunidades de base são “o primeiro e fundamental núcleo eclesial [...], célula inicial da estrutura eclesial e foco de evangelização e, atualmente, fator primordial da promoção humana. [...] São as relações de reciprocidade que, promovendo a solidariedade, que é a força dos pobres e pequenos, permitem que se diga que “gente simples, fazendo coisas pequenas, em lugares pouco importantes, consegue mudanças extraordinárias”.

3.2 A Opção pelos Pobres na Teologia Latino-Americana e Caribenha.

Para muitos, a primeira teologia latino-americana e caribenha é a que surgiu a 44 anos atrás, com a Teologia da Libertação; porém, o pensar teológico está presente na história latino-americana e caribenha, desde a primeira evangelização, onde o extermínio e a escravidão deixaram marcas profundas por todo o continente.

Dentro do cenário de uma Igreja da práxis libertadora, a Igreja na América Latina e no Caribe, desde Medellín, vem reforçando, aprofundando, a duras penas, a opção pelos pobres, sendo o eixo estruturante de toda a Igreja.

3.2.1 Hipóteses para uma história da teologia na América Latina e no Caribe.

Enrique Dussel¹⁹¹ apresenta hipóteses para uma história da teologia latino-americana e caribenha que apresentaremos brevemente: 1. O primeiro período – a teologia profética diante

¹⁹⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB. **Mensagem ao Povo de Deus sobre as Comunidades Eclesiais de Base**. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 6-8, (Documentos CNBB, 92).

da conquista e da evangelização: a conquista da América em 1492, não é somente um feito individual, mas também histórico-político. O papa Alexandre VI expediu a bula *Intercoetera* (1493), em favor dos reis católicos da Espanha, através da qual lhes era permitido evangelizar essas terras e sujeita-las ao seu domínio. Encobria o sentido real da práxis conquistadora. Os europeus dominaram os indígenas e os reduziram a mais horrível escravidão. A morte, o roubo, a tortura eram encobertos pela interpretação falsa e ideológica: a evangelização. As bulas pontifícias, desde 1493, davam uma justificativa sagrada à conquista da América, o que não influencia em nada no andamento do Concílio de Trento, por exemplo. Em contrapartida, profeticamente, foi Antonio de Montesinos OP (+ 1545) quem lançou em 1511 o primeiro grito-profético na América. Depois dele vieram Bartolomeu de las Casas (1474-1566), Josué de Acosta SJ (1539-1600) e Bernardino de Sahagún OFM (+ 1590) entre outros, que são os teólogos da primeira geração ou, pelo menos, são aqueles que enfrentaram a realidade de seu tempo com uma visão menos ideológica que seus companheiros de conquista ou evangelização. Para estes “teólogos da libertação” o pecado sócio-político era a conquista. 2. O segundo período – a teologia da cristandade colonial (1553 – 1808): é o período da segunda escolástica, cuja época se situa em torno do Concílio de Trento (1545-1563). Trento somente se preocupa com problemas germânicos e por nada se dá conta da enorme abertura que a aparição da África, da Ásia e da América produziu na Europa. A cristandade moderna, o cristianismo católico, se fecham sobre a Europa e começam a ficar cegos para outras culturas e povos. 3. O terceiro período – a teologia prático-política diante da emancipação neocolonial das oligarquias crioulas (a partir de 1808): desde 1760, começou na América espanhola um processo de formação e estudo das novas interpretações da teologia tradicional e das influências crescentes do Iluminismo, principalmente o francês. Se a teologia da cristandade foi imitativa, a desta época recupera, sem dúvida, algo da criatividade inicial da teologia na América. Trata-se de um novo momento não acadêmico, prático e político de reflexão, a partir de uma fé comprometida num processo de libertação e por isso não ideológico. 4. O quarto período – a teologia neocolonial na defensiva (até 1930): período da passagem de um pensamento conservador para outro liberal, e mesmo popular. Neste período, a teologia passa de mera recordação da teologia da cristandade colonial e da euforia dos decênios posteriores ao de 1809, a fechar-se numa posição tradicional conservadora, provinciana, sempre atrasada em relação aos acontecimentos (pelo menos até meados do século XIX). Os teólogos do Concílio Vaticano I tem influência direta sobre os numerosos estudantes de teologia que

¹⁹¹ DUSSEL, Enrique. **Hipóteses para uma história da teologia na América Latina (1492-1980)**. In: VV.AA. *História da Teologia na América Latina*. São Paulo: Edições Paulinas, 1981, p. 165-188.

viajavam para Roma. 5. O quinto período – a teologia da “nova cristandade” (a partir de 1930): se dá a passagem da teologia tradicional, reflexo das classes possuidoras dos campos, dos latifúndios e integristas para a teologia desenvolvimentista, reformista. É o período da crise de 1929. Nasce a terceira escolástica – a necessidade de estudos a partir de Tomás de Aquino. É uma teologia não acadêmica mas militante, no entanto não é diretamente política mas dualista. Em 1955 se dá o passo em direção à teologia desenvolvimentista assumindo o projeto burguês. Surge a Ação Católica. Fundação das faculdades católicas de São Paulo e do Rio de Janeiro (1947). É fundado o Conselho Episcopal Latino-Americano, no Rio de Janeiro (1955). Começa a mobilização latino-americana de todo tipo de movimentos, faculdades de teologia, seminários teológicos, movimentos de ação católica, sindicatos, etc. Lançam-se as bases do movimento bíblico onde aparecem novas edições da Bíblia. Porém, mesmo depois da Segunda Guerra Mundial, a produção teológica é imitação e aplicação da teologia europeia, sem algum conhecimento histórico e real da América Latina. 6. O sexto período – a Teologia da Libertação latino-americana (a partir de 1959): Este período tem quatro momentos discerníveis. Primeiro momento: de 1959 a 1968 – do anúncio do Vaticano II até Medellín, é o tempo de preparação e posição ainda bem desenvolvimentista. Segundo momento: de 1968 a 1972 – é o tempo da formulação da Teologia da Libertação e da atitude criativa diante de certas conjunturas que apontavam um caminho, embora dificilmente praticável em curto prazo. Terceiro momento: 1972 – reestruturação do CELAM; é o tempo de amadurecimento, de busca de tomada de consciência acerca de um profundo processo de libertação. Quarto momento: o anúncio da III Conferência do Episcopado latino-americano de Puebla, no México, em 1979.

A partir de Puebla indo até Aparecida, como já foi mencionado anteriormente, o cenário da Igreja latino-americana e caribenha começou a mudar radicalmente: há um retorno à Igreja Instituição com forte acento carismático; a escolha dos bispos obedecerá a critérios de fidelidade, obediência visível à Instituição, o tipo profético cederá lugar ao sacerdotal; diminuição das Comunidades Eclesiais de Base, aumento dos movimentos eclesiais; o uso da Bíblia mais como um oráculo do que aprofundamento da Palavra de Deus; a teologia será mais ignorada e indesejada do que controlada; exagero das vivências emocionais; uma espiritualidade não comprometida tornar-se-á o setor pastoral mais trabalhado; crescente fanatismo e fundamentalismo religioso.

3.2.2 Visão histórica da Teologia da Libertação.

Pablo Richard¹⁹² apresenta uma visão histórica da Teologia da Libertação separando-a em dois tempos históricos: um tempo de *nascimento e maturação* (1962-1989), e outro, de *redefinição, fortalecimento e expansão* (desde 1989). Se for considerado o *contexto eclesial*, o período de nascimento da teologia da libertação coincide com um tempo de reforma na Igreja católica, enquanto a redefinição acontece em um período de involução da Igreja, que busca explicitamente erradicar a teologia da libertação: 1. No período 1962-1989, a Igreja católica viveu um processo de autêntica reforma eclesial: o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) – a Igreja é o povo de Deus, não sua estrutura hierárquica. A Igreja subsiste na Igreja católica. Colegialidade episcopal. A Sagrada Escritura é o fundamento da Igreja e a alma da teologia. O magistério não está acima da Palavra de Deus, mas totalmente a seu serviço. A reforma litúrgica, o ecumenismo, a liberdade religiosa, os meios de comunicação e os direitos humanos. 2. Conferência de Medellín – 1968: no Sínodo dos Bispos em Roma sobre “a justiça no mundo” (1971) e na Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi* (1975), de Paulo VI, sentiu-se o impacto de Medellín em Roma. 3. Conferência de Puebla – 1979: reassume sem a radicalidade de Medellín a opção pelos pobres. 4. Para além dos grandes eventos aconteceram: a expansão das comunidades eclesiais de base, com seu método Ver-Julgar-Agir; a valorização da religião do povo e da cultura latino-americana; a renovação da vida religiosa; o fortalecimento dos movimentos de espiritualidade, testemunho e martírio; a busca de um ecumenismo libertador e militante; o fortalecimento de um diálogo com teólogos da África, Ásia e minorias oprimidas do Primeiro Mundo. 5. Os quatro elementos fundadores e constitutivos da teologia da libertação neste período: Opção pelos pobres – raiz e estrutura básica permanente de toda a teologia da libertação; Prioridade da práxis – a teologia da libertação como segundo ato; Espiritualidade – a teologia da libertação é uma teologia com Espírito, que nasce do encontro com o Deus dos pobres no interior de uma prática de libertação, sendo vivida na oração, na mística, na arte, no canto, na poesia, mas sobretudo no testemunho, o que levava muitas vezes ao martírio; Profetismo – a teologia da libertação e a Palavra de Deus – a teologia da libertação foi pensada como teologia bíblica e profética, não como teologia dogmática ou pastoral – assumiu o grito dos pobres e a defesa do projeto de Deus na Igreja e na sociedade. O segundo período é o da redefinição, fortalecimento e maturação da teologia da libertação, de 1989 até os dias atuais. É o tempo da involução na Igreja católica: a eleição de João Paulo II em 1978 ocasionou uma grande mudança na Igreja.

¹⁹² RICHARD, Pablo. **Força ética e espiritual da Teologia da Libertação** – no contexto atual da globalização. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 21 – 35.

A publicação de dois documentos sobre a teologia da libertação da Congregação para a Doutrina da Fé (ex-Santa Inquisição, ex-Santo Ofício) dirigida então pelo cardeal Joseph Ratzinger: *Libertatis nuntius* (1984) e *Libertatis conscientia* (1986). O momento decisivo de involução foi o Sínodo Extraordinário dos Bispos de 1985, quando se substituiu o conceito Igreja-povo de Deus pelo de Igreja-comunhão, substituição essa que abandona significativamente um eixo fundamental do Vaticano II. Na Conferência de Santo Domingo (1992) é evidente a involução na Igreja. O novo Código de Direito Canônico (1983) e o novo Catecismo da Igreja Católica (1992) sufocaram o Espírito do Concílio. O dogma, o poder e a lei absolutizados em um movimento de contrarreforma eclesial puderam mais que a teologia e o Espírito da reforma da Igreja inaugurada com o Vaticano II. Eis a raiz do conservadorismo católico atual. O abandono progressivo do Concílio Vaticano II significou o aparecimento igualmente progressivo da tradição institucional anterior, assegurada durante quatro séculos pelo Concílio de Trento (1545-1563) e Vaticano I (1869-1870).

3.2.3 O papado de Francisco e a Teologia.

No tempo atual, com o papado de Francisco há um retorno às fontes da teologia da libertação, retomando sua raiz fundadora, que é a experiência de Deus na opção pelos pobres, mas também uma exigência de criatividade para responder aos novos desafios.

A opção pelos pobres na teologia latino-americana e caribenha é o resultado de uma fé compromissada com os direitos humanos, a construção de uma nova sociedade, e com o Reino de Deus, por isso ganhou uma relevância inédita e temerária para aqueles que possuem o poder econômico e político. Na teologia latino-americana fé e vida, são termos fortemente entrelaçados e que se interpelam mutuamente, representando a nova aurora da práxis cristã e libertadora.

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*¹⁹³, em seu número 195, Francisco apresenta os pobres como critério-chave de autenticidade eclesial:

Quando São Paulo foi ter com os Apóstolos em Jerusalém para discernir “se estava correndo ou tinha corrido em vão” (Gl 2, 2), o critério-chave de autenticidade que lhe indicaram foi que não se esquecesse dos pobres (cf. Gl 2, 10). Este critério importante para que as comunidades paulinas não se deixassem arrastar pelo estilo de vida individualista dos pagãos, tem uma grande atualidade no contexto atual em que tende a desenvolver-se um novo

¹⁹³ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium – A Alegria do Evangelho* – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 161.

paganismo individualista. A própria beleza do Evangelho nem sempre a conseguimos manifestar adequadamente, mas há um sinal que nunca deve faltar: a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora.

A teologia é a ponte entre o ser humano e o Transcendente!

Toda teologia é a expressão de uma práxis e de uma espiritualidade, isto é, de uma forma de ser cristão e de seguir Jesus de Nazaré. A teologia, como já foi mencionado, é um discurso segundo com duplo sentido: 1. A teologia deve contar com os instrumentos teóricos das ciências sociais, que a ajudam a ler o complexo pergaminho da história; 2. A teologia é chamada a refletir a partir da nova prática dos cristãos frente aos desafios da realidade.

A teologia busca, portanto, na Palavra de Deus, na Doutrina Social da Igreja e na tradição teológica os elementos para entender e, ao mesmo tempo, iluminar essa prática; resultando numa reiterada potencialização da ação transformadora. E esta, por seu turno, também interpela e amplia o raio de conhecimento teórico da própria teologia.

Roger Haight¹⁹⁴ diz que:

A teologia é a interpretação da realidade à luz dos símbolos cristãos. Em termos mais gerais, a teologia é uma disciplina que interpreta o todo da realidade – a existência humana, a sociedade, a história, o mundo e Deus – nos termos dos símbolos da fé cristã.

[...] Os fundamentos da teologia cristã são a fé e a revelação; essas são suas fontes; a teologia baseia-se e emerge de uma fé religiosa que é informada pela revelação.

[...] A fé e a revelação são realidades distinguíveis, mas existem em unidade reciprocamente causada e são inseparáveis. Fé e revelação não são a mesma coisa. A fé é uma resposta e um compromisso humano; já a revelação é a atividade de Deus que encontra fundamento em sua presença à subjetividade humana. Nenhuma das duas, entretanto, existe formalmente sem a outra. Pois a revelação envolve a autocomunicação de Deus, que só se aperfeiçoa quando se lhe dispensa acolhida e resposta. E, conquanto a fé possa existir em uma gama de diferentes níveis, incluindo uma confiança básica difusa e uma abertura à própria realidade, só se torna formalmente fé em resposta a um objeto específico. Fé e revelação, portanto tornam-se uma só coisa na realidade. Constituem-se reciprocamente na relação existencial do Deus que se revela e dos seres humanos que respondem. É desse efetivo engajamento dos seres humanos com a transcendência divina que surge a teologia.

A teologia parte da fé e retorna à fé.

A teologia só pode ser compreendida a partir da fé de que Deus se mostra por inteiro, comunicando através da Revelação o seu projeto de Salvação para a humanidade. Revelação significa portanto, que Deus proclama quem ele é e firma um pacto com seu povo.

¹⁹⁴ HAIGHT, Roger. **Dinâmica da Teologia**. São Paulo: Paulinas, 2004, p.238-240.

O Papa Francisco¹⁹⁵ por ocasião do centenário da Pontifícia Universidade Católica Argentina escreveu uma carta, onde ele diz sobre a teologia e sobre o papel do teólogo:

Não se conformem com uma teologia de gabinete. O lugar das reflexões de vocês são as fronteiras. E não caiam na tentação de pintá-las, perfumá-las, ajustá-las um pouco e domesticá-las. Também os bons teólogos, como os bons pastores, cheiram a povo e a rua e, com sua reflexão, derramam unguento e vinho nas feridas dos homens.

A teologia deve ser a expressão de uma Igreja que é ‘hospital de campanha’, que vive sua missão de salvação e cura no mundo. A misericórdia não é apenas uma atitude pastoral, mas a substância mesma do Evangelho de Jesus. Animo-os para que estudem como, nas diferentes disciplinas – dogmática, moral, espiritualidade, direito etc. –, se pode refletir a centralidade da misericórdia. Sem misericórdia, a nossa teologia, o nosso direito, a nossa pastoral, correm o risco de cair na mesquinha burocrática ou na ideologia, que, por sua própria natureza, quer domesticar o mistério. Compreender a teologia é compreender a Deus, que é Amor.

O teólogo [...] deve ser uma pessoa capaz de construir em torno de si a humanidade, de transmitir a divina verdade cristã em uma dimensão verdadeiramente humana, e não um intelectual sem talento, um moralista sem bondade ou um burocrata do sagrado.

Na América Latina semelhante prática cristã foi influenciada pelo método de alfabetização e educação de Paulo Freire, infelizmente não colocado em prática como deveria ter sido no Brasil. O método parte da realidade, dela retira palavras-chaves do cotidiano das pessoas para desencadear o processo de aprendizado, que é igualmente o processo de libertação sociopolítica.

Na junção de ambas as práticas, parafraseando Paulo Freire, poder-se-ia dizer que ninguém educa ninguém e tampouco liberta ninguém; as pessoas se educam e se libertam mutuamente. É preciso reconhecer que livros como *Pedagogia do Oprimido*¹⁹⁶ e *Educação como prática da Liberdade*¹⁹⁷, ambos de Paulo Freire, marcaram decisivamente as comunidades cristãs que procuravam unir fé e vida. A interação permanente e recíproca entre comunidades eclesiais de base e a Teologia da Libertação abriu novos horizontes para a participação dos cristãos nas transformações socioeconômicas e políticas.

A história contada sobre a recepção do Concílio Vaticano II na América Latina é inseparável da teologia que as comunidades eclesiais de base foram vivendo e formulando pelo caminho: na direção dos pobres, junto aos pobres e a partir dos pobres.

¹⁹⁵ FRANCISCO. **Carta do Papa Francisco sobre a Teologia**. Disponível em: <<https://observatoriadaevangelizacao.wordpress.com/2015/03/10/carta-do-papa-francisco-sobre-a-teologia/>>. Acesso em: 20 dez. 2015, p.1.

¹⁹⁶ Cf. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

¹⁹⁷ Cf. FREIRE, Paulo. **Educação prática da Liberdade**. 34.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

Francisco¹⁹⁸ nos diz que o lugar privilegiado dos pobres é o coração de Deus e esclarece que:

Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus “manifesta a sua misericórdia antes de mais” a eles. Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem “os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus” (Fl 2, 5). Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma *opção pelos pobres*, entendida como uma “forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja”. Como ensinava Bento XVI, esta opção “está implícita na fé cristológica naquele Deus que Se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza”. Por isso desejo uma Igreja pobre para os pobres. Eles têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles.

A teologia é uma bússola para o cristão atuar no mundo a partir do amor e da esperança, um conhecimento que se abre a radicalidade do Reino de Deus e à defesa cotidiana da vida.

3.2.4 A Leitura Popular da Bíblia.

Não basta portanto, querer repetir modelos e métodos teológicos usados no passado: a teologia é uma reflexão atual acerca da fé apresentada ao ser humano completo, concreto e, assim, cada Igreja local, cada lugar, cada cultura irá requerer uma expressão teológica diferente. No caso de Nossa América, a Teologia da Libertação. Nós na Teologia da Libertação fomos embalados por essa linda passagem do livro do Deuteronômio: “*Hoje tomo o céu e a terra como testemunhas contra vós: eu te propus a vida ou a morte, a bênção ou a maldição. Escolhe, pois, a vida, para que vivas tu e a tua descendência...*” (Dt 30,19).

E podemos relembrar então aquela interpelação do ancião do Apocalipse: “*Estes, que estão vestidos com túnicas brancas, quem são e de onde vieram? Respondi: ‘Tu é que sabes, meu Senhor’. Ele então me disse: ‘Estes são os que vieram da grande tribulação. Lavaram e branquearam suas vestes no sangue do Cordeiro...E Deus enxugará toda a lágrima de seus olhos’*” (Ap 7,13-14.17b).

¹⁹⁸ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium – A Alegria do Evangelho* – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 163.

Rafael Rodrigues da Silva¹⁹⁹ nos diz que é difícil falar da leitura da Bíblia sem se referir a Leitura Popular da Bíblia instaurada por Frei Carlos Mesters e o CEBI (Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos):

A raiz deste novo modelo de Igreja está na certeza de que Deus vive e se revela no mundo dos pobres e nas suas lutas por libertação. Por isso, “o credo dos pobres” não consiste tanto em afirmar que Deus existe, mas sim proclamar com a vida que Deus caminha nos passos do povo, que Deus luta nas batalhas cotidianas dos humildes. Daí vemos que a Igreja dos pobres procura discernir entre o Deus verdadeiro e os falsos deuses. Portanto, a questão não é dizer que cremos em Deus, mas dizer em qual Deus cremos. A força do vento que carrega este barquinho eclesial é que o Deus da Bíblia toma partido em favor dos oprimidos. Esta constatação está presente em toda a Bíblia e se tornou motor, força e luz para descobrir a presença de Deus hoje.

[...] Nas décadas de 1970 a 1990 vimos florescer aos poucos a Leitura da Bíblia a partir do povo, tanto nas academias de teologia, nas Comunidades Eclesiais de Base e nos movimentos e pastorais sociais.

Frei Carlos Mesters, qual andarilho da Palavra e caixeiro-viajante divulgou o seu método de leitura da Bíblia a partir de três ângulos: Realidade – Texto – Comunidade. Sua leitura, apresentada como “Flor sem Defesa” em sua obra *Por Trás das Palavras*. Aliás, é uma obra fundamental sobre a leitura da Bíblia a partir do povo no processo do aggiornamento da Igreja e na tarefa de uma leitura ecumênica, militante e libertadora da Bíblia.

[...] A leitura da Bíblia feita pelos pobres nas suas comunidades se orienta pelos seguintes critérios: primeiro, os pobres levam para dentro da Bíblia os problemas da sua vida, ou seja, leem a Bíblia a partir de sua realidade e luta; segundo, fazem uma leitura obediente e respeitam o texto, pois se colocam à escuta do que Deus tem a dizer; e, terceiro, é uma leitura feita em comunidade, pois representa um ato de fé, uma prática orante e uma atividade comunitária.

Mercedes Lopes²⁰⁰ nos diz que a leitura popular da Bíblia feita nas comunidades da América Latina é uma novidade por sua ligação entre a fé e a vida cotidiana. Surgiu nas comunidades eclesiais de base, possibilitando aos pobres fazer sua própria experiência de Deus:

Ali, a Palavra de Deus foi ligada à realidade do povo, tornando-se portadora de uma promessa de vida nova. O movimento foi como uma semente que, lançada na boa terra, cresceu na coesão dos grupos e na busca conjunta de soluções vitais. A realidade, o texto bíblico e as comunidades foram as estacas que ajudaram a planta a firmar-se. Então as flores se abriram: a

¹⁹⁹ SILVA, Rafael Rodrigues da. **A leitura da Bíblia e a teologia da libertação**. In: AUGUSTO, Adailton Maciel (Org.). *Teologia da Libertação no Brasil – História, Memória e Utopia*. Piracicaba: Biscalchin Editor, 2015, p. 191 – 195.

²⁰⁰ LOPES, Mercedes. **Semente de esperança – a leitura popular da Bíblia nas Comunidades da América Latina**. Concilium, Petrópolis, n. 335, p. 72 – 84, jul./dez. 2008.

Bíblia está sendo reapropriada pelos pobres, surgiram as hermenêuticas de gênero, negras, indígenas e a busca de novas masculinidades.

[...] A leitura da Bíblia ligada à realidade e o compromisso de lutar para modificar as situações injustas, gera relações de amizade e companheirismo. São essas relações de proximidade e cumplicidade que ajudam as CEBs a fazer uma experiência de Deus próximo, que escuta o grito dos pobres, que caminha com seu povo oprimido.

Ao elencarem alguns critérios e o método da leitura popular da Bíblia, Carlos Mesters e Francisco Orofino²⁰¹, destacam:

1. A Bíblia é reconhecida e acolhida pelo povo como *Palavra de Deus*. Esta fé já existia antes da chegada do que se convencionou chamar *leitura popular*. É nesta raiz antiga que se enxerta todo o nosso trabalho com a Bíblia junto do povo. Sem esta fé, todo o método teria de ser diferente. “Não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz sustenta a ti” (Rm 11, 18).

2. Ao ler a Bíblia, o povo das Comunidades traz consigo a sua própria história e tem nos olhos os problemas que vêm da realidade dura da sua vida. A Bíblia aparece como um espelho, “sím-bolo” (Hb 9, 9; 11, 19), daquilo que ele mesmo vive. Estabelece-se uma ligação profunda entre Bíblia e vida que, às vezes pode dar a impressão de um *concordismo* superficial. Na realidade, é uma leitura de fé muito semelhante à que faziam as primeiras comunidades (cf. At 1, 16-20; 2, 29-35; 4, 24-31) e os Santos Padres.

3. A partir desta ligação entre Bíblia e vida, os pobres fazem a descoberta, *a maior de todas*: “Se Deus esteve com aquele povo no passado, então Ele está também conosco nesta luta que fazemos para nos libertar. Ele escuta também o nosso clamor!” (cf. Ex 2, 24; 3, 7). Nasce, assim, imperceptivelmente, uma nova experiência de Deus e da vida que se torna o critério mais determinante da leitura popular e que menos aparece nas suas explicitações e interpretações. Pois o olhar não se enxerga a si mesmo.

3.2.5 A Teologia da Libertação e a Teologia do Povo.

Em Nossa América, onde nasceu a Teologia da Libertação, sempre houve, desde os primórdios da conquista e colonização luso-espanhola, movimentos de libertação e de resistência. Indígenas e Africanos, escravizados e marginalizados, resistiram contra a violência da dominação ibérica, apoiados por poucas vozes dentro da própria Igreja, que também acabaram sendo perseguidas ou mal vistas, criando redutos de liberdade, como as reduções e os quilombos, encabeçaram movimentos de rebelião e de independência. Apesar da dominação branca e da contradição com o Evangelho, nunca se perderam na América Latina e no Caribe os sonhos de liberdade.

²⁰¹ MESTERS, Carlos. OROFINO, Francisco. **Crítérios e Método da Leitura Popular da Bíblia**. In: BEOZZO, José Oscar. O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas. São Leopoldo: UNISINOS, 2015, p. 11.

Três anos depois do encerramento da Conferência de Medellín, em 1971, é publicado em Lima, no Peru, o livro do padre dominicano Gustavo Gutiérrez: ***Teologia da Libertação – Perspectivas***. No mesmo ano no Brasil, sem se conhecerem, o então frei franciscano Leonardo Boff publica: ***Jesus Cristo Libertador***, primeiramente em forma de artigos para uma revista católica, sendo editado como livro um ano depois. Em El Salvador, o mártir Ignacio Ellacuría publica um artigo intitulado: ***Liberación: misión y carisma de la iglesia latino-americana***. No Uruguai, Hugo Assmann também publica o livro coletivo: ***Opresión-liberación: desafío de los cristianos***. Muitas outras obras vieram depois destas que inauguraram a grande história da teologia da libertação na América Latina e Caribe e por todo o Mundo. Muitas questões foram colocadas na ordem do dia com o objetivo de alargar o horizonte da teologia da libertação, já que ela não se apresenta acabada, mas se quer sempre em construção.

Só entendem a Teologia da Libertação dois tipos de pessoas: os pobres e os que lutam pela justiça, isto é, aqueles que têm fome de pão e aqueles que têm fome de justiça.

A teologia da libertação é um fato social e eclesial que acompanha as mudanças de paradigmas da sociedade e da Igreja, quer esteja na mídia ou nos altares, sua reflexão se faz necessária e cada dia mais profética.

João Batista Libanio²⁰² diz que:

A teologia da libertação foi antes de tudo, uma libertação da teologia. Ela quer ser uma teologia para a nossa situação e não simples xerox da teologia de outros países. Ao querer ser uma teologia para a América Latina, ela parte dos problemas da América Latina. Ora, o maior problema que nós vivemos é a situação de opressão, de exploração das grandes massas populares. E a única maneira de superar uma situação de dominação é lutar pela libertação. Queremos, como cristãos, embarcar nessa luta pela libertação, motivados e iluminados pela nossa fé. Pois bem, a TdL quer ser esta teologia que motiva e ilumina o cristão na luta pela libertação. Por isso se chama Teologia da Libertação. Ela não organiza, nem faz a libertação. Isso fazem os homens e mulheres que estão lutando. Ela quer simplesmente ajudar esses homens e mulheres, que são cristãos, a verem o que a sua fé diz sobre tal luta, motivando-a, iluminando-a, criticando-a nos pontos em que possa ter entrado algo de anticristão. O papel da TdL é muito importante para sustentar a fé do cristão comprometido. Pois vimos com tristeza no passado muitos cristãos que, ao engajarem-se na luta, perderam a fé. E isso porque não viram como a fé podia clarear-lhes a luta. Não há oposição entre fé e política, entre fé e luta libertadora, entre fé e compromisso social. Mostrar isso é uma das maiores tarefas da TdL.

²⁰² LIBANIO, João Batista. **Teologia da Libertação**. Disponível em: <<http://www.jbllibanio.com.br/>>. Acesso em: 27 jun. 2015, p. 1.

Sua eficácia está em gerar um novo tipo de cristão: o pé no chão. Aquele que é engajado na luta pela defesa da vida ao lado dos oprimidos e disposto à mudança de valores na sociedade, à ideia da revolução solidária não-violenta, e ao sonho de um ser humano novo, mulher e homem, mantendo sua fé e sua esperança.

Para os pobres, para os marginalizados, para os excluídos, a Igreja deve assumir e reassumir sua missão profética em prol da libertação de todas as formas de violência contra o ser humano na Nossa América. Proclamar a libertação é realizar o sonho central de Jesus: “O ladrão só vem para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida, uma grande vitalidade”. (Jo 10, 10). Este é o horizonte proposto pela teologia da libertação para toda a Igreja.

A questão de fundo da teologia da libertação não é a teologia, mas a libertação.

Gustavo Gutiérrez²⁰³ afirma:

A teologia da libertação nasceu do desafio que representa para a fé a pobreza geral e desumana existente na América Latina e no Caribe. Por esse motivo, seus primeiros esboços tomaram a forma de uma reflexão acerca do significado bíblico dos diferentes tipos de pobreza, bem como de uma consideração, à luz da fé, do compromisso evangelizador dos cristãos e de toda a Igreja com os pobres.

Depois de 44 anos de existência, desafios e perseguições, é preciso fazer referência aos grandes eixos da teologia da libertação²⁰⁴, que precisam ser relidos no novo contexto em que vivemos:

A teologia como momento segundo (Gustavo Gutiérrez). Nesta formulação está a primeira caracterização do método da Teologia da Libertação: a teologia como reflexão da práxis, à luz da fé. Diante disso, cabe perguntar-se por onde vão as práticas sociais e eclesiais hoje? São elas que dão a matéria-prima para a reflexão teológica. Sem práticas libertadoras, morre a Teologia da Libertação.

A Teologia da Libertação como teologia do cativo (Leonardo Boff). Ainda nos anos de 1970, advertia ele que “a libertação é um ideal não dos vencedores, mas dos vencidos; um movimento de resistência no exílio”. Como resistir e reconstruir a esperança em tempos de crise das utopias e de franca involução eclesial?

A teologia como *intellectus misericordiae* (Jon Sobrino). “*Extra pauperis nulla salus*”, porquanto a “opção pelos pobres radica na fé cristológica” (Bento XVI). Quais as consequências da opção pelos pobres para a vivência

²⁰³ GUTIÉRREZ, Gustavo. **Onde dormirão os pobres?** 3. ed. São Paulo: Paulus, 2003, p. 29.

²⁰⁴ BRIGHENTI, Agenor. HERMANO, Rosário (Orgs.). **A Teologia da Libertação em Perspectiva**. São Paulo: Paulinas. Paulus, 2013, p. 25.

cristã nos tempos atuais e particularmente para o teólogo, em sua tarefa de elevar o grito dos pobres ao conceito da fé?

A Teologia da Libertação como libertação da teologia (Juan Luis Segundo). Dizia ele: “Historicamente, o cristianismo apoiou a dominação, mas deve apoiar a libertação”. Nesta perspectiva, perguntava-se Clodovis Boff: “Se a teologia não serve para libertar o povo, a quem ela serve? É sal que perdeu a sua força”. Como manter o caráter militante e profético da teologia no novo contexto em que vivemos?

A Teologia do Povo é uma linha teológica que surgiu na Argentina após o Concílio Ecumênico Vaticano II e da Conferência de Medellín, como uma interpretação da Teologia da Libertação desde a perspectiva dos mais pobres, do povo. Entre os principais teólogos estão Lucio Gera, Rafael Tello, Justin O’Farrel, Carlos Maria Galli e Juan Carlos Scannone.

Após o Vaticano II, a Teologia da Libertação surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. Entre os principais teólogos estão Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff, Carlos Mesters, José Oscar Beozzo, Jon Sobrino entre outros.

Lucio Gera²⁰⁵ explica como nasceu a teologia argentina do povo:

A teologia do povo nasceu em um contexto determinado, como teologia situada que brota de uma realidade histórica concreta, como reflexão que busca discernir os sinais de Deus nos tempos do país. Com efeito, a experiência histórica argentina e seus movimentos populares se encontram em primeiro lugar entre as grandes causas que inspiram o interesse pelo povo, sua cultura, sua religiosidade nesta teologia: “existe uma experiência que vem através do discurso político. Evidentemente, através do peronismo, do movimento nacional popular...”.

Uma segunda causa é a condição sociocultural daqueles que estão numa busca teológica coletiva na Argentina: a experiência imigratória. O imigrante está obrigado a perguntar por sua identidade – quem é definitivamente – e a eleger uma identidade.

Uma terceira causa importante para a teologia argentina, o Concílio Vaticano II é assinalado enfaticamente, pois a partir do Vaticano II é que surgiu a teologia em toda a América Latina, também por seu caráter pastoral, uma das razões por ter interesse imediato de recepção no país. A partir do Concílio o desenvolvimento de uma interpretação da realidade eclesial e política argentina.

Para Leonardo Boff²⁰⁶ as diferenças entre as duas teologias são de método, não de conteúdo nem de objetivos. Ambas se propõem à libertação.

²⁰⁵ GERA, Lucio. **La Teología Argentina del Pueblo**. Santiago de Chile: Edições Universidad Alberto Hurtado. Centro Teológico Manuel Larraín, 2015, p. 13-14.

²⁰⁶ BOFF, Leonardo. **O amor e a misericórdia são categorias centrais da teologia e prática de Francisco**. IHU ON-LINE, São Leopoldo, n. 465, p. 47-51, mai. 2015.

A Teologia do Povo parte do povo oprimido ou da cultura silenciada e busca a libertação através da potencialização dos valores vividos pelo povo, com seu *ethos* próprio, suas festas e tradições. A Teologia da Libertação, como veio formulada, primeiramente, por Gustavo Gutiérrez, se preocupava, antes de tudo, na identificação das causas que levaram o povo a ser oprimido. Para isso se utilizaram de forma meramente instrumental, sem incorporar a ideologia subjacente, das categorias da tradição crítica, elaborada principalmente por Marx. Este mostrava que o pobre, na verdade, é feito pobre, é um empobrecido como consequência da exploração que a classe capitalista faz sobre a classe operária.

A versão argentina evita a questão de classe, parte do povo oprimido como um dado imediato, sem precisar identificar as causas que o levaram a esta situação. Talvez tenha evitado o recurso da tradição crítica para evitar a desconfiança e perseguição dos militares que se opunham a qualquer sinal que denotasse presença de categorias marxistas. Mas essa é uma interpretação minha. Cabe enfatizar que estas teologias não se opõem, mas se compõem. E, também, nem uma quer ser alternativa à outra, pois ambas assumem os mesmos objetivos.

Francesco Strazzari²⁰⁷ sobre a Teologia da Libertação dirá;

A Teologia da Libertação não é um bloco unitário. Rosino Gibellini escreve que “nela é possível identificar diversas correntes que, segundo uma análise cuidadosa (a referência é ao teólogo argentino Juan Carlos Scannone), se poderia reduzir a 4: 1) teologia a partir da práxis pastoral da Igreja: é uma teologia da libertação em sentido lato, cuidando dos aspectos pastorais e espirituais da libertação e menos dos aspectos culturais e sociopolíticos; 2) teologia a partir da práxis dos povos latino-americanos (é representada por alguns teólogos argentinos como Lucio Gera, Juan Carlos Scannone): privilegia os aspectos culturais do *ethos* popular e menos os aspectos sociopolíticos; 3) teologia a partir da práxis histórica: é a corrente que coloca totalmente em prática a descrição que demos anteriormente e que agrega os principais representantes da Teologia da Libertação: ela insta, no contexto da libertação integral, a relevância dos aspectos sociopolíticos da libertação; 4) teologia a partir da práxis dos grupos revolucionários: nela prevalece o discurso sobre a ação política revolucionária dos grupos cristãos.

Na opinião de Scannone²⁰⁸ são estes os pontos da teologia argentina: 1. *O povo de Deus nos povos do mundo* – é uma eclesiologia inculturada, conduzida no interior da história do povo argentino com a categoria do intercâmbio para concluir o que o povo de Deus é povo dos povos. 2. *A catolicidade* do povo de Deus se enraíza na encarnação do povo de Deus nos povos. 3. *O método ver-julgar-agir*. O tecido social não é mais aquele dos anos passados. Busca-se uma mediação sociocultural entre a sabedoria popular, e as contribuições da ciência e das tecnologias modernas. 4. *A piedade popular*: o ponto de referência é a religiosidade

²⁰⁷ STRAZZARI, Francesco. **Para conhecer o Papa Francisco**. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 115.

²⁰⁸ Ibidem, p. 118-119.

popular das comunidades eclesiais de base, os círculos bíblicos, as peregrinações de jovens etc.

O fato é que ambas as teologias, seja ela a da Libertação ou a do Povo, fazem suas reflexões e apontamentos a partir do povo excluído, portanto ambas fazem uma clara opção pelos pobres.

3.3 A relação atual entre Teologia e Literatura.

Graças ao Concílio Ecumênico Vaticano II, o objetivo maior foi a abertura da Igreja ao diálogo com a cultura contemporânea, o diálogo entre teologia e literatura pode acontecer.

Há de fato uma ponte que nos permite entender esta ligação entre teologia e literatura. Uma não poderá ser reduzida ao mesmo tamanho da outra para possibilitar o diálogo. Ambas possuem um poder de provocação e de revelação do ser humano. No mais profundo da vida podem encontrar Deus!

O diálogo entre teologia e literatura adquiriu um novo status a partir da *Gaudium et Spes*, a constituição conciliar que tem como objetivo central a abertura da Igreja ao diálogo com a cultura contemporânea.

A *Gaudium et Spes*²⁰⁹ em seus números 55 e 62 sabiamente adverte:

Cresce cada vez mais o número dos homens e mulheres, de qualquer grupo ou nação, que têm consciência de serem os artífices e autores da cultura da própria comunidade. Aumenta também cada dia mais no mundo inteiro o sentido da autonomia e responsabilidade, o qual é de máxima importância para a maturidade espiritual e moral do gênero humano. O que aparece ainda mais claramente, se tivermos diante dos olhos a unificação do mundo e o encargo que nos incumbe de construirmos, na verdade e na justiça, um mundo melhor. Somos assim testemunhas do nascer de um novo humanismo, no qual o homem se define antes de mais pela sua responsabilidade com relação aos seus irmãos e à história.

[...] A literatura e as artes são também, segundo a maneira que lhes é própria, de grande importância para a vida da Igreja. Procuram elas dar expressão à natureza do homem, aos seus problemas e à experiência das suas tentativas para conhecer-se e aperfeiçoar-se a si mesmo e ao mundo; e tentam identificar a sua situação na história e no universo, dar a conhecer as suas miséria e alegrias e necessidades e energias, e desvendar um futuro melhor. Conseguem assim elevar a vida humana, que exprimem sob muito diferentes formas, segundo os tempos e lugares.

Por conseguinte, deve trabalhar-se por que os artistas se sintam compreendidos, na sua atividade, pela Igreja e que, gozando duma conveniente liberdade, tenham mais facilidade de contatos com a

²⁰⁹ CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes – Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no Mundo de Hoje*. 17.ed. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 77. 86-87.

comunidade cristã. A Igreja deve também reconhecer as novas formas artísticas que segundo o gênio próprio das várias nações e regiões se adaptam às exigências dos nossos contemporâneos.

Trata-se porém de uma perspectiva nova, tem apenas 21 anos, sendo assim, o diálogo entre a teologia e a literatura ainda hoje é olhado com desconfiança por diversos setores do mundo acadêmico; para muitas pessoas é como se essa relação fosse uma traição ao primeiro amor.

Relembrando: teologia, do grego *teologia*: ciência dos deuses. É o estudo das questões referentes ao conhecimento da divindade, de seus atributos e relações com o mundo e com os seres humanos, e com a verdade religiosa. É o estudo racional dos textos sagrados, dos dogmas e das tradições do cristianismo. É a linguagem posterior à Revelação e à Fé.

Literatura é a arte verbal. Expressa-se por meio da palavra em contraste com os sinais visuais da pintura, da escultura, da música. A literatura tem o poder de seduzir, de interpelar, provocando e revelando o mais profundo do ser humano. É um poder que se manifesta na capacidade que ela tem de penetrar nas entrelinhas da existência humana levando a pessoa a se interrogar, se descobrindo e abrindo novas possibilidades de se situar no mundo, na relação com os outros e com o próprio Deus.

Antonio Manzatto²¹⁰ argumenta:

Entre as artes, a humanidade reserva um lugar especial e de destaque para a literatura. Ela fala à imaginação humana mais que a seus sentidos, e por isso atrai de um modo diferente daquele das outras artes; na literatura se veem realidades, se ouvem sons, se sentem cheiros, gostos, toques, tudo ao mesmo tempo e por obra da imaginação do leitor que reelabora, em sua mente, a obra artística. [...] A bem da verdade, a recente aproximação entre teologia e literatura é fruto, no mais das vezes, de trabalhos e esforços de teólogos e teólogas, e isso não por ausência de interesse por parte dos literatos, mas porque estes não se sentiam distantes das questões teológicas ou religiosas, uma vez que tais assuntos têm relação com a compreensão humana de si, da vida e do mundo, e esse é o ambiente próprio do trabalho literário. O diálogo entre teologia e literatura interessa a ambos, teólogos e literatos.

O objetivo é o de criar pontes e observar o encontro de águas que não se misturam, mas que irão desembocar no mesmo mar: o ser humano, com carinho, os pobres.

Vivemos uma era secularizada caracterizada por real distanciamento do sagrado de um lado, e por outro uma exagerada procura de *religare*, com frequência sem identificação

²¹⁰ MANZATTO, Antonio. **Pequeno panorama de teologia e literatura**. In: MARIANI, Ceci Baptista. VILHENA, Maria Angela. Teologia e Arte – expressões de transcendência, caminhos de renovação. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 87-88.

alguma com instituições, a partir de um individualismo e relativismo cada dia maiores. A partir da perspectiva da literatura caminhos diferentes se encontram e se complementam, dando-nos a certeza de que grandes santos não foram teólogos e mesmo assim teologaram; e que grandes escritores foram e são exímios evangelizadores sem tomar qualquer defesa desta ou daquela fé. O importante é o respeito, o diálogo e o encontro que ambos os caminhos traçaram para falar do Deus dos pobres.

Antonio Manzatto²¹¹ na obra que inaugura no Brasil o debate entre teologia e literatura nos diz:

A literatura é uma arte. Como todas as artes, ela é um meio de expressão que visa a uma comunicação. É claro que a arte é muito mais que um simples meio de comunicação, mas ela também comunica. Assim sendo, ela exige um emissor (autor), um receptor (leitor), um código (escrita), uma mensagem e um meio de comunicação (obra, que é ao mesmo tempo meio e mensagem). [...] Por isso a literatura é simbólica. Faz alusão ao real, mas ela não fala do real, ao menos não em um senso primeiro e evidente: ela faz apelo à significação. Ela alude à realidade, evoca a realidade, representa o real e, assim, interpreta, compreende e conhece a vida, o homem, o mundo. [...] Ela faz apelo à hermenêutica, à interpretação; o artista mostra, por sua obra simbólica, uma certa compreensão ou interpretação da vida, do homem, do mundo.

A literatura tem muito a contribuir para o pensamento teológico, sem prévia instrumentalização, mas percebendo como a poesia pode influenciar este pensamento, não somente contemplando Deus e seu mistério. Não é novidade nenhuma para a literatura pensar a teologia, pois muito da experiência do sagrado vivida pelos pobres do Israel bíblico e que se tornou nossa herança com Jesus de Nazaré, se transmitiu por via literária, em seus textos fundadores, em seus mitos fundantes de cultura. Para a teologia o processo não é tão simples, por ser uma ciência, entende-se como portadora de um conhecimento absoluto e que utiliza de outras formas e maneiras de expressão.

José Carlos Barcellos²¹² confirma:

Nos últimos anos, registra-se um crescente interesse pela aproximação entre literatura e teologia, tanto no âmbito dos estudos literários, quanto nos dos estudos teológicos. Para os estudos literários, a abertura à teologia constitui um passo importante no processo de superação de uma pesada herança que vem do positivismo e passa, entre outros momentos, pelo estruturalismo e

²¹¹ MANZATTO, Antonio. **Teologia e Literatura** – reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Loyola, 1994, p. 16-21.

²¹² BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e Teologia**. ALMEIDA, Edson Fernando de. LONGUINI, Luiz. (Orgs.). Teologia para quê? – Temas teológicos contemporâneos. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 113.

pelo marxismo, tendo como denominador comum uma visão bastante reducionista do ser humano, ao qual se amputa de modo arbitrário qualquer dimensão de abertura ao mistério e à transcendência. Para os estudos teológicos, por sua vez, o apelo à literatura pode ser um precioso instrumento de contato com a experiência humana e cristã, para além dos aportes – e dos eventuais limites – da filosofia e das ciências humanas.

Maria Clara Bingemer²¹³ diz que há uma afinidade constitutiva e uma irmandade ancestral entre teologia e literatura. Graças à espiritualidade, ambas decorrem da inspiração. Atraindo-se como dois polos relacionais, ambas as disciplinas fazem o ser humano mais humano e a vida mais bela e digna de ser vivida.

Foi assim que Patativa do Assaré²¹⁴ fez esta ponte entre literatura e teologia:

Eu sei por experiência,
pois desde a minha inocência,
nesta estrada, a Providência
dirigiu os passos meus.
A vida vivo gozando,
Sempre amando e admirando
As maravilhas de Deus.

[...] Nasci dentro da pobreza
e sinto prazer com isto,
por ver que fui com certeza
colega de Jesus Cristo.

A poesia de Patativa do Assaré por muito tempo até o lançamento de seu primeiro livro em 1956, *Inspiração Nordestina*; foi apenas voz acompanhada ao som de uma viola, feita canção, mas sempre sobressaiu a poesia como expressão de uma tradição oral muito forte no povo nordestino.

O Brasil, a América Latina e Caribe produziram grandes teólogos, perseguidos ou não por causa da evangélica opção pelos pobres e da Teologia da Libertação; sem dúvida produziram grandes autores de literatura, que militando ou não em um partido político, não deixaram de lado suas atividades e preocupações políticas, principalmente aquelas referentes à vida dos pobres e de todos os discriminados que se encontram todos os dias pelas ruas de nossas capitais. Por causa da literatura, que estes autores fizeram, é que se encontrou o lugar legítimo de uma expressão fiel do pensamento latino-americano, caribenho e brasileiro,

²¹³ BINGEMER, Maria Clara. **Teologia e literatura (afinidades e segredos compartilhados)**. Vida Pastoral: maio-junho. São Paulo: Paulus, 2014, p. 3-8.

²¹⁴ ASSARÉ, Patativa do. **Digo e não peço segredo**. São Paulo: Escrituras, 2001, p. 35.

globalizado e da vida. É neste ponto da transparência da realidade hodierna que se encontram a teologia e a literatura.

Alex Villas Boas²¹⁵ neste sentido diz que:

Ao se falar de Teologia e Literatura já se supõe um longo caminhar, que se pode dizer muito mais pavimentado pela pesquisa acadêmica – seja por parte da teologia, seja por parte da Literatura – do que um caminho pioneiro de desbravamento incerto. No entanto, no presente encontro, mesmo consciente das conquistas já realizadas e das sendas abertas pelos viajantes pioneiros deste percurso, acredita-se que não há um caminho pronto, tampouco um rumo certo e que assim acreditar pode mais indicar que se está perdido, prestes a perceber que aquilo que se tomou como pré-concebido é tão somente um mapa, e como tal não conduz senão aonde já chegaram, sem avançar, por medo de errar, de ser errante. O caminho de cada um não é senão a soma de erros e acertos, de tentativas que nem sempre se medem pelo balanço positivo dos acertos sobre os erros, mas alcança êxito ao tirar dos erros cometidos lições para corrigir a rota, onde o acerto encontrado pode compensar todo erro da procura. [...] Entretanto, ainda que o olhar de aproximação dos *sujeitos* sejam diferenciados, comungam de um mesmo *objeto* de análise, a saber, o antropológico. É de um sentimento de responsabilidade com o ser humano que nasce essa relação *trans-subjetiva* entre Teologia e Literatura de procurar melhor entendê-lo. Assim, mesmo que cada área continue a mesma, também é verdade que não permanecem do mesmo modo, sem que para isso seja necessário que a Teologia *batize* a literatura, ou esta desabone os pressupostos da Teologia, para que seja autêntica literatura. O propósito de ambas é um só: a vida com toda a sua complexidade.

A opção pelos pobres a partir de uma perspectiva de interpretação literária ainda não foi suficientemente debatido, mas nem por isso, deixa de ser uma perspectiva importante. Sem a sensibilidade que nasce da arte que é a literatura, não há como sentir o Deus dos pobres. Por nos esquecermos disso, é que a teologia tem falado muito da Igreja, da religião do outro, do mercado, mas muito pouco mesmo de Deus e do seu amor por sua criação. A literatura vem para recuperar isso, pois só o ser humano consegue interpretar o ser humano. Somos textos, estamos aí para sermos interpretados.

Depois da publicação da obra de Antonio Manzatto, *Teologia e Literatura*, o respeito, o diálogo e o encontro destes dois campos de atividade começam a crescer e a tomar corpo nos meios acadêmicos de todo o país, gerando muitas publicações e grupos de estudo e pesquisa, que trabalham as relações entre elas, mostrando o quanto é fecundo este chão onde foram semeadas, adubadas, dão/deram frutos e que são colhidos também além das fronteiras do Brasil.

²¹⁵ VILLAS BOAS, Alex. **Teologia e Poesia** – a busca de sentido em meio às paixões em Carlos Drummond de Andrade como possibilidade de um pensamento poético teológico. Sorocaba: Create Editora, 2011, p. 13-14.

Antonio Magalhães²¹⁶ deixou como marca o método da correspondência, ele olhou para a Bíblia como produção literária que pode ser lida de maneira livre, sem normas ou dogmas que amarram o texto. Neste método ele discorda da superioridade da teologia sobre a literatura e vice versa. Entre teologia e literatura não há contradição. Por isso, no método da correspondência, se reconhecem possíveis diferentes motivações de textos religiosos e de textos literários. A correspondência é um ato permanente dentro da experiência religiosa, visto que o crente se sente participando da dinâmica do texto, e este passa a ser parte integrante de sua vida. É uma dinâmica textual na relação entre literatura e teologia, permitindo que ambas se pertençam na interpretação do sentido e do mistério profundo. Recorda-nos que é preciso destacar quais são os horizontes para trabalhos futuros que venham desenvolver teses e pesquisas em torno desse tema, e das relações que estabelecemos entre teologia e literatura.

O desafio constante é o de não cessar o diálogo entre teologia e literatura, através de aprofundamentos em ambos os campos, criando assim, grupos interdisciplinares que possam pensar juntos o melhor caminho a ser percorrido.

O Deus da vida é o Deus dos pobres? Sim. Mas também é o Deus das narrativas!

Reinterpretar Deus, só assim iremos compreender de uma vez por todas a teologia como lugar literário e a literatura como lugar da revelação.

Permanece portanto aberta a pesquisa, os debates e as discussões sobre os métodos e metodologias que possibilitam a aproximação, o diálogo e a interação entre a literatura e a teologia. É necessária a possibilidade de leituras múltiplas nas duas áreas, desafiando assim, nossa humanidade, cobrando um posicionamento do cristianismo e de suas reflexões teológicas, como também, de outras religiões onde está acontecendo este diálogo.

A multiplicidade presente neste diálogo é educativa pois favorece a possibilidade de convivência pacífica dos diferentes, educando assim, o pensamento no sentido de conviver nas diferenças sem impor um caminho único para produção e difusão do conhecimento.

Afinal, existem múltiplas leituras possíveis da literatura. Por causa destas múltiplas leituras é que o poeta Patativa do Assaré pode ser estudado, enquanto representante da opção pelos pobres, um tema fundante e hodierno na teologia latino-americana e caribenha (na Teologia da Libertação e na Teologia do Povo), mesmo não sendo o poeta um teólogo. Patativa do Assaré procurou ser sempre coerente com suas escolhas; dentre elas nunca abriu mão da verdade, da justiça e da liberdade. Pode-se afirmar que no fundo, não importa tanto a

²¹⁶ MAGALHÃES, Antonio. **Deus no espelho das palavras** – Teologia e literatura em diálogo. 2.ed.rev.amp.São Paulo: Paulinas, 2009, p. 225.

teologia e a literatura, mas sim a libertação do povo, a realização da justiça que leve o povo a viver com dignidade e em fraternidade.

CONCLUSÃO

Nestes dias em que vivemos um retorno de práticas impregnadas do fundamentalismo e do fanatismo religioso, de ideias medievais, de intolerância e desrespeito com o diferente, falar sobre a Opção pelos Pobres é querer enfrentar a fúria de setores conservadores, por vezes, reacionários e violentos; é querer fazer muitos inimigos e ser taxado de comunista, de herege, de anticatólico. Mesmo com todos os pedidos, sinais e gestos feitos pelo Papa Francisco, desde sua posse em 2013, há muito conservadorismo, impedindo que um novo ar primaveril se espalhe por toda a Igreja e a faça levar seu barco para águas mais profundas, fazendo-a voltar às fontes, tornando-a pobre, dos pobres.

A poesia é a ponte que nos aproxima do sagrado, quando todas as outras pontes estão interditadas. A poesia não possui fronteiras. A poesia nos ensina a voar quando nossos pés não conseguem mais experimentar o chão. A poesia tem o poder de neutralizar a polarização, em dizer sem ofender e desmerecer verdades necessárias, tem o poder de conciliar, que toca no sagrado e não em convenções.

Entrar em contato com a obra de um poeta que sabe expressar justamente o que o povo sente e precisa com extrema urgência é maravilhoso.

Em Patativa do Assaré, na Opção pelos Pobres que fez através da sua poesia, é o Verbo de Deus tocando a humanidade, se fazendo em nós, poesia. A Opção pelos Pobres, assumida pelo poeta, ficou evidente em todos os seus livros e nas entrevistas que deu ao longo de sua vida.

Deus Palavra Encarnada se faz poesia, germinando em nós o amor para que o diálogo entre Teologia e Literatura seja sempre uma carta de amor a Deus, à Igreja e ao Povo que procuramos servir.

Patativa do Assaré, desde *Inspiração Nordestina* (1956) até *Digo e não Peço Segredo* (2001) retratou a vida do cearense e do nordestino a partir de seu lugar de agricultor pobre, preocupado com a situação dos seus conterrâneos, dos excluídos, dos marginalizados pelo sistema, utilizando de uma linguagem acessível a todas as pessoas que tiveram a oportunidade de o escutarem, e de lerem sua obra.

Enquanto artesão da palavra soube voar alto e cantar para que o Brasil e o mundo conhecessem a sua verdade poética; adentrou pelo universo da cultura popular e da erudição sem perder de vista a beleza do sertão castigado pela seca, sem abrir mão de seu chão na Serra de Santana: ninho de suas criações.

Patativa do Assaré, por causa da experiência do encontro com Jesus de Nazaré, por inspiração divina, é considerado um agente do sagrado, pois utiliza a poesia enquanto instrumento de libertação integral, poesia como dom de Deus, como profecia. Por causa do seu compromisso com os que nada possuem, com os excluídos, com os marginalizados, com os famintos, com a reforma agrária, pode ser colocado e lembrado como um representante da Opção pelos Pobres, mesmo que seu vínculo com a Teologia da Libertação não seja de forma direta, sua poesia é utilizada para que a libertação aconteça.

Há de fato uma ponte, uma aproximação que nos permite entender esta ligação entre teologia e literatura. Uma não será reduzida ao mesmo tamanho da outra para possibilitar o diálogo. Ambas possuem um poder de provocação e de revelação do ser humano. No mais profundo da vida podem encontrar Deus!

A Opção pelos Pobres a partir de uma perspectiva de interpretação literária ainda não foi suficientemente debatido, mas nem por isso, deixa de ser uma perspectiva importante. Sem a sensibilidade que nasce da arte que é a literatura, não há como sentir o Deus dos pobres. Por nos esquecermos disso, é que a teologia tem falado muito da Igreja, da religião do outro, do mercado, mas muito pouco mesmo de Deus e do seu amor por sua criação. A literatura vem para recuperar isso, pois só o ser humano consegue interpretar o ser humano. Somos textos, estamos aí para sermos interpretados.

O resultado obtido com esta pesquisa foi descobrir que há um território imenso a ser desbravado nesta relação entre Teologia e Literatura, pois ainda, tudo é novidade e pequenos passos estão sendo dados nesta direção. Outros estudiosos, oriundos dos cursos de Pós-Graduação em Ciências da Religião já pesquisaram e estão pesquisando sobre o poeta Patativa do Assaré, e isso é sensacional, pois abre-se em nossa frente um leque enorme de informações e pontos de vista diferentes.

O desafio constante é o de não cessar o diálogo entre Teologia e Literatura, através de aprofundamentos em ambos os campos, criando assim, grupos interdisciplinares que possam pensar juntos o melhor caminho a ser percorrido.

Permanece portanto aberta a pesquisa, os debates e as discussões sobre os métodos e metodologias que possibilitam a aproximação, o diálogo e a interação entre a Literatura e a Teologia. É necessária a possibilidade de leituras múltiplas nas duas áreas, desafiando assim nossa humanidade, cobrando um posicionamento do cristianismo e de suas reflexões teológicas, como também, de outras religiões onde está acontecendo este diálogo.

A multiplicidade presente neste diálogo é educativa pois favorece a possibilidade de convivência pacífica nas diferenças entre Teologia e Literatura, educando assim o pensamento

no sentido de conviver com as diferenças sem impor um caminho único para produção e difusão do conhecimento.

Conclui-se que a Opção pelos Pobres é atual, necessária e útil e deve ser vivida, assumindo todas as consequências até o martírio, pois Patativa do Assaré, mesmo não sendo um teólogo, procurou ser sempre um poeta coerente com suas escolhas; dentre elas nunca abriu mão da verdade, da justiça, da liberdade e de viver no meio do povo.

Pode-se afirmar que no fundo, mais importante do que a Teologia e a Literatura, é a libertação do povo, a realização da justiça que leve o povo a viver com dignidade e em fraternidade.

E fica para todos nós, apaixonados pela Teologia e pela Literatura, o alerta profético de Patativa do Assaré: *“É melhor escrever errado a coisa certa do que escrever certo a coisa errada!”*.

BIBLIOGRAFIA

Fonte

ASSARÉ, Patativa do. **Aqui tem coisa**. São Paulo: Hedra, 2004.

_____. **Cante lá que eu Canto cá** – filosofia de um trovador nordestino. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Cordéis e Outros Poemas**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

_____. **Digo e não peço segredo**. São Paulo: Escrituras, 2003.

_____. **Inspiração Nordestina**. São Paulo: Hedra, 2003.

_____. **Ispinho e Fulô**. São Paulo: Hedra, 2005.

_____. **Patativa do Assaré uma voz do Nordeste**. 3.ed. São Paulo: Hedra, 2011.

ASSARÉ, Patativa do. ALENCAR, Geraldo Gonçalves de. (Orgs.). **Ao Pé da Mesa – Motes e Glosas**. São Paulo: Terceira Margem, 2001.

_____. **Balceiro – Patativa e outros poetas de Assaré**. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1991.

Sobre Patativa do Assaré

ALENCAR, Geraldo Gonçalves de. **Balceiro 2 – Patativa e Outros Poetas do Assaré**. São Paulo: Terceira Margem, 2001.

BESCHI, Carlos. **Pro modo de traduzir Patativa**. Disponível em: <www.patativa.gnumerica.org>. Acesso em: 10 mar. 2015.

BRITO, Antonio Iraldo Alves de. **Patativa do Assaré: uma voz poética e profética do Brasil profundo**. Vida Pastoral, São Paulo, n. 296, p. 23-32, mai./jun. 2014.

_____. **Patativa do Assaré: porta-voz de um povo – as marcas do sagrado em sua obra**. São Paulo: Paulus, 2010.

BRITO, Francisco de Assis. **O Metapoema em Patativa do Assaré: Uma Introdução ao Pensamento Literário do Poeta**. Crato: UFC, 1984.

CARIRY, Rosemberg. **Patativa do Assaré – Ave Poesia**. DVD. Produção de Petrus Cariry e Teta Maia. Direção de Rosemberg Cariry. Fortaleza, Cariri Filmes, 2007, 1 DVD, 84 min. col. p&b. som.

CARVALHO, Gilmar de. **Cem Patativa**. Fortaleza: Omni Editora, 2010.

_____. **Patativa do Assaré**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

_____. **Patativa Poeta Pássaro do Assaré**. 2.ed. Fortaleza: Omni Editora, 2002.

_____. **Patativa do Assaré Pássaro Liberto**. 2.ed. Fortaleza: Museu do Ceará, 2011.

COBRA, Cristiane Moreira. **Patativa do Assaré – Uma hermenêutica criativa: a reinvenção da religiosidade na nação semiárida**. São Paulo: Dissertação. 2006.

FEITOSA, Luiz Tadeu. **Patativa do Assaré – a trajetória de um canto**. São Paulo: Escrituras, 2003.

FILHO, J. de Figueirêdo. **Patativa do Assaré – novos poemas comentados**. Edição fac-similar. Fortaleza: Museu do Ceará, 2005.

NUVENS, Plácido Cidade. **Patativa do Assaré, um clássico**. Crato: A Província Edições, 2002.

_____. **Patativa e o universo fascinante do sertão**. Fortaleza: Fundação Edson Queiroz Universidade de Fortaleza, 1995.

ROCHA, Jesus. **Filosofando com Patativa**. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

_____. **Patativa do Assaré: um poeta popular**. Fortaleza: APEX Gráfica e Editora Ltda, 2000.

ROIZENBLIT, Sergio. **O Milagre de Santa Luzia – uma viagem pelo Brasil que toca sanfona**. DVD. Produção de Miração Filmes. Direção de Sergio Roizenblit. São Paulo, Miração Filmes, 2008, 1 DVD, 105 min. col. som.

SANTANA, Tiago. CARVALHO, Gilmar de. **Patativa do Assaré – o sertão dentro de mim**. São Paulo: Edições SESC-SP, 2010.

SANTOS, Maria Ferreira dos. **Aspectos Sociológicos na Poesia de Patativa do Assaré e o Drama da Triste Partida**. Crato: A Província Edições, 1993.

Sobre a Opção pelos Pobres

BENTO XVI. **Discurso inaugural da V Conferência**. Aparecida, 13/05/2007, in: DOCUMENTO DE APARECIDA – Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus e Paulinas, 2013.

DOMEZI, Maria Cecília. **O Concílio Vaticano II e os Pobres**. São Paulo: Paulus, 2014.

GONZAGUINHA. Pobreza por pobreza. Intérprete: Gonzagão. In: Gonzagão & Gonzaguinha. **Juntos**. São Paulo: BMG, 1994, 1 CD, faixa 9.

GUTIÉRREZ, Gustavo. A irrupção do pobre na América Latina e as comunidades cristãs populares. In: TORRES, Sergio. **A Igreja que surge da base**. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

_____. **Onde dormirão os pobres?** 3. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

LOPES, Mercedes. **Semente de esperança – a leitura popular da Bíblia nas Comunidades da América Latina.** Concilium, Petrópolis, n. 335, p. 72 – 84, jul./dez. 2008.

MESTERS, Carlos. OROFINO, Francisco. **Critérios e Método da Leitura Popular da Bíblia.** In: BEOZZO, José Oscar. O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas. São Leopoldo: UNISINOS, 2015.

MOSCONI, Luís. **Santas Missões Populares:** uma experiência de evangelização voltada para o povo. 26. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro (Org.). **Opção pelos pobres no Século XXI.** São Paulo: Paulinas, 2011.

PIXLEY, Jorge. **O Deus libertador na Bíblia:** Teologia da libertação e filosofia processual. São Paulo: Paulus, 2011.

PIXLEY, Jorge. BOFF, Clodovis. **Opção pelos Pobres.** Petrópolis: Vozes, 1986.

RICHARD, Pablo. **A força espiritual da palavra de Dom Romero.** São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. **Força ética e espiritual da Teologia da Libertação** – no contexto atual da globalização. São Paulo: Paulinas, 2006.

SILVA, Rafael Rodrigues da. **A leitura da Bíblia e a teologia da libertação.** In: AUGUSTO, Adailton Maciel (Org.). Teologia da Libertação no Brasil – História, Memória e Utopia. Piracicaba: Biscalchin Editor, 2015.

SOBRINO, Jon. **Fora dos pobres não há salvação – pequenos ensaios utópico-proféticos.** São Paulo: Paulinas, 2008.

TOMITA, Luiza E. VIGIL, José M. BARROS, Marcelo (Orgs.). **Teologia Latino-Americana Pluralista da Libertação**. São Paulo: Paulinas, 2006.

VIGIL, José Maria. (Org.). **Opção pelos pobres hoje**. São Paulo: Paulus, 1992.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Democracia e Igreja Popular**. São Paulo: Educ, 2007.

Básica

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **A dimensão socioestrutural do reinado de Deus** – escritos de teologia social. São Paulo: Paulinas, 2011.

BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e Teologia**. ALMEIDA, Edson Fernando de. LONGUINI, Luiz. (Orgs.). **Teologia para quê? – Temas teológicos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARROS, Marcelo. **Dom Helder Câmara – profeta para os nossos dias**. São Paulo: Paulus, 2011.

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. **O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas**. São Leopoldo: UNISINOS, 2015.

_____. **Pacto das Catacumbas – por uma Igreja Servidora e Pobre**. São Paulo: Paulinas, 2015.

BINGEMER, Maria Clara L. **Jesus Cristo: Servo de Deus e Messias Glorioso**. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. **Teologia e literatura (afinidades e segredos compartilhados)**. Vida Pastoral: maio-junho. São Paulo: Paulus, 2014, p. 3-8.

BOFF, Leonardo. **E a Igreja se fez Povo – Ecclesiogênese: a Igreja que nasce da fé do povo**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **Ecclesiogênese: a reinvenção da Igreja**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **Francisco de Assis e Francisco de Roma – Uma nova primavera na Igreja**. 2.ed.rev.amp. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2014.

_____. **Igreja: Carisma e Poder – Ensaio de ecclesiologia militante**. 2.ed. São Paulo: Editora Record, 2010.

_____. **Jesus Cristo Libertador – Ensaio de Cristologia Crítica para o nosso Tempo**. 20.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Novas Fronteiras da Igreja: o futuro de um povo a caminho**. Campinas: Verus, 2004.

_____. **O amor e a misericórdia são categorias centrais da teologia e prática de Francisco**. IHU ON-LINE, São Leopoldo, n. 465, p. 47-51, mai. 2015.

BOMBONATTO, Vera Ivanise. **Seguimento de Jesus – uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino**. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

BRIGHENTI, Agenor. HERMANO, Rosário (Orgs.). **A Teologia da Libertação em Perspectiva**. São Paulo: Paulinas. Paulus, 2013.

CLEMENTS, R. E. **O mundo do Antigo Israel – perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas**. São Paulo: Paulus, 1995.

COMBLIN, José. **A Profecia na Igreja**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2009.

_____. **Jesus Cristo e sua missão – breve curso de Teologia – tomo I**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

_____. **Jesus de Nazaré.** 2.ed. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. **O povo de Deus.** São Paulo: Paulus, 2002.

DREYFUS, Dominique. **Vida do Viajante: A Saga de Luiz Gonzaga.** 3.ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

DUSSEL, Enrique. **Hipóteses para uma história da teologia na América Latina (1492-1980).** In: VV.AA. *História da Teologia na América Latina.* São Paulo: Edições Paulinas, 1981.

FREIRE, Paulo. **Educação prática da Liberdade.** 34.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 50.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GERA, Lucio. **La Teología Argentina del Pueblo.** Santiago de Chile: Edições Universidad Alberto Hurtado. Centro Teológico Manuel Larraín, 2015.

GESCHÉ, Adolphe. **O Cristo.** São Paulo: Paulinas, 2004.

GONÇALVES, Alfredo J. **O trem das CEBs.** Disponível em: <<http://icjinstitutocapixabadejuventude.blogspot.com/2011/07/tdl-em-mutirao-5.html>>. Acesso em: 17 out. 2015.

HAIGHT, Roger. **Dinâmica da Teologia.** São Paulo: Paulinas, 2004.

HAURÉLIO, Marco. **Breve História da Literatura de Cordel.** São Paulo: Editora Claridade, 2010.

_____. **Literatura de Cordel do sertão à sala de aula.** São Paulo: Paulus, 2013.

HORTAL, Jesus. *Justiça/Injustiça.* In: **DICIONÁRIO DO CONCÍLIO VATICANO II.** São Paulo: Paulinas / Paulus, 2015.

LIBANIO, João Batista. **Concílio Vaticano II – Em busca de uma primeira compreensão**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. **Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano – do Rio de Janeiro a Aparecida**. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Teologia da Libertação**. Disponível em: <<http://www.jbllibanio.com.br/>>. Acesso em: 27 jun. 2015.

MAGALHÃES, Antonio. **Deus no espelho das palavras – Teologia e literatura em diálogo**. 2.ed.rev.amp.São Paulo: Paulinas, 2009.

MANZATTO, Antonio. Jesus Cristo. In: DICIONÁRIO DO CONCÍLIO VATICANO II. São Paulo: Paulinas / Paulus, 2015.

_____. **Pequeno panorama de teologia e literatura**. In: MARIANI, Ceci Baptista. VILHENA, Maria Angela. Teologia e Arte – expressões de transcendência, caminhos de renovação. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **Teologia e Literatura – reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado**. São Paulo: Loyola, 1994.

MANZATTO, Antonio. PASSOS, J. Décio. MONNERAT, José Flávio. **A Força dos Pequenos – Teologia do Espírito Santo**. São Paulo: Paulus, 2013.

MESTERS, Carlos. **Jesus Formando e Formador – aprender e ensinar**. São Leopoldo: CEBI, 2012.

MOSCONI, Luis. **Profetas da Bíblia e nós, hoje**. 4.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

PAGOLA, José Antonio. **Jesus Aproximação Histórica**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

PAIXÃO, Fernando. **O mundo encantado da Literatura de Cordel**. Oficina de Literatura de Cordel – I Encontro Nacional de Juventudes e Espiritualidade Libertadora. Apostila. Fortaleza: 2014.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **Do terror de Isaac ao abbá de Jesus** – por uma nova imagem de Deus. São Paulo: Paulinas, 2001.

RAMPON, Ivanir Antonio. **O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara**. São Paulo: Paulinas, 2013.

SANTOS, Arthur Francisco Juliatti dos. **Justiça: raízes bíblicas e consequências teológico-pastorais**. Revista de Cultura Teológica, São Paulo, n. 69, p. 23-33, jan./mar. 2010.

SOBRINO, Jon. **Jesus, o Libertador – a História de Jesus de Nazaré**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

SUESS, Paulo. **Dicionário de Aparecida** – 42 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

STRAZZARI, Francesco. **Para conhecer o Papa Francisco**. São Paulo: Paulinas, 2014.

THEISSEN, Gerd. MERZ, Annete. **O Jesus Histórico – Um Manual**. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

VASCONCELLOS, Pedro. L. SILVA, Valmor da. **Caminhos da Bíblia** – uma história do povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2003.

VEDOATO, Giovani Marinot. **Jesus Cristo na América Latina** – Uma introdução à Cristologia da Libertação. Aparecida: Editora Santuário, 2010.

VILLAS BOAS, Alex. **Teologia e Poesia** – a busca de sentido em meio às paixões em Carlos Drummond de Andrade como possibilidade de um pensamento poético teológico. Sorocaba: Create Editora, 2011.

WILSON, Robert R. **Profecia e Sociedade no Antigo Israel**. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

Sagrada Escritura

BÍBLIA: Bíblia do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA: Nova Bíblia Pastoral. São Paulo: Paulus, 2015.

BÍBLIA: TEB - Tradução Ecumênica da Bíblia. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

Documentos do Magistério

CONCÍLIO VATICANO II. **Gaudium et Spes – Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no Mundo de Hoje**. 17.ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Lumen Gentium – “De Ecclesia”** – Constituição Dogmática do Concílio Ecumênico Vaticano II sobre a Igreja. 23.ed. São Paulo: Paulinas, 2013.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (2.: 1968: Medellín). **Conclusões da Conferência de Medellín – 1969: trinta anos depois, Medellín é ainda atual?** 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (3.: 1979: Puebla). **A evangelização no presente e no futuro da América Latina: conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano**. 14. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (4.: 1992: Santo Domingo). **Santo Domingo – Conclusões**. 11.ed. São Paulo: Loyola, 1997.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINOAMERICANO (5.: 2007: Aparecida). **Documento de Aparecida** – Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus / Paulinas, 2013.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB. **Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil**. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1999.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB. **Evangelização e missão profética da Igreja** – novos desafios. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB. **Mensagem ao Povo de Deus sobre as Comunidades Eclesiais de Base**. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

DOCUMENTOS DA IGREJA. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 1997.

FRANCISCO. **Carta do Papa Francisco sobre a Teologia**. Disponível em: <<https://observatoriodaevangelizacao.wordpress.com/2015/03/10/carta-do-papa-francisco-sobre-a-teologia/>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

FRANCISCO. **Evangelii Gaudium – a alegria do Evangelho** – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.